



Hinc patriam sustinet

**Instituto Superior de Agronomia**  
**Universidade Técnica de Lisboa**



## **LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO EM PENHA GARCIA**

**Valorização de um Património Cultural**

**Carolina Marques Ribeiro**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**Arquitectura Paisagista**

Orientador: Licenciado Pedro Miguel Ramos Arsénio

**Júri:**

Presidente – Doutora Ana Maria da Silva Monteiro, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais – Doutora Ana Luísa Brito dos Santos de Sousa Soares Ló de Almeida, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

– Licenciado Pedro Miguel Ramos Arsénio, Assistente do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

Lisboa, 2010

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, porque sem eles este trabalho não existiria.

Ao professor Pedro Arsénio, pela disponibilidade em orientar esta dissertação, pela bibliografia e pelas sugestões dadas ao longo da sua elaboração.

À Investigadora Dalila Espírito Santo, pela disponibilidade, sugestões e revisões de última hora.

Ao professor José Carlos Costa, pela ajuda na identificação das plantas, revisão de texto e sugestões.

À Eng<sup>a</sup> Teresa Vasconcelos, pela ajuda na identificação das plantas.

À Eng<sup>a</sup> Orlanda Póvoas, pela amabilidade que teve ao receber-me em Elvas, pela imensa bibliografia gentilmente cedida e pelas sugestões dadas.

À Manuela Catana, pelo apoio logístico e acompanhamento na primeira ida a Penha Garcia, pela bibliografia, sugestões e disponibilidade permanente.

Ao Sr. Domingos, pelos passeios no campo para encontrar as plantas.

À D. Josefina, D. Cecília e a todas as outras senhoras, pelas tardes no forno comunitário.

À D. Lurdes pelos chás.

Ao professor da escola primária de Penha Garcia, João Moreira, pelo interesse em colaborar com os seus alunos neste estudo. E aos alunos que tão bem fizeram os trabalhos de casa.

Aos formadores e alunos de formação que se disponibilizaram a colaborar.

À direcção do Lar da 3<sup>a</sup> Idade de Penha Garcia, pela permissão para falar com alguns dos seus utentes.

A todos os Penhagarcenses que colaboraram comigo neste trabalho e tão amavelmente me receberam, contando-me sobre a sua vida com as plantas.

À Inês, pelo “abrigo” em Idanha-a-Nova, pela companhia constante nas longas viagens, pelas ideias e sugestões partilhadas, pela ajuda na recolha de informação e pelas horas de trabalho em conjunto. Grazie!

Aos avós da Inês, pelo carinho com que me receberam.

À minha irmã pela ajuda na recta final, pela compreensão nas semanas de ausência e dias de mau humor.

Aos amigos (e não só) que me aturaram, incentivaram e/ou compreenderam as minhas ausências, João, Cláudia, “Inêses”, Ana, Sara, Raquel, Cátia, Henrique, Isa, Espanhol...

Aos meus pais de novo, por todo o amor e suporte que me deram para que esta etapa chegasse ao fim.

E ao resto da família, pela motivação e apoio moral que nunca faltou!

RESUMO

A descaracterização social e económica que ocorreu nas últimas décadas, principalmente nas zonas rurais do interior do país, conduziu à degradação paisagística e à perda de valores identitários das populações, levando também à tentativa de promover o desenvolvimento sustentável através de estratégias de desenvolvimento local, procurando os valores que identificam cada região.

A autora promoveu uma aproximação junto da população de Penha Garcia, que visava recolher e reconhecer as plantas e suas utilizações nesta aldeia, o que fez sobressair o valor de um conhecimento adquirido ao longo da vida. Esta dissertação apresenta os resultados de um levantamento etnobotânico como meio de protecção de um conhecimento que corre o risco de desaparecer e como valorização de um património cultural imaterial.

Foram citadas 67 plantas úteis, perfazendo um total de 106 nomes populares. Das plantas citadas, 80,6% são silvestres. Identificaram-se 52 espécies reunidas em 32 famílias. As famílias mais representadas são a *Labiatae* e a *Compositae*. A erva-das-sete-sangrias (*Lithodora diffusa*) e a carqueja (*Pterospartum tridentatum* subsp. *tridentatum*) são as plantas mais citadas e os usos mais referidos, o medicinal e o alimentar. As espécies com mais usos são a *Lavandula stoechas* subsp. *stoechas* (rosmaninho) e a *Rosmarinus officinalis* (alecrim).

**Palavras-Chave:** Património Cultural, Plantas úteis, Penha Garcia

ABSTRACT

The social and economic distortion that has occurred in recent decades, particularly in rural areas of the country, led to landscape degradation and loss of the population identity values. However, it also led to an attempt to promote sustainable development through local development strategies, looking for values that identify each region.

The author therefore, promoted a research near the population of Penha Garcia, in order to collect and recognize the plants and their usage in this village, which has highlighted the value of knowledge acquired throughout life. This thesis presents the results of an ethnobotanical survey in Penha Garcia, as a means of protection of a knowledge in danger of disappearing and as an appreciation of cultural heritage.

Were cited 67 useful plants, making a total of 106 popular names. Of the plants cited, 80.6% are wild. Were identified 52 species grouped in 32 families. The most represented families are the *Labiatae* and *Compositae*. The erva-das-sete-sangrias (*Lithodora diffusa*) and carqueja (*Pterospartum tridentatum* subsp. *tridentatum*) are the plants most cited and the most reported uses are food and medical ones. The species with more uses are *Lavandula stoechas* subsp. *stoechas* (rosmaninho) and *Rosmarinus officinalis* (alecrim).

**Keywords:** Cultural Heritage, Useful Plants, Penha Garcia

EXTENDED ABSTRACT

Ethnobotany is the study of the dynamic and interdependent relationships between human and plants world.

This dissertation presents the results of a survey of ethnobotany in Penha Garcia, following an idea that emerged from contacts with the Tourism Office of the “Centro Cultural Raiano” of Idanha-a-Nova, considering the need to find new alternatives able to complement the existing strategies for sustainable development.

As a consequence of economic and social stagnation, occurring for a long time, in this region of the country with a strong rural character, which endangered its rich cultural heritage and degraded landscape and identity values, the municipality of Idanha-a-Nova has been implementing measures to attract tourism and generate new economic and social benefits, that can respond to the specificities of each territory. New forms of tourism are therefore proposed, more directly related to nature, which bring out the need to know the values that identify each region.

The intangible cultural heritage is deeply connected to local contexts and definitions of their identities, which includes practices, knowledge and skills. Understanding the meaning and value of these assets will lead to the awareness of issues of identity and pride in their culture, and local people will tend to protect and save it, and transmit it to succeeding generations.

The landscape includes the natural and cultural heritage, contributing to shape cultures and consolidation of local identities and is also a key element in the quality of life of populations.

The action promoted by the author near the population in question has highlighted the value of knowledge acquired throughout life, which the inhabitants themselves did not feel as relevant.

The process of collecting the information used, which focused on the use of plants by local people, was to travel to the village under study in order to prepare the interviews, mainly to elderly people that usually possess such knowledge. In parallel, surveys were conducted, aiming primary school students as a way to integrate them into this theme.

The dissertation has as part, a bibliography research on the issues comprising ethnobotany, such as the evolution of science, its multidisciplinary, its applications, the importance of plants, the history of the same interests and methodologies, which served as the basis for development of the practical part. Furthermore, it approaches the topic of intangible cultural heritage and its current relevance of sustainable development strategies, as well as legislation on the protection of natural and cultural heritage.

The presentation of the case study begins with a brief description of the new measures implemented in terms of promoting tourism in the region. A geographical, social, geological and

geomorphologic framework of Penha Garcia was made, and also the description of climate, flora and vegetation and characterization of the surrounding landscape.

After presenting the case study, the results of ethnobotanical survey are shown, preceded by the methodologies used by the author on the study. The information collected on the plants, their uses and applications, considered valid, are sorted alphabetically by scientific name and include a brief description of the characteristics of each plant. The popular knowledge obtained are also described, which may not be accurate due to lack of botanical identification, but remain important as cultural witness.

Were cited 67 useful plants, making a total of 106 popular names. Of the plants cited, 80.6% are wild. Were identified 52 species grouped in 32 families. The most represented families are the *Labiatae* and *Compositae*. The erva-das-sete-sangrias (*Lithodora diffusa*) and carqueja (*Pterospartum tridentatum* subsp. *tridentatum*) are the plants most cited and the most reported uses are food and medical ones. The species with more uses are *Lavandula stoechas* subsp. *stoechas* (rosmaninho) and *Rosmarinus officinalis* (alecrim).

ÍNDICE

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
EXTENDED ABSTRACT	iii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 CONTEXTO DO ESTUDO E OBJECTIVOS	1
2. ETNOBOTÂNICA	2
2.1 O QUE É?	2
2.2 PORQUÊ A ETNOBOTÂNICA?	4
2.3 A MULTIDISCIPLINARIDADE DA ETNOBOTÂNICA	5
2.4 RAÍZES HISTÓRICAS DO INTERESSE PELAS PLANTAS	7
2.5 METODOLOGIA EM ETNOBOTÂNICA	10
2.6 A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS	12
2.7 VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL	14
2.8 LEGISLAÇÃO	16
2.9 EM PORTUGAL	19
3. A ETNOBOTÂNICA COMO OBJECTO DE ESTUDO DA ARQUITECTURA PAISAGISTA	20
4. APRESENTAÇÃO DO CASO DE ESTUDO – PENHA GARCIA	22
4.1 GEOPARK NATURTEJO DA MESETA MERIDIONAL E PARQUE ICNOLÓGICO DE PENHA GARCIA	22
4.2 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E SOCIAL	25
4.3 ENQUADRAMENTO GEOLÓGICO	27
4.4 ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO	28
4.5 CLIMA	31
4.6 FLORA E VEGETAÇÃO	31
4.7 CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM	32
5. PATRIMÓNIO ETNOBOTÂNICO DE PENHA GARCIA	34
5.1 INTRODUÇÃO	34
5.2 METODOLOGIA UTILIZADA	35
5.2.1 RECOLHA DO CONHECIMENTO POPULAR	35
5.2.2 CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS NOMES POPULARES LOCAIS E OS NOMES CIENTÍFICOS E IDENTIFICAÇÃO DAS PLANTAS	38

---

5.3 TRATAMENTO DE RESULTADOS	39
6. RESULTADOS	41
6.1 CATÁLOGO ETNOBOTÂNICO	42
6.2 PLANTAS DUVIDOSAS	72
6.2.1 COM IDENTIFICAÇÃO PROVÁVEL	72
6.2.2 PLANTAS SEM IDENTIFICAÇÃO	74
7. DISCUSSÃO DE RESULTADOS E PERSPECTIVAS FUTURAS	75
8. CONCLUSÕES	77
9. BIBLIOGRAFIA	79
<hr/>	
ANEXOS	
<hr/>	
ANEXO I – MODELO DE INQUÉRITO	
<hr/>	
ANEXO II – FOTOGRAFIA DE UMA <i>Drosera rotundifolia</i>	
<hr/>	
ANEXO III – ICNOFÓSSIL DE <i>CRUZIANA</i> NA ROTA DOS FÓSSEIS EM PENHA GARCIA	
<hr/>	
ANEXO IV – RECEITAS DE PENHA GARCIA	
<hr/>	
ANEXO V – ENTREVISTAS	
<hr/>	
ANEXO VI – INQUÉRITOS	
<hr/>	
ANEXO VII – LISTA DE ESPÉCIES ORDENADA POR TIPO DE USO MAIS CITADO	
<hr/>	
ANEXO VIII – LISTA DE NOMES POPULARES LOCAIS ORDENADOS ALFABETICAMENTE	
<hr/>	
LISTA DE NOMES POPULARES DE PLANTAS NÃO IDENTIFICADAS	
<hr/>	
ANEXO IX – LISTA DE ESPÉCIES ORDENADA POR FAMÍLIAS	
<hr/>	
ANEXO X – LISTA DE PLANTAS ÚTEIS ORDENADA POR NOME CIENTÍFICO, RESPECTIVOS NOME POPULARES E UTILIZAÇÕES	
<hr/>	



---

LISTA DE FIGURAS	PÁG
FIGURA 1. Vista parcial do Parque Icnológico de Penha Garcia com os moinhos de rodízio	23
FIGURA 2. Vale do rio Pônsul. Penha Garcia	24
FIGURA 3. Território do Geopark Naturtejo da Meseta Meridional, com localização de Penha Garcia (modificado de Catana, 2008a)	24
FIGURA 4. As cristas quartzíticas emolduram a aldeia de Penha Garcia que se estende na encosta da Serra do Ramiro	25
FIGURA 5. A – Mapa de Portugal continental com a localização dos Distritos; B – Mapa dos concelhos do distrito de Castelo Branco; C – Mapa do concelho de Idanha-a-Nova, onde se destaca a freguesia de Penha Garcia (adaptados de <a href="http://portugal.veraki.pt">http://portugal.veraki.pt</a> )	26
FIGURA 6. Esboço geológico da região de Idanha-a-Nova, adaptado de (Sequeira e Proença, 2004)	28
FIGURA 7. Esboço Geomorfológico da região de Idanha-a-Nova, retirado de Sequeira e Proença (2004)	29
FIGURA 8. Sinclinal de Penha Garcia, com indicação das quatro Serras que o constituem (imagem de satélite modificada do <i>Google Earth</i> )	30
FIGURA 9. Localização de Penha Garcia na margem direita do rio Pônsul. (imagem de satélite modificada do <i>Google Earth</i> )	30
FIGURA 10. Unidades e Grupos de Paisagem em Portugal Continental (retirado de Abreu <i>et al.</i> , 2004)	33
FIGURA 11. Unidade de Paisagem 50 – Penha Garcia e Serra da Malcata (retirado de Abreu <i>et al.</i> , 2004)	34
FIGURA 12. Entrevista realizada no forno comunitário de Penha Garcia	37
FIGURA 13. <i>Arbutus unedo</i> L.	42
FIGURA 14. <i>Bryonia dioica</i> Jacq.	43
FIGURA 15. <i>Cistus ladanifer</i> L.	44
FIGURA 16. <i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	45
FIGURA 17. <i>Cydonia oblonga</i> Miller	46
FIGURA 18. <i>Ficus carica</i> L.	47
FIGURA 19. <i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	48
FIGURA 20. <i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl subsp. <i>angustifolia</i>	48
FIGURA 21. <i>Geranium purpureum</i> Vill.	49
FIGURA 22. <i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moench	50
FIGURA 23. <i>Laurus nobilis</i> L.	51
FIGURA 24. <i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>stoechas</i>	52
FIGURA 25. <i>Mentha pulegium</i> L.	53
FIGURA 26. <i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.	54
FIGURA 27. <i>Olea europaea</i> L. var. <i>europaea</i>	55
FIGURA 28. <i>Origanum virens</i> Hoffmanns. et Link	57
FIGURA 29. <i>Parietaria judaica</i> L.	57

FIGURA 30. <i>Paronychia argentea</i> Lam.	58
FIGURA 31. <i>Phytolacca americana</i> L.	59
FIGURA 32. <i>Portulaca oleracea</i> L.	60
FIGURA 33. <i>Pterospartum tridentatum</i> (L.) Willk. in Willk. & Lange subsp. <i>tridentatum</i>	61
FIGURA 34. <i>Pyrus bourgaeana</i> Decne.	61
FIGURA 35. Tropeço (fotografia de Raquel Santiago)	63
FIGURA 36. <i>Rosa canina</i> L.	64
FIGURA 37. <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	65
FIGURA 38. <i>Rumex induratus</i> Boiss & Reuter	65
FIGURA 39. <i>Rumex pulcher</i> L. subsp. <i>woodsii</i> (De Not.) Arcang.	66
FIGURA 40. <i>Sambucus nigra</i> L.	67
FIGURA 41. <i>Satureja baetica</i> (Boiss . & Heldr.) Pau	67
FIGURA 42. <i>Satureja hortensis</i> L.	68
FIGURA 43. <i>Taraxacum officinale</i> Weber	69
FIGURA 44. <i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy in Ridd.	70

## 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, ocorreram no espaço rural transformações profundas a nível económico e social, que resultaram no despovoamento e abandono rural de partes consideráveis do nosso território, em especial no interior do país. Apesar de terem rompido com anos de isolamento e facilitado o intercâmbio de produtos, cultivos, tecnologias e a mobilidade de pessoas, ideias e modos de vida, este novo aspecto da sociedade levou à estagnação económica destas regiões e pôs em perigo o seu riquíssimo património cultural. Estas mudanças reflectem-se no modo de vida das pessoas e concretizam-se nas suas paisagens. Como consequência, perde-se muita da sabedoria tradicional sobre o universo vegetal, degradando os valores paisagísticos e identitários das populações.

O contacto com o mundo natural é cada vez menor, as pessoas migram para os grandes centros urbanos e esquecem-se da “vida” que acontece fora desses limites, sem a qual não teriam a grande maioria dos alimentos, roupa ou medicamentos de que necessitam. Um dos meios eficazes para aumentar o conhecimento e sensibilizar as pessoas para a reaproximação com o seu meio natural, é travar um contacto directo com a beleza e a diversidade encontradas na natureza. Consequentemente, surgem novas formas de turismo mais directamente relacionadas com a natureza que fazem aflorar a necessidade de conhecer os valores que identificam cada região o que, numa época em que se pretende promover o desenvolvimento sustentável, auxilia a concepção de estratégias de desenvolvimento local que correspondam às especificidades do território. É imprescindível ainda, investir na conservação do património nele existente, seja ele biológico, histórico, cultural ou religioso, para que as estratégias não fiquem aquém do pretendido e dêem verdadeiro impulso ao desenvolvimento local.

Num momento em que a comunicação oral entre gerações não é tão efectiva, a recolha de conhecimento acerca de espécies vegetais, aplicações ou nomes populares, por exemplo, é tão necessária e urgente tanto para memória futura, como para o desenvolvimento e aproveitamento sustentável dos recursos, assunto actual muito pertinente (Carvalho, 2005). É neste contexto que a etnobotânica se insere, registando informações que correm o risco de se perderem num curto período de tempo.

### 1.1 CONTEXTO DO ESTUDO E OBJECTIVOS

A presente dissertação apresenta os resultados do levantamento etnobotânico que foi realizado na aldeia de Penha Garcia, tendo a parte prática decorrido durante o ano lectivo de 2009/2010. A aldeia situa-se no concelho de Idanha-a-Nova (ver capítulo 4.1), numa região predominantemente rural que tem sido alvo de alterações positivas a nível do Turismo de Natureza, desenvolvendo e implementando estratégias de valorização e divulgação do seu património

geológico (Catana, 2008a). Existem ainda, nesta região, muitas pessoas ligadas ao mundo rural e à vida de campo, possuidoras de importantes conhecimentos etnobotânicos que é preciso recuperar e valorizar. Como tal, é uma zona que poderia investir ainda mais, na divulgação das suas características naturais e culturais para aumentar, não só em quantidade mas também em diversidade, aquilo que pode oferecer às pessoas que a visitam.

Este trabalho segue uma abordagem centrada no alto significado simbólico e cultural que têm estes conhecimentos populares tradicionais acerca dos usos das plantas. Pretendeu-se contribuir não apenas para a recolha desses conhecimentos, mas também para a promoção e divulgação a todas as pessoas interessadas no desenvolvimento rural. Assim, apela-se à valorização e preservação da biodiversidade existente e de um património imaterial que é premente passar para as novas gerações, com o intuito de impedir que este desapareça. Os objectivos principais deste estudo foram: a) Elaboração um catálogo da flora local, que compile informação sobre o conhecimento no que se refere aos usos tradicionais e ao maneiio das plantas silvestres e cultivadas; b) Registo dos nomes vulgares das plantas locais e correspondência com os respectivos nomes científicos; c) Registo de informação representativa de um património cultural e natural, imprescindível para reconhecer a influência do Homem na evolução da paisagem e contribuir para a valorização e gestão dos recursos naturais ainda disponíveis. Complementarmente vêm os objectivos secundários, tais como a recolha de imagens fotográficas das plantas úteis da região e a posterior elaboração de um folheto de espécies vegetais tradicionalmente utilizadas pelos moradores da aldeia.

## 2. ETNOBOTÂNICA

### 2.1 O QUE É?

A etnobotânica é uma das disciplinas que constituem a etnoecologia, ciência que estuda o modo como as pessoas interagem com todos os aspectos do ambiente natural e que, ao contrário das ciências naturais e sociais que se foram tornando reducionistas, proporciona uma visão holística do conhecimento humano sobre a natureza (Martin, 1995).

O termo surgiu pela primeira vez quando, em 1895, o botânico norte-americano John W. Harshberger, relatou as descobertas sobre resíduos de plantas antigas em arribas e descreveu os seus estudos como etnobotânicos. A etnobotânica, designada por Harshberger como o estudo das plantas utilizadas pelos povos primitivos e aborígenes foi, então, proposta como disciplina com as suas próprias definições, âmbito, objectivos e metodologia (Cotton, 1996).

Deve entender-se que, desde sempre, a humanidade procurou no mundo vegetal a satisfação de uma grande parte das suas necessidades de sobrevivência, manipulando o meio natural

de forma bem mais complexa do que apenas utilizando das plantas e que, qualquer interacção entre as pessoas e as plantas, tem de ser vista como integrada em contextos ambientais e culturais específicos (Minnis, 2000). Desde que se tomou consciência que estas interacções não são estáticas, a atenção dos estudos foi focada, não só no modo como as plantas são usadas, mas também em como são entendidas e geridas pelas populações e nas relações recíprocas entre as sociedades humanas e as plantas, das quais dependem (Cotton, 1996).

Devido à multidisciplinaridade desta ciência e à índole insuficiente da sua primeira definição, vários foram os autores a afirmar a sua visão sobre a etnobotânica e várias as tentativas de redefinição do conceito. A visão de Harshberger continua a ser o cerne da etnobotânica, mas durante o século XX foi sendo reformulada com a prática dos investigadores e, apesar de ainda hoje não se ter chegado a uma descrição exacta, pode dizer-se que há um elevado grau de consenso na definição dada ao âmbito desta disciplina.

Em termos gerais, pode dizer-se que a etnobotânica é entendida como uma ciência interdisciplinar, preocupada com a relação dinâmica entre as sociedades humanas e as plantas (Svanberg e Tunón, 2000). Recorre aos objectivos, conceitos e metodologias de diversas disciplinas como a antropologia, a etnografia, a sociologia, a ecologia, a botânica ou a farmacologia e preocupa-se com o modo como se entende, utiliza e gere o universo vegetal num determinado contexto cultural (Alexiades, 1996; Schultes e von Reis, 1995). É uma área da ciência multidisciplinar, no que se refere às bases em que se apoia e nos contributos que pode oferecer (Camejo-Rodrigues, 2001).

Ford (1994) descreveu a etnobotânica como uma unidade de estudo ecológico especializado na interacção do Homem e o mundo das plantas. Numa análise mais etimológica, Balick e Cox (1996) consideram que o significado da etnobotânica está implícito na própria palavra: *etno*, o estudo dos povos e *botânica*, o estudo das plantas. Entre estes dois extremos, existe um enorme espectro de interesses que é limitado pelos lados “botânico”, no qual alguns estudos são relacionados com as plantas mas não têm conexão com os povos; e “etno”, em que a maior parte dos estudos diz respeito ao modo como os povos indígenas viam e utilizavam as plantas. Também Turner (1995) refere a origem da palavra, tornando lógica como definição a “ciência das interacções dos povos com as plantas”.

Os conhecimentos populares transmitidos ao longo de gerações por via oral, objecto dos estudos levados a cabo por etnobotânicos em todo o mundo, estão intimamente ligados com a necessidade dos povos em aplicá-los em seu proveito. A mudança da atitude desinteressada perante os povos tradicionais, que levou a uma perda considerável de património cultural e a necessidade de registar com urgência um conhecimento que tende a desaparecer, proporcionaram o crescimento da etnobotânica. É neste contexto, que os etnobotânicos intervêm, tentando impedir que tal conhecimento se perca para sempre (Camejo-Rodrigues, 2001).

## 2.2 PORQUÊ A ETNOBOTÂNICA?

A necessidade de entender outras culturas e partilhar a informação para que todos os povos possam prosperar num futuro justo e sustentável, é uma das razões convincentes da investigação etnobotânica. O conhecimento etnobotânico pode ser utilizado para ajudar a encontrar soluções para problemas prementes, como o aumento da produção de alimentos, melhorando simultaneamente a sustentabilidade agrícola e até para encontrar estratégias de conservação ambiental que se articulem com o novo desenvolvimento económico e com a sobrevivência cultural (Minnis, 2000).

A adaptação humana não é perfeita e nunca o foi, os restos de culturas extintas presentes nas paisagens por todo o mundo são a prova disso. A informação etnobotânica pode ser uma parte vital nos esforços para corrigir estes problemas. Contudo, não se pode acreditar que apenas uma cultura própria tem as respostas para todos os problemas actuais. As inúmeras culturas que já existiram, contendo a sabedoria de milhões de pessoas adaptadas a milhares de cenários ambientais, compreendem certamente uma grande quantidade de conhecimento (Minnis, 2000).

As aplicações potenciais da etnobotânica podem ser categorizadas em duas áreas principais: desenvolvimento económico e conservação de recursos, nas quais se enquadram os três campos que mais têm atraído o interesse, a nível global, nos dados etnobotânicos: identificação de novos produtos com potencial valor comercial; aplicação de técnicas tradicionais em conservação de espécies vulneráveis e habitats frágeis; conservação de germoplasma<sup>1</sup> e culturas tradicionais (Cotton, 1996).

Ao longo de muitos anos, as pessoas consideravam a etnobotânica apenas como o estudo da utilização das plantas por “povos indígenas” em sítios exóticos, considerando que só se aplicava a sociedades não industrializadas e não urbanizadas mas, contrariamente ao que ainda hoje se pensa, as sociedades industrializadas não quebraram os laços com as plantas. Minnis (2000) afirma que as co-adaptações entre as sociedades e as plantas mudaram e até se intensificaram com o crescimento do urbanismo e das economias internacionais, mas refere que as consequências da má adaptação às relações ecológicas podem ser muito maiores agora que no passado.

Muitas vezes, existem falhas nos planos para o desenvolvimento rural, fazendo com que os mesmos não tenham os resultados esperados. Cotton (1996) diz que essas falhas podem estar associadas à falta de conhecimento de quem os elabora, não ao conhecimento teórico, mas sim à inexistência de proximidade das pessoas com as zonas que pretendem desenvolver. É importante uma pesquisa em colaboração com as pessoas locais, para que as necessidades de quem planeia e de

---

<sup>1</sup> Germoplasma – parte das plantas, dos animais e dos microorganismos existentes no planeta, que contém a informação sobre cada espécie e a aptidão para a sua reprodução e para o cruzamento das variedades de cada espécie.

quem executa coincidam. O mesmo autor recolheu informação de vários estudos sobre zonas agrícolas, que mostram que as práticas impostas por pessoas “externas” são menos facilmente adoptáveis do que as baseadas nos sistemas locais e que as práticas que não são baseadas nesses sistemas provam, frequentemente, ser ecologicamente insustentáveis a longo prazo (Dialla, 1994; Porter *et al.*, 1991 in Cotton, 1996). Outros autores (Chambers *et al.*, 1989; de Boef *et al.*, 1993; Scoones e Thompson, 1994) enfatizam também que a ciência dos povos locais é basicamente uma “boa ciência” e que pode ter um papel signficante nas estratégias de gestão de desenvolvimento sustentável, particularmente em habitats frágeis. Cotton (1996) refere, também, que são utilizados actualmente métodos tradicionais cruciais para a gestão de recursos bem como para a gestão e conservação de parques nacionais em várias partes do mundo. Esta capacidade de trabalho em equipa com as pessoas que detêm um conhecimento adquirido ao longo da vida, fruto de interacções com o território, é também um registo que pode ser feito durante as pesquisas etnobotânicas e que contribui, uma vez mais, para melhor entender a paisagem de um determinado local.

A informação recolhida durante uma pesquisa etnobotânica favorece ainda, segundo Camejo-Rodrigues (2001), o desenvolvimento de pequenas empresas locais de cultivo e comércio de plantas úteis, o que dinamiza a economia local e contribui para a preservação da flora espontânea. Perante este contexto, os estudos etnobotânicos contribuem igualmente, para uma correcta gestão dos recursos vegetais, porque ajudam a perceber a relação Homem-Natureza e a compreender a influência que o primeiro exerce sobre o ambiente que o rodeia.

É por isto que o estudo das relações entre os povos e plantas, a sua classificação, manuseamento e utilização, têm um papel tão importante na percepção da humanidade e do seu lugar no ambiente, para compreender a evolução das sociedades rurais, para conservar e gerir os ecossistemas agrários e naturais e para manter vivo o património cultural e paisagístico das regiões. À luz das novas directivas e políticas de desenvolvimento rural, muitas das práticas tradicionais são válidas como ferramentas de gestão, quando se consideram o respeito pelo meio ambiente, a produção de qualidade e a certificação de produtos regionais (Carvalho, 2005).

### 2.3 A MULTIDISCIPLINARIDADE DA ETNOBOTÂNICA

Os estudos etnobotânicos servem como referência para estudos botânicos, ecológicos, etnográficos, sociais e mesmo linguísticos. Do mesmo modo, estas diversas áreas do conhecimento, ou outras que possam estar envolvidas num projecto desta natureza, contribuem com valiosas orientações para a etnobotânica. Expõem-se seguidamente, a título de exemplo, as visões que diferentes disciplinas podem ter, nas pesquisas etnobotânicas.

Numa pesquisa etnobotânica, a botânica reconhece e identifica as diversas espécies de plantas usadas pela comunidade em estudo. Por seu lado, a antropologia dedica-se ao estudo da origem, estrutura social e étnica dessa comunidade, recolhendo esta informação através da elaboração de questionários que aplica às populações. É a partir desta interacção entre duas ciências distintas, que se constrói o conhecimento da utilidade tradicional das plantas e da estrutura social à qual está associada (Rodrigues *et al.*, 2009).

As pesquisas de âmbito etnográfico e sociológico constituem uma fonte bastante rica de informação, sobre aspectos do contexto cultural e da vida quotidiana das populações que detêm estes conhecimentos empíricos. Por outro lado, advertem do património cultural transmitido entre gerações que reflecte a identidade de cada comunidade. (Carvalho, 2005).

O sector da fitoquímica e da farmacologia traz indicações muito importantes relativamente à procura de novos fármacos, pois a farmacologia ocupa-se da pesquisa sobre a existência das propriedades medicinais ou princípios activos presentes nas plantas. Evidentemente, neste campo o estudo etnobotânico serve como base e, posteriormente, são feitos estudos químicos e farmacológicos que analisam os compostos presentes nas plantas e testam as suas actividades biológicas e aplicações farmacoterapêuticas (Camejo-Rodrigues, 2001). A mesma autora salienta o importante contributo prestado à agroecologia, não só pela recolha de conhecimentos sobre sistemas agrícolas tradicionais, na tentativa de recuperar da drástica redução nas espécies cultivares utilizadas pelo Homem (80% da alimentação mundial assenta em 20 espécies de cultivo) mas também pela valorização de alguns agrossistemas com interesse para o desenvolvimento das comunidades locais e para a conservação do património cultural etnobotânico. A agroecologia pode ainda beneficiar com os conhecimentos etnobotânicos, uma vez que estes podem levar à redescoberta de cultivos e técnicas tradicionais que já não são utilizadas, levando à sua reimplantação e contribuindo para uma maior variedade agrícola (Camejo-Rodrigues, 2001).

A economia e a etnobotânica estão mais relacionadas do que se pode pensar à partida. Aliás, os primeiros etnobotânicos, concentravam-se no potencial económico das plantas usadas por sociedades aborígenes (Cotton, 1996). O negócio e a troca de bens existiu desde sempre, mas só no século XVIII, um grupo de académicos europeus formalizou a disciplina que hoje conhecemos como economia (Martin, 1995). A avaliação económica teve sempre um papel importante nos estudos sobre a utilização das plantas pelas diversas comunidades, ao que os investigadores se referiam como “botânica económica”, enfatizando a descoberta de recursos vegetais que atingem importância nos mercados regionais ou mesmo globais, contribuindo para o desenvolvimento nacional e da comunidade. Martin (1995) expõe o esforço que existe em demonstrar os benefícios económicos da conservação das florestas e em documentar o conhecimento ecológico tradicional,



explicando as tentativas de vários estudiosos de determinar o valor de recursos não cultiváveis, colhidos dos campos e das florestas.

Existe ainda um ramo da etnobotânica que se dedica a estudar as interações entre os humanos e as plantas ao longo da história, é a Paleoetnobotânica. Analisando evidências de plantas fossilizadas e documentos históricos, ou interpretando contos tradicionais de folclore e arte pré-histórica, vai delineando ideias sobre a evolução das relações Homem-Planta. Baseando-se num vasto leque de evidências, poderá tornar possível ter uma imagem geral do papel das plantas na emergência e desenvolvimento do ser humano, e do papel dos humanos na modelação da actual flora do mundo (Cotton, 1996).

A ecologia da paisagem é mais uma área que absorve informações relevantes através da etnobotânica, porque todos os conhecimentos provenientes das outras áreas, contribuem para melhor entender a relação que o Homem desenvolveu com a Natureza, a influência que este tem no mundo natural e os fenómenos de alteração da paisagem por intermédio do ser humano. Concluindo, percebe-se que, mais do que ser uma disciplina que engloba áreas muito diversas do conhecimento baseando-se em métodos de várias ciências, a etnobotânica comporta um mundo de informação de campos diferentes, que se articulam e completam.

#### 2.4 RAÍZES HISTÓRICAS DO INTERESSE PELAS PLANTAS

Não há um momento óbvio no tempo em que se possa dizer que a etnobotânica começou, pois desde sempre, todos os povos observavam como membros da sua própria cultura, o mundo natural (Minnis, 2000). Os conhecimentos populares sobre o uso das plantas em proveito do Homem baseiam-se, assim, em milénios de experiência humana.

Camejo-Rodrigues (2001) menciona Lietava, quando diz que o testemunho mais antigo da utilização das plantas pelo Homem, de que se tem conhecimento, data de há cerca de 60 mil anos (o que corresponde à época do homem Neandertal) e consiste em grãos de pólen de plantas medicinais encontrados num jazigo arqueológico em Shanidar, actual Iraque.

Minnis (2000) aponta que o interesse inicial, daquilo que hoje se pode chamar de etnobotânica, nasceu nas fundações gregas, romanas e islâmicas e foi-se intensificando com o colonialismo e a expansão geográfica. O estabelecimento de jardins botânicos como estudo sistemático do mundo natural, não está apenas associado ao mundo ocidental e acontecia já, nas civilizações Inca e Azteca. Ainda anteriormente, em 1495 a.C. a rainha do Egipto Hatshepsut, organizou uma expedição botânica ao que é hoje a Somália e, mais tarde, o seu sobrinho Tutmosis III, levou para o Egipto plantas das suas expedições militares à Síria. Também há registos de expedições “etnobotânicas” na China, que datam do início do século XV, depois da qual Chou Ting-Wang compilou um tratado descrevendo 414 comidas nativas usadas na província de Hunan (Minnis, 2000).

Sabe-se que entre os séculos I e II a. C. foi escrito o livro sobre ervas conhecido como o Clássico da Medicina Herbária e, embora não se saiba quem o escreveu, a sua autoria foi atribuída ao imperador chinês Shennong (“agricultor divino”) que diziam ter ensinado aos antigos chineses as práticas de agricultura. Este livro lista 365 medicamentos chineses, dos quais 252 são de origem vegetal (Jacques, 2005). No Egito, as plantas faziam parte dos tratamentos dos doentes e de rituais fúnebres. Aplicavam, por exemplo, doses pequenas de venenos extraídos de papoilas e açafraão aos doentes e envolviam os mortos em plantas aromáticas – foram encontradas plantas e alusões a estas, em túmulos de faraós. Papiros antigos, como os decifrados por Ebers ou Edwin Smith, que chegaram até aos nossos dias revelam os conhecimentos avançados de então, sobre as propriedades das plantas. Também na Índia se verificava o conhecimento das plantas: escola de medicina Ayurvédica usava uma lista de cerca de 700 ervas. O vasto conhecimento dos usos das plantas (principalmente usos medicinais) que estas civilizações antigas possuíam, era admirável.

No que diz respeito às civilizações mais recentes, como a grega e a romana, um contributo importante é dado por Hipócrates (460-370 a.C.), considerado o “Pai da Medicina”, que indica nos livros *Aforismos* que lhe são atribuídos, o interesse da utilização de plantas aromáticas. Inúmeras obras gregas descrevem, não só as propriedades de produtos naturais, mas também os melhores locais onde se poderiam encontrar essas plantas (Cunha *et al.*, 2007). Teofrasto (371-286 a. C.) (“Pai da Botânica”), que escreveu a “História das Plantas” onde deixa descrições botânicas muito precisas, é um dos nomes mais importantes no campo das plantas medicinais. Posteriormente é Dioscórides (40-90 d.C.) quem se destaca. Ao acompanhar os exércitos romanos na Península Ibérica, Norte de África e Síria, Dioscórides recolhe informação abundante sobre plantas dessas regiões. Escreveu o tratado *De Materia Medica* que representa um marco no conhecimento de vários fármacos, muitos dos quais ainda hoje são usados. O naturalista Plínio compilou terminologias descritivas das plantas, no seguimento daquilo que fez Teofrasto, imprimindo um carácter metódico e sistemático, descrevendo e classificando os recursos vegetais. Plínio escreveu a *História Natural*, com trinta e sete volumes, oito dos quais dedicados a plantas medicinais (Cunha *et al.*, 2007).

Percebe-se que a época dos descobrimentos e da expansão marítima levada a cabo pelos portugueses, durante os séculos XV e XVI, teve grande importância na difusão das plantas no mundo. Publicações de índole histórica e etnográfica sobre o território português (Margarido, 1994; Tavares 1963) referem essa importância e alguma bibliografia sobre a história da agricultura em Portugal documenta, precisamente, a importância dessas épocas para a difusão das plantas e a origem de muitas das espécies cultivadas hoje em dia (Castro Caldas, 1991; Marques, 1978). Estes textos revelam o contributo dos portugueses pela variedade e abundância de informação que divulgaram e são relevantes para os estudos etnobotânicos.

Também no século XVI, quem se notabilizou foi Garcia de Orta que, depois de mais de trinta anos na Índia, escreveu um livro sobre plantas e práticas medicinais<sup>2</sup>, no qual expõe a sua opinião apoiada na observação e experiência pessoal (Cunha *et al.*, 2007).

O Jardim Botânico universitário mais antigo de que se tem conhecimento e que ainda hoje existe é o *Orto Botanico* de Pádua, fundado em 1545. Foi instituído para o cultivo de plantas medicinais que então constituíam a grande maioria dos “simples”, ou seja, dos medicamentos que provinham directamente da natureza. Conserva ainda hoje a estrutura original que preserva a história, tendo sido, em 1997, inscrito na lista do Património Mundial da UNESCO como sítio cultural com a motivação de que representa o berço da ciência, do intercâmbio científico e da compreensão das relações entre a natureza e a cultura (<http://www.ortobotanico.unipd.it/cenni1.htm>). De facto, percebe-se que o interesse pelas plantas e pelas suas propriedades se revela de diversas maneiras ao longo da história, consoante a área de formação, a profissão ou apenas a curiosidade de cada pessoa. Um jardim botânico é apenas uma das “materializações” que a aplicação dos conhecimentos sobre os recursos vegetais pode ter, mas é, sem dúvida, fundamental como processo educacional sobre a importância da vegetação, da conservação da biodiversidade ou do desenvolvimento sustentável.

Carl Linnaeus – célebre botânico e considerado fundador da taxonomia moderna pela concepção de um novo sistema de organização e classificação da biodiversidade – liderou, em 1732, uma expedição etnográfica e botânica à Lapónia (Anderson, 1997) e é, entre muitos outros, um investigador que marcou a história da etnobotânica.

Posteriormente, entre finais do século XIX e princípios do XX começa a investir-se financeiramente em pesquisas farmacêuticas. Na primeira metade do século XX, com a síntese de princípios activos semi-sintéticos devido ao desenvolvimento da Química de síntese, muitos dos produtos naturais dos fármacos são substituídos (Alves, 1986), mas as plantas nunca perderam a sua importância como substâncias medicinais. Mais recentemente, o receio dos efeitos secundários indesejados que os produtos químicos podem ter, levou novamente à expansão do consumo de plantas medicinais.

Antes da introdução do termo etnobotânica, o interesse pelo conhecimento botânico, focava-se quase inteiramente nas aplicações e potencial económico das plantas. Contudo, os aspectos antropológicos e ecológicos tornaram-se progressivamente mais relevantes, fazendo com que a etnobotânica crescesse em tamanho e importância. Veja-se Minnis (2000) quando diz que académicos de várias áreas como arqueologia, geografia, medicina, línguas e arquitectura paisagista

---

<sup>2</sup> Esta obra, intitulada “Colóquio dos simples e das drogas da Índia”, é uma referência incontornável no que se refere à obra etnobotânica de autores portugueses e encontra-se actualmente disponível através de uma reprodução em fac-simile da edição de 1891 dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho, publicada em dois volumes pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

(para além das já enumeradas botânica, economia, farmacologia ou antropologia) estão a reacender um renascimento em pesquisa etnobotânica. Cada disciplina traz a sua própria perspectiva, ao mesmo tempo que uma pesquisa interdisciplinar cria um estimulante e diversificado campo de estudo.

## 2.5 METODOLOGIA EM ETNOBOTÂNICA

A etnobotânica é, pela sua própria natureza, uma ciência multidisciplinar que requer uma aproximação holística que integre técnicas da biologia, antropologia, etnologia, sociologia, taxonomia, entre muitos outros campos. Martin (1995) refere a importância de definir aquilo que se ambiciona de um estudo etnobotânico, a fim de escolher a aproximação que melhor sirva os interesses pretendidos e o tempo e orçamento disponíveis.

Estudos de curta duração não permitem que se desenvolva entre os etnobotânicos e a comunidade, uma profunda relação de trabalho; contudo, são por vezes pedidos estudos preliminares ou pequenos inventários sobre os recursos biológicos de determinado local. Foram desenvolvidas técnicas adoptadas de várias disciplinas e combinadas de forma a colaborarem em simultâneo na abordagem a uma comunidade, minimizando as falhas normalmente inerentes a este tipo de aproximação rápida (Martin, 1995). O mesmo autor enumera alguns tópicos essenciais, como a preparação do investigador antes do trabalho de campo, a formação de uma equipa multidisciplinar, assegurar a participação da comunidade local e a selecção das técnicas a utilizar, como importantes no planeamento de uma curta abordagem etnobotânica.

As metodologias empregues na etnobotânica são baseadas em métodos das ciências sociais e antropológicas, contudo não devem ser aleatórias e sim dirigidas aos elementos da população que poderão ter maior domínio da temática (Camejo-Rodrigues, 2002). A recolha de dados resulta da combinação de vários métodos aplicados a momentos particulares do trabalho de campo, tendo em consideração as características da comunidade e dos indivíduos, assim como as limitações das próprias técnicas (Carvalho, 2005).

Segundo Jain (1987), os dados etnobotânicos podem ser recolhidos a partir de 4 tipos de fontes: 1. Trabalho directo de contacto com a população alvo e recolha do seu conhecimento; 2. Procura bibliográfica; 3. Estudo de colecções em museus e herbários (quando existe referência do uso das plantas) e 4. Estudo arqueológico de achados que demonstrem alguma evidência da relação do homem com as plantas no passado.

Os dois métodos gerais mais citados (Martin, 1995; Camejo-Rodrigues, 2001; Carvalho, 2005) na recolha de dados são a *observação participante* e a *entrevista etnobotânica*. As entrevistas podem ser abertas ou semi-estruturadas, em que os “entrevistados” respondem a questões gerais que foram preparadas antecipadamente pelo etnobotânico e também a perguntas que surgem com o

decorrer da conversa – abordagens consideradas informais ou qualitativas; ou interacções sistemáticas ou estruturadas, o que envolve perguntar a um grupo seleccionado de informantes, o mesmo conjunto de questões – métodos formais ou quantitativos. Já a observação participante, refere-se a viver e partilhar com as pessoas, as diversas actividades da sua vida, o que requer grande aproximação e presença continuada do investigador com a comunidade que estuda. Este método permite uma observação, registo da vida dos vários elementos da comunidade e uma descrição dos usos populares das plantas mais exacta, ou seja, do modo como põe o seu conhecimento em prática (Martin, 1995). Tendo em conta o tempo necessário para uma recolha a partir da observação participação, o método mais difundido é o da entrevista semi-estruturada. O investigador desloca-se ao local de estudo e procura as pessoas que tenham conhecimentos etnobotânicos valiosos. Devem ser registadas as informações pertinentes no decorrer da entrevista e, se possível, a recolha física das plantas referidas, para obter posteriormente um correcto reconhecimento das plantas e sua identificação científica (Martin, 1995).

Para escolher as pessoas que vão partilhar o seu conhecimento cultural e ecológico – os informantes – também se devem ter em atenção os objectivos do estudo. Martin (1995) refere que, para a escolha dos informantes quando se pretende registar o conhecimento geral sobre as plantas numa comunidade, é fiável fazer uma escolha aleatória inicial. Assume-se assim que todas as pessoas têm igual probabilidade de participar no estudo, assegurando que não é favorecido nenhum grupo em particular (Martin, 1995). Quando o objectivo é maximizar a recolha de saberes-fazer tradicionais, é melhor que a amostragem seja dirigida aos elementos da população que, à partida, poderão saber mais acerca da temática que se pretende abordar. Para localizar pessoas com essas características, pergunta-se por pessoas que poderão ter um vasto conhecimento. Além de podermos perguntar por essas pessoas a residentes locais ao acaso ou a residentes (ou trabalhadores) locais que já conheçamos, podemos também obter bons resultados perguntando a individualidades locais ou pessoas influentes. Em paralelo, outra técnica que pode ser muito útil é a chamada “bola de neve”, na qual se pergunta às pessoas entrevistadas se conhecem outras que poderão saber muito sobre esse tema. Numa primeira abordagem, registam-se as informações básicas, podendo nas visitas seguintes ao mesmo informante completar-se a informação. Mesmo que um estudo seja focalizado num determinado tipo de informação restrita, não se devem descartar informações sobre outras temáticas etnobotânicas que os informantes transmitam, pois pode não chegar a existir outra oportunidade para pesquisar e registar esses conhecimentos. Após o registo textual dos conhecimentos transmitidos, é imprescindível um reconhecimento das plantas e a sua identificação científica (Camejo-Rodrigues, 2002). É importante ter em atenção determinados aspectos, ao realizar entrevistas etnobotânicas. Nomeadamente, o entrevistador não deve questionar directamente o entrevistado, deve apenas conduzir a conversa de acordo com um

questionário que serve de guião, embora não deva segui-lo de forma rígida, uma vez que é possível obter mais informação nas conversas de tom casual (Mesa-Jiménez, 1996).

Outro método utilizado, mas menos recomendável, segundo Martin (1995), é o recurso a fotografias ou desenhos de plantas, uma vez que muitas pessoas não estão habituadas a reconhecer as plantas sob essa forma e sem o contexto ecológico, podendo surgir dificuldades na identificação e confirmações erróneas.

Para além destes métodos empregues no terreno, existem outros que igualmente se podem usar em etnobotânica. Podem referir-se, por exemplo, a pesquisa histórica e bibliográfica de documentos que, segundo Hernández Bermejo e García Sánchez (2000), possibilitam a redescoberta das plantas usadas antigamente na agricultura e que podem ser reintroduzidas. É de salientar o artigo<sup>3</sup> dos citados autores, que apresenta um estudo dos principais trabalhos da chamada escola agronómica andaluza entre os séculos X e XV, levantando questões sobre a existência de uma etnobotânica da al-Andalus<sup>4</sup>, sobre a introdução de espécies orientais neste território e sobre as perspectivas da investigação etnobotânica, através do estudo filológico das obras e autores hispano-árabes.

Camejo-Rodrigues (2001) refere ainda os estudos arqueopalinológicos, os estudos de macro restos antigos (procedentes de outros países na época dos Descobrimentos, por exemplo) e os estudos de anatomia vegetal para identificação de amostras vegetais etnobotânicas, como métodos que se podem utilizar em etnobotânica (Camejo-Rodrigues, 2001).

## 2.6 A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS

*“Plants dominate the biosphere. Plants feed all of humanity. They provide food and shelter for nearly all wildlife, and even regulate the climate. More than 99.9 % of the biomass on Earth is plants (...) That we understand and appreciate plants is an imperative for human survival.”<sup>5</sup>*

Paul Keddy

---

<sup>3</sup> Botánica económica y etnobotánica en al-Andalus (Península Ibérica: siglos X-XV): un patrimonio desconocido de la humanidad. Arbor CLXVI, Junho 2000.

<sup>4</sup> al-Andalus foi o nome dado à actual Península Ibérica depois da invasão árabe no primeiro quarto do século VIII, tendo sido esse o nome utilizado para se referir à península, mesmo depois das forças islâmicas terem perdido o controlo político de grande parte do território.

<sup>5</sup> “As plantas dominam a biosfera. As plantas alimentam toda a humanidade. Elas fornecem alimento e abrigo a quase toda a vida selvagem e ainda regulam o clima. Mais de 99,9% da biomassa na Terra são plantas (...) É imperativo para a sobrevivência humana, que entendamos e apreciemos as plantas.”

As plantas são fundamentais a quase todas as formas de vida na Terra, fornecendo protecção e sustentação para organismos desde bactérias a grandes mamíferos. Com a sua capacidade especial para realizar a fotossíntese, formam a base da cadeia alimentar enquanto produzem oxigénio e consomem o dióxido de carbono. Prestam ainda inúmeros outros serviços ambientais: reciclam nutrientes essenciais, estabelecem solos, protegem as bacias de apanhamento (zonas de infiltração de água) e ajudam a equilibrar as chuvas através da transpiração (Cotton, 1996). Também nesta vertente, o Homem soube utilizar a vegetação, promovendo a conservação da água e do solo e abrigando-se do vento, dando-lhe simultaneamente o papel de elemento de composição da paisagem (Magalhães, 2001).

Dentro do Reino *Plantae* diferenciam-se grupos principais, consoante o comportamento reprodutivo. As plantas vasculares primitivas que invadiram o habitat terrestre há 400 milhões de anos (Cotton, 1996) diferenciaram-se em estruturas mais ou menos complexas e exibem hoje adaptações – estruturas físicas e características químicas favorecidas por nichos ecológicos particulares – que tiveram um papel fundamental na evolução da cultura humana, fornecendo não só alimentos e combustíveis, mas também um vasto leque de materiais úteis para abrigos, vestuário e medicamentos. O conhecimento destas características biológicas levou à exploração das plantas pelas sociedades humanas, não só como matérias-primas mas também como importantes ferramentas para a gestão do território.

Hoje em dia, o uso popular das plantas como meio de tratamento é ainda muito importante para o ser humano. De acordo com os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), em África, cerca de 80% da população ainda depende da medicina tradicional para responder aos cuidados de saúde necessários. Na China, a medicina tradicional assume cerca de 40% dos serviços de saúde prestados. Em países desenvolvidos como o Canadá, Austrália, França, Bélgica ou Estados Unidos da América, a medicina complementar e alternativa, está a tornar-se cada vez mais popular. Assim, percebe-se que a utilização das plantas, não acontece só nas sociedades primitivas e não industrializadas.

Todos os povos são dependentes das plantas. Alimentos, medicamentos e combustíveis provêm das plantas. Elas fornecem matéria-prima, desde fibras para tecidos e madeira para construção - não só de abrigos mas também de pequenos objectos úteis ou decorativos - a pigmentos usados como corantes e resinas. A medicina moderna ainda é fortemente dependente de drogas derivadas das plantas e o número de plantas usadas com fins medicinais é impressionante. A indústria farmacêutica, por exemplo, está a intensificar a prospecção de medicamentos junto dos povos indígenas (Minnis, 2000).

As plantas podem ainda fornecer informação acerca da ecologia de um determinado local, tendo em conta que a vegetação resulta da forma como todos os factores ecológicos (bióticos e

abióticos) interagem para permitir determinadas associações (Magalhães, 2001). Conhecer a distribuição das plantas selvagens, permite o reconhecimento de “unidades de recursos” ou zonas ecológicas características, que são normalmente baseadas em indicadores ambientais específicos. Deste modo, as plantas ajudam a definir zonas ecológicas, com base nas características locais (Cotton, 1996).

## 2.7 VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL

Enquanto as plantas utilizaram modificações físicas e bioquímicas para se adaptarem a diversos habitats por todo o mundo, as populações humanas serviram-se da criação e aplicação de conhecimentos, tanto ecológicos como tecnológicos, práticos ou teóricos, para se poderem adaptar também (Cotton, 1996). As sociedades tradicionais possuem uma riqueza de conhecimento, acumulada durante milénios de interacções com o mundo natural, que permanece essencial ao seu bem-estar físico, espiritual e social.

Os conhecimentos tradicionais de uma população subsistem de geração para geração, por transmissão oral ou pelo “ver fazer” as pessoas mais experientes e constituem parte da sua cultura, construída ao longo do tempo. Hoje em dia esta transmissão de saber não se está a fazer adequadamente (Carvalho, 2005), porque os mais jovens tendem a procurar melhores condições de vida noutros sítios, o que leva à erosão de saberes, ao abandono de práticas e costumes e também, indirectamente, à degradação dos espaços manipulados pelo Homem.

Rodrigues *et al.* (2009) referem que guerras, catástrofes naturais ou simplesmente a falta de recursos podem levar à perda de muitas plantas úteis, perdas que poderão ser irremediáveis em alguns casos. Assim, é importante haver conhecimento sobre a sua existência, para que seja possível preservar os recursos naturais para as gerações futuras, num sentido que se quer inequivocamente associado à sustentabilidade. Os mesmos autores indicam ainda a etnobotânica, como um começo da valorização do saber tradicional onde se respeitam os direitos de propriedade intelectual das comunidades locais, garantindo ao mesmo tempo, condições necessárias para a manutenção de estruturas socioculturais num processo de reprodução do saber tradicional associado a interesses económicos e ambientais.

O termo património no seu sentido clássico, segundo Almeida e Belo (2007), refere-se à herança e transmissão de bens, de pais para filhos. Entendem-se acima de tudo, por legados materiais e implicam um sentido de apropriação e de testemunho, com direitos e deveres: o direito de usufruto e o dever de protecção. Durante as civilizações clássicas, a salvaguarda do património estava mais associada à valorização de determinados elementos materiais, vistos como símbolos de prestígio e poder e não tanto à intenção de proteger testemunhos do passado (Lameira, 2006). Choay (2006) considera que o conceito de património, numa acepção mais actual, terá surgido na



sequência das pilhagens e destruição causadas durante a Revolução Francesa. As primeiras medidas jurídicas e técnicas oficiais, referentes à salvaguarda de “monumentos nacionais” cujo cumprimento é assegurado pelo Estado, datam desse período. O património alcança então, uma dimensão colectiva adquirindo um carácter público e nacional, que não tinha até aqui.

A Revolução Industrial criou uma ruptura com os modelos tradicionais de produção marcando, de certa forma, uma fronteira entre duas épocas da humanidade. Passam a utilizar-se os termos “monumento nacional” e “monumento histórico”, em detrimento do termo património. O monumento é então, visto como insubstituível, devido à valorização das questões da memória e do passado, conduzindo ao aumento de nacionalizações desses testemunhos, como medida de salvaguarda (Choay, 2006). Durante esse período, começaram a privilegiar-se os valores estéticos nos monumentos.

Lameira (2006) afirma que o conceito de monumento deixa de estar associado apenas ao carácter estético ou histórico, em meados do século XX. Isto permitiu que a noção de património se alargasse a objectos decorativos e utilitários e mesmo a práticas culturais das classes sociais mais baixas. A mesma autora explica, ainda, que a partir de um significado restritivo, aplicado somente a bens materiais, o conceito de património se alargou, de modo a incluir bens tangíveis e intangíveis, como paisagens culturais, conjuntos construídos, malhas urbanas, idiomas, tradições culturais, entre muitas outras formas de cultura. Neste seguimento, importa referir a introdução da expressão “património imaterial” em 2003, contemplada pela UNESCO na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, devido ao interesse manifestado por alguns Estados-membros em criar um instrumento que defina e proteja o Património Cultural Imaterial. Por Património Cultural Imaterial compreendem-se as “práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados”. Estas práticas manifestam-se, entre outros domínios, nos “conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza” ou nas “aptidões ligadas ao artesanato tradicional”. Sendo o conhecimento etnobotânico, um conjunto de aprendizagens feitas ao longo da vida das populações, como consequência da sua relação com o mundo natural, pode considerar-se que são experiências com valor patrimonial imaterial e que importa preservar e valorizar.

Santiago (2009) analisa algumas abordagens da interpretação do património e refere que a interpretação entendida como “a arte de revelar *in situ* o significado dos legados natural, cultural e histórico” permite estabelecer vínculos afectivos, educativos, lúdicos e identitários entre a sociedade e o património. Menciona, em particular, a ideia de Wechtunyagul (2007) de que se as pessoas compreenderem o significado e valor do património, terão tendência a protegê-lo e conservá-lo. Ao tomar consciência das questões patrimoniais, as populações locais poderão compreender melhor o seu próprio património e identificar-se com os valores da sua cultura. Por ser transmitido ao longo de

gerações, o património imaterial incute nestas comunidades um sentimento de identidade e orgulho, e elas reconhecem-no como parte integrante da sua cultura. Assim, entende-se que é benéfico que as populações desempenhem um papel activo na protecção e valorização patrimonial – devendo o seu envolvimento fazer parte das estratégias a desenvolver – uma vez que os elementos a valorizar ainda fazem, muitas vezes, parte das suas práticas quotidianas. Acima de tudo, tal como Santiago (2009) indica, considera-se que a interpretação de qualquer um dos tipos de património, permite preservar paisagens e saberes que se poderiam degradar ou desaparecer, contribuindo para melhorar a qualidade de vida das populações.

## 2.8 LEGISLAÇÃO

Na sociedade ocidental, o interesse pela conservação da vida selvagem, é um fenómeno relativamente recente. Em tempos mais remotos, as leis de protecção aplicavam-se só quando havia sobre exploração de recursos que colocavam as espécies em risco de extinção. No início do século XX, a protecção do património natural com base apenas na sua singularidade, tornou-se importante na Europa e Estados Unidos, levando a um conceito de áreas naturais ou habitats que deviam ser legalmente protegidos (Cotton, 1996). A gestão destas áreas foi baseada, durante bastante tempo, no “modelo Yellowstone” americano que contempla, por exemplo, um parque nacional ideal como um sítio que não é habitado por populações humanas. Como consequência, muitas iniciativas de conservação envolveram a exclusão dos nativos dos sítios assim designados, movimento que não só nega o acesso a recursos que podem ser indispensáveis à vida tradicional, como aparece também em detrimento dos próprios processos de conservação (Cotton, 1996). Seguidamente, são apresentadas algumas das principais convenções internacionais e documentos considerados fundamentais, em termos de protecção ambiental e de conservação de recursos naturais.

Em 1933, a Convenção para a Preservação da Fauna e Flora no seu Estado Natural, realizada em Londres, foi a primeira a prever a construção de parques nacionais, reservas naturais e a estrita protecção de um certo número de espécies da fauna selvagem.

A Convenção Africana para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais foi adoptada em 15 de Setembro de 1968. O seu principal objectivo é promover a aproximação global em relação ao meio ambiente. Prevê, ainda, que os parques nacionais dos Estados signatários deverão ser controlados pelos seus governos objectivando a propagação, a conservação e a organização da vegetação e das populações de animais selvagens, bem como a protecção de sítios e paisagens e a repressão contra aqueles que atentem contra estes princípios. Esta convenção contém disposições muito interessantes em matéria de conservação e planos de desenvolvimento, tendo em conta a época em que foi elaborada.

Em 28 de Outubro de 1982 foi aprovada pela assembleia-geral da ONU, a Carta Mundial da Natureza, passo importante no sentido da adopção dos princípios de respeito pela Natureza, pelos Estados. Embora seja um documento não vinculativo, nos seus artigos são válidos os princípios morais que visam aumentar a consciência sobre a necessidade de proteger e cuidar do meio ambiente.

Em três momentos, as Nações Unidas reuniram-se para debater questões globais, com vista à busca de soluções para os problemas de ordem ambiental: a primeira vez em Estocolmo, em 1972 e a segunda (e talvez a mais importante até aos dias de hoje) no Rio de Janeiro, em 1992. Destas conferências resultaram documentos importantes como a Declaração sobre o Meio Ambiente Humano, com princípios de comportamento e responsabilidade que deveriam governar as decisões respeitantes a questões ambientais; a Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Convenção sobre a Diversidade Biológica e a Agenda 21 – a tentativa mais abrangente de promover um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de protecção ambiental, justiça social e eficiência económica. A terceira reunião das Nações Unidas sobre questões ambientais aconteceu em Joanesburgo. Nesta cidade, em 2002, realizou-se a Cimeira Mundial do Desenvolvimento Sustentável, cuja preparação originou um novo estímulo no interesse e consciencialização sobre as questões ambientais, uma vez que todos os países deviam apresentar a sua Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável até à data da Cimeira. Desta Cimeira resultaram uma declaração política – a Declaração de Joanesburgo em Desenvolvimento Sustentável – e o Plano de Implementação.

A Convenção de Washington sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagem Ameaçadas de Extinção – CITES – ganha efeito em 1975; é um acordo internacional com o objectivo de assegurar que o comércio de animais e plantas não ponha em risco a sua sobrevivência no estado selvagem.

A 19 de Setembro de 1979, em Berna, foi assinada a Convenção sobre a Conservação da Vida Selvagem e os Habitats Naturais na Europa, cujos objectivos passam por conservar a flora e fauna selvagens e os seus habitats naturais, mediante a cooperação dos Estados e integra já, aspectos relevantes para a evolução do conceito de desenvolvimento sustentável: “A Convenção de Berna reconhece que a flora e fauna selvagens constituem um património natural, essencial na manutenção dos equilíbrios biológicos que importa preservar e transmitir às gerações futuras (...)” O Anexo I refere-se especificamente a espécies da flora protegidas.

A Directiva Habitats foi adoptada em 1992, como resposta da União Europeia aos princípios constantes da Convenção de Berna. Tem como principal objectivo contribuir para assegurar a Biodiversidade através da conservação dos habitats naturais (Anexo I) e de espécies da flora e da fauna selvagens (Anexo II) considerados ameaçados no território da União Europeia. Estabelece uma

rede de áreas de interesse ecológico e de preservação especial – “Rede Natura 2000” – nas quais deverão ser tomadas medidas de gestão que conduzam ao seu desenvolvimento sustentável e à preservação dos habitats.

Os primeiros esforços na criação de mecanismos internacionais para proteger os bens patrimoniais surgiram com as Grandes Guerras Mundiais, altura em que o património começa a ganhar maior importância no contexto europeu. As cartas, convenções e recomendações internacionais que contribuíram de forma decisiva para a evolução do conceito de património, sua salvaguarda e valorização foram, então, elaboradas (Lameira, 2006). As políticas e processos de protecção de património culminaram, nas últimas décadas, na classificação de monumentos/património de interesse local, regional, nacional ou mesmo mundial. A UNESCO tem sido uma das organizações que desempenha um papel preponderante na definição de tipologias de património e na criação de instrumentos normativos para a sua protecção e divulgação (Santiago, 2009).

A Convenção sobre a Protecção do Património Mundial, Natural e Cultural, foi adoptada em Paris em 1972, pela 17ª Conferência Geral da UNESCO, com o intuito de consolidar o conceito de património mundial e de promover a sua salvaguarda. Define duas categorias: os bens naturais e os bens culturais e foi a primeira convenção referente ao património cultural. No seguimento da Conferência Mundial da UNESCO consagrada às Políticas Culturais – na qual foi introduzida a noção de Património Imaterial a nível internacional – e da Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore – responsável pela introdução da terminologia “património imaterial” – a UNESCO aprova, em 2003, a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Esta convenção pretende promover o respeito pela diversidade cultural, salvaguardando tradições orais, práticas sociais, artes do espectáculo, conhecimentos ligados à natureza e aptidões relacionadas com o artesanato tradicional.

Em Portugal, a Lei de Bases do Património Cultural esclarece que o património cultural é constituído pelo conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, que devem ser objecto de especial protecção e valorização e, quando se justificar, também pelos respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa (Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro). O conceito de bens culturais estende-se ainda, aos bens naturais, ambientais, paisagísticos ou paleontológicos, desde que sejam juridicamente compatíveis. Segundo o artigo 91º da mesma lei, o património imaterial corresponde “às realidades que, tendo ou não suporte em coisas móveis ou imóveis, representem testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memória colectivas, tais como as expressões orais de transmissão cultural e os modos tradicionais de fazer” (alíneas 1 e 2).

Em suma, pode dizer-se que o quadro legislativo sobre a protecção dos recursos naturais é extenso e completo e que também o património cultural imaterial se encontra já a coberto da legislação. Por isso mesmo, é importante zelar pela aplicação destas leis e reforçar junto dos cidadãos e opinião pública, a atenção relativamente a estas questões.

## 2.9 EM PORTUGAL

Como disciplina científica autónoma, a etnobotânica está pouco desenvolvida em Portugal. Pesquisas relacionadas com aspectos menos utilitários, como o saber botânico popular e a apropriação do universo vegetal, entendidos como um património cultural que importa analisar, documentar e conservar, começaram apenas no início da década de noventa. Só em 1939 aparece o primeiro estudo sobre plantas aromáticas portuguesas (Carvalho, 2005).

Os estudos etnobotânicos que existem são recentes e a maioria desenvolve-se sobre as plantas aromáticas e medicinais (Camejo-Rodrigues, 2001, 2002 e 2006; Santos, 2004; Carvalho, 2005; Sommer, 2003; Fernandes, 2001; Novais, 2002; Carapeto, 2006; Dias, 2003; Póvoa, 2008). Vários projectos de investigação têm sido levados a cabo por universidades, serviços nacionais e regionais de agricultura e entidades relacionadas com a conservação da natureza, relativos ao uso de plantas medicinais, condimentares, alimentares e ao inventário de variedades tradicionais e recolha de germoplasma. Muitas das vezes, estes projectos dirigem-se apenas a uma ou duas espécies em particular, na tentativa de estudar a sua variabilidade genética.

Carvalho (2005) refere que apesar dos diversos trabalhos de índole antropológica, sociológica, botânica, agronómica e farmacológica que se desenvolvem em Portugal desde há muito tempo, a etnobotânica, na sua vertente relacionada com o património e a cultura popular, é um tema de investigação relativamente recente. Considerando apenas os aspectos referentes ao mundo vegetal, a mesma autora constata ainda, que vários dos trabalhos realizados, classificados como etnobotânicos, adoptam posturas pouco interdisciplinares e estão centrados em objectos específicos analisados de forma descontextualizada. Isto é, estudaram-se as plantas ou o seu interesse potencial de um ponto de vista estritamente botânico, ecológico ou agronómico sem ter em conta os aspectos relativos à apropriação do universo vegetal e às práticas sociais, ou seja a interacção entre as pessoas e as plantas.

Para além dos trabalhos referidos anteriormente, também publicações que contribuem para a caracterização do património cultural e etnográfico de uma determinada zona, se podem considerar importantes em termos etnobotânicos (Vasconcellos, 1982; Ribeiro e Martins, 1995). Em Portugal, muitos são os estudos dedicados ao Alentejo: de carácter etnográfico (Borges e Telhada, 1996), social (Carvalho e Gomes, 1973) ou, mais frequentemente de costumes alimentares (Alves, 1994; Saramago, 1997; Barão, 2003).

Relativamente à área de estudo, a pesquisa bibliográfica permitiu encontrar estudos de índole etnográfica, alguns bastante antigos, que se destacam por se referirem ao povo de Penha Garcia (Dias, 1966; Guadalupe, 1965; Lobo e Lucas, 1972; Marcelo, 1993). Incluem lendas, poesia popular e abarcam informação e elementos da vida quotidiana tradicional, das tarefas agrícolas ou da gastronomia. Outros enaltecem até, os artistas da terra e os seus contributos e ensinamentos (Catana, 2003). São, por vezes, referidas as utilizações de algumas plantas, principalmente em termos de artesanato e rituais mas, que se tenha conhecimento, nenhuma pesquisa etnobotânica com metodologia específica foi realizada até então.

Relativamente aos locais escolhidos para realizar estudos etnobotânicos em Portugal, verifica-se que a grande maioria se situa em áreas protegidas e/ou em zonas rurais que sofreram um abrupto despovoamento (embora grande parte destas áreas ainda não esteja contemplada). As zonas rurais em Portugal, têm sido palco de transformações de carácter social e económico, que se reflectem nos modos de vida das suas comunidades e se concretizam nas suas paisagens. Como consequência, a degradação dos valores naturais e do património paisagístico, ou até a perda total dos seus valores identitários (Santiago, 2009). Assim se percebe que, com a perda de população detentora de conhecimentos valiosos em termos patrimoniais e com a degradação de paisagens que revelam a história de um local, o risco eminente da perda de tais conhecimentos empíricos, conferem ao seu registo o estatuto de necessidade urgente.

### 3. A ETNOBOTÂNICA COMO OBJECTO DE ESTUDO DA ARQUITECTURA PAISAGISTA

*“Esta imagem é, portanto, muito mais do que aquilo que se vê, sendo portadora de significados ecológicos e culturais”*

Manuela Raposo Magalhães

O percurso do Homem no mundo ao longo de milénios e as transformações que foi imprimindo na sua estrutura natural, ajudaram a construir a paisagem de hoje. Orlando Ribeiro refere a paisagem como o produto do passado, cujo reconhecimento e suporte são necessários para se poder construir o futuro. Menciona ainda o papel da paisagem na identidade local e regional, que constitui um registo da memória colectiva (Ribeiro, 1998).

Na geografia, o conceito de paisagem abrange as áreas em que existe uma interdependência entre a geomorfologia, a fitossociologia e a antropologia. A paisagem representa hoje, o trabalho criativo de sucessivas gerações que criaram espaços e formas, onde a utilidade se alia ao equilíbrio ecológico, à estabilidade física e à biodiversidade (Telles, 2002)

Para Goodchild (2002), as paisagens têm uma dimensão natural e outra cultural, sendo esta a que tem origem no espírito e na actividade do ser humano. Magalhães (2001) considera que a Paisagem é regida por fenómenos físicos e biológicos, e a sua forma como um “objecto no qual se corporizam todos os conhecimentos que para ela concorrem” (p. 24) explicando também, que as várias estruturas da paisagem asseguram o funcionamento dos ecossistemas e reúnem vários significados culturais, necessários à qualidade de vida dos seus utentes. Diz ainda, que para o Arquitecto Paisagista, o conceito de paisagem é um conceito holístico, no qual, sobre um substrato físico, actuam de modo complexo os seres vivos e o homem, que detém determinada cultura, o que dá origem a uma determinada imagem (Magalhães, 2001). Esta imagem tem uma beleza inerente, definida por Caldeira Cabral (2003) como a ordem que depende do equilíbrio ecológico dos factores – não só ecológicos, mas também culturais e económicos – que nela actuam e no modo como são adequados aos interesses do Homem. Assim entende-se, na acepção de um Arquitecto Paisagista, embora possam ser diversas as explicações para chegar à sua definição, que a Paisagem não é apenas a imagem de uma porção de território, mas que essa imagem resulta de um conjunto de factores naturais e culturais, indissociáveis e que se devem conciliar em equilíbrio.

Diz Caldeira Cabral (2003) que ao Arquitecto Paisagista compete ordenar o espaço; ora se esse espaço é a Paisagem, o Arquitecto Paisagista tem como objecto do seu trabalho o legado (construído ou não) inscrito por sucessivas gerações no substrato natural.

A Arquitectura Paisagista é uma matéria horizontal que cruza, segundo Magalhães (2001), todas as outras a um nível que lhe permita intercomunicar entre elas. Portanto, torna-se difícil aprofundar os conhecimentos adquiridos em cada matéria, como se de um especialista se tratasse. Essa profundidade deve ser apenas a necessária para estabelecer relações horizontais entre cada sector do conhecimento, numa atitude de síntese (Magalhães, 2001).

É neste contexto que a etnobotânica e a Arquitectura Paisagista se aproximam. Por um lado, ambas são áreas multidisciplinares, conjugam teorias de diversos campos e assentam numa base composta no geral por duas dimensões, a natural e a cultural – a Arquitectura Paisagista recorre a disciplinas das ciências naturais como a ecologia, a geomorfologia ou a botânica, entre outras, e das ciências sociais, para intervir na paisagem; a etnobotânica utiliza metodologias das ciências da natureza (como a botânica por exemplo) e das ciências sociais (antropologia ou sociologia) para registar o conhecimento empírico das comunidades. Por outro, a Etnobotânica, pode ser um apoio à Arquitectura Paisagista, se entendermos que funciona como uma matéria que nos ajuda a conhecer a paisagem. Tendo como objecto de estudo as relações dinâmicas entre as sociedades humanas e as plantas, integradas em contextos ambientais e culturais específicos, então a etnobotânica estuda também, de certa forma, a evolução da paisagem em que se estabeleceram essas sociedades.

A utilização dos recursos vegetais de que o ser humano dispôs durante a sua própria evolução na Terra, proporcionou o desenvolvimento de relações interdependentes com as plantas e levou à constante transformação da paisagem. Assim, o estudo destas relações, acaba por estar inerente à Arquitectura Paisagista.

Importa referir a Convenção Europeia da Paisagem que se baseia no reconhecimento de que a paisagem integra o património natural e cultural europeu e que as paisagens europeias constituem um elemento fundamental da identidade local e regional. Cada paisagem distingue-se por um determinado carácter, que tem a ver com o seu padrão, mas também com a sua história, a sua dinâmica, os seus usos e funções. A Convenção defende a necessidade de melhor conhecermos as nossas paisagens, para melhor as valorizarmos e gerirmos, tendo em conta a acelerada transformação e simplificação das mesmas nas últimas décadas. Trata-se de compreender como funciona e reage a paisagem às diferentes actividades que o Homem sobre ela desenvolve, como é utilizada, que valor tem para cada indivíduo e comunidade. Através destes aspectos, definir-se-ão as prioridades e princípios para a sua gestão.

#### 4. APRESENTAÇÃO DO CASO DE ESTUDO – PENHA GARCIA

##### 4.1 GEOPARK NATURTEJO DA MESETA MERIDIONAL E PARQUE ICNOLÓGICO DE PENHA GARCIA

Cientes do baixo desenvolvimento e estagnação por que passava a sua região, assim como das potencialidades dos seus recursos naturais e patrimoniais, os concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Oleiros, Nisa, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão, tomaram a decisão de desenvolver economicamente a região, através da criação de condições sustentáveis para tal. Foi então criada, em 2004, a Naturtejo EIM, uma empresa intermunicipal de turismo, de capitais maioritariamente públicos, constituída por estes seis municípios, da qual fazem parte também, treze empresas privadas. Esta empresa tem como objectivo promover o desenvolvimento económico, usando o turismo como força motriz e baseou-se na implementação de estratégias de turismo sustentável planeadas a médio/longo prazo, para dinamizar a economia destes seis concelhos. Surgiu assim, a decisão de apostar num projecto de Turismo de Natureza, aproveitando as diversidades paisagísticas e culturais do território e utilizando a geologia como elemento unificador, que culminou na criação de um geoparque: o Geopark Naturtejo da Meseta Meridional (Catana, 2008a).

Um Geoparque é um território com limites bem definidos e uma área suficientemente alargada que permita o desenvolvimento sustentável. Nessa área existem sítios de interesse geológico com especial relevância científica, estética e de raridade, associados a outros tipos de património, como o arqueológico, ecológico, histórico e cultural. Um geoparque deverá promover a geoconservação na sua área e ser um impulsionador do desenvolvimento económico sustentável das



populações que nela vivem, através do Turismo de Natureza (Catana, 2008b). Em 2006, o conjunto que une os concelhos já mencionados, candidatou-se à Rede Europeia de Geoparques, tornando-se no primeiro geoparque a nível nacional a pertencer a esta Rede. Segundo a Rede Europeia de Geoparques, um Geoparque europeu é um território que combina um património geológico de particular importância com uma estratégia de desenvolvimento sustentável territorial suportada por um programa europeu de promoção ao desenvolvimento. A sua criação tem como objectivo reaproveitar os valores patrimoniais locais, com a participação da população na revitalização cultural da sua zona (<http://www.europeangeoparks.org>). A área total do seu território é de aproximadamente 4600 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 5% da área total de Portugal, segundo os dados do INE, relativos a 2006. As coordenadas geográficas do território considerado são: latitude entre 39°20'N e 40°5'N e longitude, entre 6°50'W e 8°10'W, do meridiano de *Greenwich* (Neto de Carvalho, 2005).



Figura 1. Vista parcial do Parque Icnológico de Penha Garcia com os moinhos de rodízio

A presente dissertação centra-se numa das aldeias dentro do Geopark Naturtejo, (Figura 3) detentora de um dos geossítios principais e impulsionadores deste geoparque, o Parque Icnológico de Penha Garcia (Figura 1), situado no concelho de Idanha-a-Nova. Existe neste Parque um trilho pedestre de 3 km – *A Rota dos Fósseis* – no qual, para além de observar os icnofósseis<sup>6</sup> (fotografia de um exemplo de icnofóssil que se pode observar nesta rota, no Anexo III), se pode desfrutar de uma paisagem com imensa beleza cénica (Figura 2).

<sup>6</sup> Icnofósseis: tipo de fósseis que correspondem a vestígios resultantes da actividade de organismos, tais como escavações, trilhos de locomoção, pistas de alimentação e marcas de reprodução, que foram impressos em substratos sedimentares não consolidados ou que resultaram de perfurações em substratos duros (Seilacher, 2005)



Figura 2. Vale do rio Pônsul. Penha Garcia

A riqueza da diversidade, preservação e da singularidade das formas das rochas, juntamente com a quantidade de lajes de icnofósseis presentes conferem uma situação privilegiada a Penha Garcia a nível mundial (Carvalho, 2005). Para além destes testemunhos naturais de características únicas a vários níveis, esta aldeia apresenta ainda um conjunto de tradições e saberes genuínos, fruto do isolamento que sofreu durante séculos e que marcaram o quotidiano da sua população enriquecendo o seu património cultural (Santiago, 2009). Estes conhecimentos empíricos, património cultural imaterial de um povo, foram o mote para desenvolver um estudo etnobotânico em Penha Garcia.

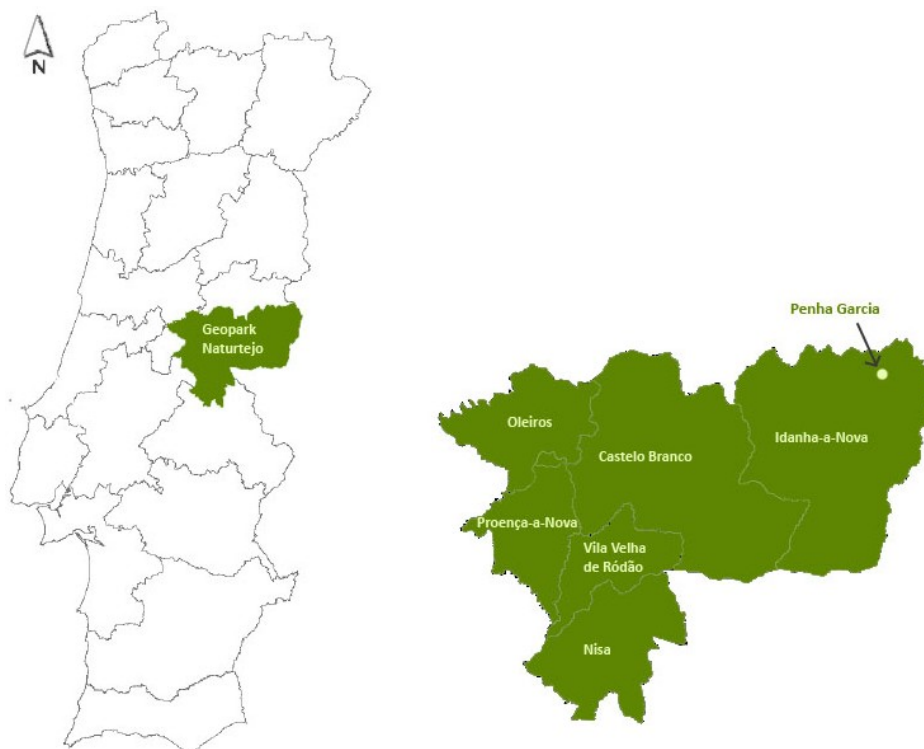


Figura 3. Território do Geopark Naturtejo da Meseta Meridional, com localização de Penha Garcia (modificado de Catana, 2008a)

#### 4.2 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E SOCIAL

Penha Garcia é uma das 17 freguesias do concelho de Idanha-a-Nova (Figura 5C), um dos mais vastos do país, com 1414 km<sup>2</sup> de área. O concelho de Idanha-a-Nova pertence ao distrito de Castelo Branco (Figura 5B) e está situado na Beira Baixa, no centro de Portugal, sendo limitado a Sul e Este pelos rios Tejo e Erges, respectivamente, que definem a fronteira com Espanha. A Norte e a Oeste, localizam-se os concelhos de Penamacor, Fundão e Castelo Branco. O município caracteriza-se por apresentar elevada desertificação e envelhecimento populacional, consequência de um surto migratório bastante significativo que teve especial destaque nas décadas de sessenta e setenta do século passado.

Pelas suas características é um território rural, com problemas de ordem social como população envelhecida (é o terceiro concelho mais envelhecido do país), falta de mão-de-obra qualificada e escassez de infraestruturas capazes de contribuir para a fixação de população jovem.

A sobrevivência económica da maior parte da população activa faz-se através de actividades relacionadas com a agricultura, a silvicultura e o comércio. Apesar de na última década se ter vindo a assistir a um decréscimo da importância da agricultura, actualmente essa tendência começa a inverter-se. Encontra-se agora em florescimento, o sector do Turismo de Natureza, favorecendo toda a região em termos económicos. Destaca-se maior afluência de visitantes na sede do Município, nas aldeias pertencentes à Rede de Aldeias Históricas, às aldeias medievais fortificadas e às que têm complexos termais.



Figura 4. As cristas quartzíticas emolduram a aldeia de Penha Garcia que se estende na encosta da Serra do Ramiro

A aldeia de Penha Garcia fica situada na encosta da Serra do Ramiro (também conhecida por Serra do Ramilo ou, ainda, de Penha Garcia), ramificação da Serra da Malcata, e na margem direita do rio Pônsul (Figura 4). A nível geográfico, a freguesia de Penha Garcia é limitada a Norte pelo concelho de Penamacor, a Este por Espanha, a Sul pela freguesia de Monfortinho e a Oeste pela freguesia de Monsanto. Dista cerca de 26 km de Idanha-a-Nova e tem um área absoluta de aproximadamente 129 km<sup>2</sup> (9,1% da área do concelho).

De acordo com os Censos 2001 o número de habitantes era de 928 e a densidade populacional de 7,3 hab./km<sup>2</sup>. Registou-se nos últimos 20 anos, a perda de 25,3% de população e o número de indivíduos com 65 anos ou mais, aumentou e representa agora 40,8% da população residente. Apesar de ser um território rural com população envelhecida e fraca oferta para a fixação de jovens, existem diversas colectividades/associações ([http://www.cm-idanhanova.pt/gass/pdf/diagnostico\\_social.pdf](http://www.cm-idanhanova.pt/gass/pdf/diagnostico_social.pdf)) em Penha Garcia, o que permite deduzir que há um forte associativismo por parte da população e vontade em participar activamente no seu desenvolvimento.

Relativamente ao número de visitantes que percorrem a Rota dos Fósseis de Penha Garcia, dados de 2007 e 2008 mostram uma tendência de estabilização do número de visitantes, na ordem dos 11500 por ano. Contudo, os habitantes de Penha Garcia poderão beneficiar mais com esta procura turística positiva, se forem desenvolvidas estratégias de promoção dos valores locais.

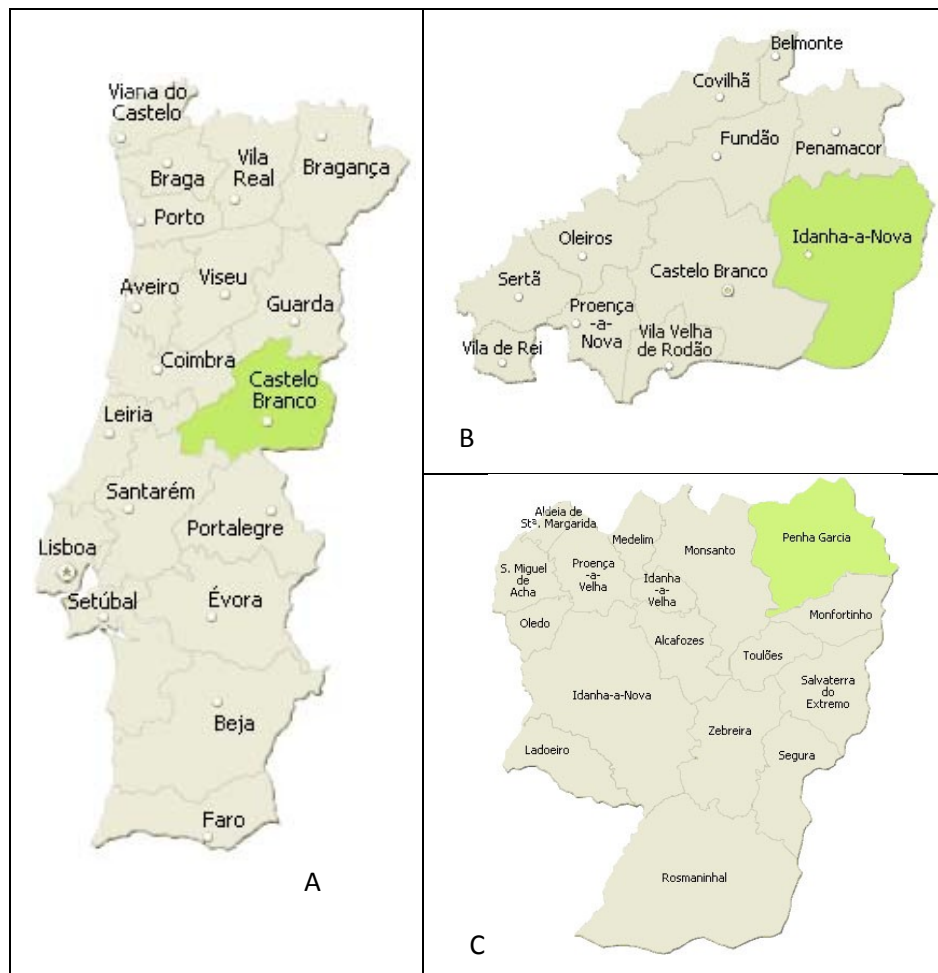


Figura 5. A – Mapa de Portugal continental com a localização dos Distritos; B – Mapa dos concelhos do distrito de Castelo Branco; C – Mapa do concelho de Idanha-a-Nova, onde se destaca a freguesia de Penha Garcia (adaptados de <http://portugal.veraki.pt>)

### 4.3 ENQUADRAMENTO GEOLÓGICO

A longa história geológica da área deste concelho estende-se desde o Neoproterozóico (há cerca de 650 a 600 Milhões de Anos) até aos nossos dias. Diversos eventos sedimentares, magmáticos e tectónicos tiveram lugar durante esse período de tempo.

A área do concelho de Idanha-a-Nova, onde se insere Penha Garcia pertence, em termos morfoestruturais, ao Maciço Hispérico, o qual representa o maior afloramento contínuo de rochas pré-Pérmicas na Península Ibérica e pertence a um segmento da Cordilheira Hercínica da Europa. Penha Garcia situa-se na parte meridional da zona morfotectónica Centro-Ibérica. (Ribeiro *et al.*, 1990 *in* Catana, 2008a). As rochas dominantes no concelho de Idanha-a-Nova são metassedimentos, do Grupo das Beiras (Figura 6). O Grupo das Beiras é uma das unidades identificadas dentro do conjunto de rochas anteriormente designadas por Complexo Xisto-Grauváquico (Catana, 2008a), dominada pela ocorrência das rochas metassedimentares, que correspondem a sedimentos depositados em meio marinho metamorfizados, sendo constituído por xistos, metaconglomerados, metagrauvaques e metaquartzograuvaques (Sequeira e Serejo Proença, 2004).

Assentam em discordância angular sobre o Grupo das Beiras, as rochas do Ordovícico (Catana, 2008). A sequência ordovícica é constituída pela Formação da Serra Gorda, Formação do Quartzito Armoricano (Ordovícico Inferior), pelo Grupo de Cávemes (Ordovícico Médio), pelo Grupo de Sanguinheira e pelo Grupo de Rio Ceira, ambos do Ordovícico Superior (Sequeira *et al.*, 1999).

O Grupo das Beiras apresenta dobramentos muito apertados, frequentemente com eixo vertical, que correspondem à interferência de duas fases de deformação. A mais recente e também a mais intensa, foi a 1ª fase de deformação hercínica, que deu origem a dobramentos com direcção N 60° W, acompanhados por clivagem de plano axial muito penetrativa. Foi esta última fase que, ao deformar as rochas do Ordovícico (Figura 6), originou o sinclinal de Penha Garcia e condicionou a estrutura geral da região (Sequeira e Serejo Proença, 2004).

O referido sinclinal ordovícico de Penha Garcia (Figura 8), aflora entre Termas de Monfortinho e Salvador, com direcção geral NW – SE a WNW – ESE, que se destaca da planície que o cerca e se prolonga para Espanha. Constitui um relevo definido por bancadas possantes de quartzitos (são rochas muito duras, portanto de difícil erosão) que formam os dois flancos do sinclinal. As unidades que se sobrepõem aos quartzitos são constituídas por xistos e metarenitos, mais sensíveis à erosão diferencial e preenchem a área mais baixa entre os dois flancos. Mais recentemente terraços fluviais, aluviões e coluviões individualizaram-se ao longo dos cursos de água e nos flancos das encostas (Sequeira e Serejo Proença, 2004).

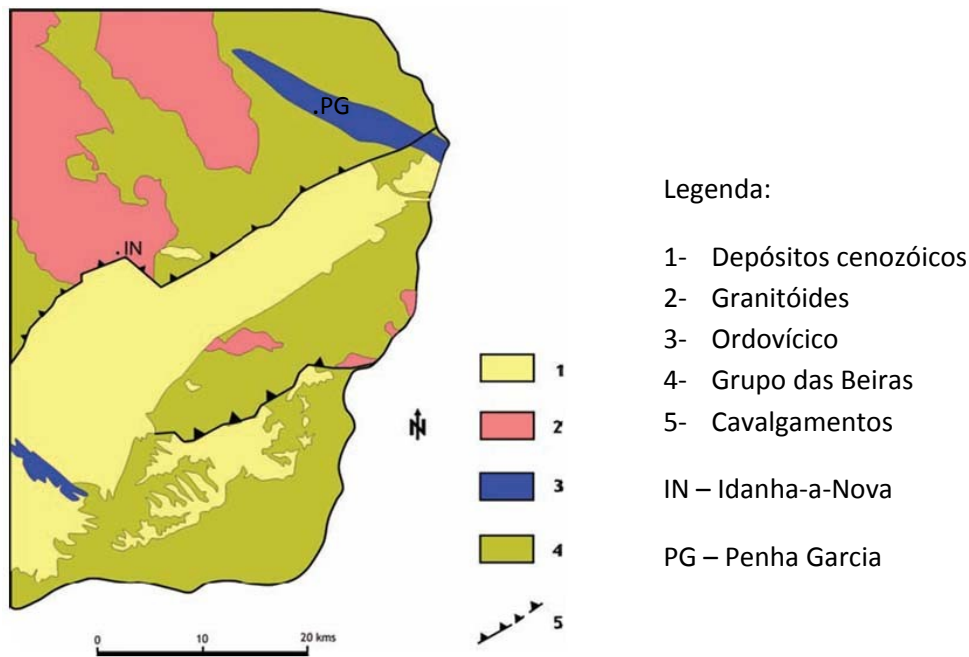


Figura 6. Esboço geológico da região de Idanha-a-Nova, adaptado de (Sequeira e Proença, 2004)

#### 4.4 ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO

Os acontecimentos tectónicos estão preservados na geomorfologia. Representada na Figura 7 está a região de Idanha-a-Nova. A área situa-se no rebordo sul da Cordilheira Central Portuguesa, constituído por uma escadaria de blocos tectónicos com orientação geral NE – SW a ENE – WSW e apresenta terrenos geralmente aplanados, apenas interrompido pelas cristas quartzíticas de Penha Garcia e pelos *inselberge* graníticos de Monsanto-Moreirinha-Alegrios, relevos de resistência. Os terrenos são drenados por cursos de água moderadamente encaixados, geralmente controlados por estruturas tectónicas (Sequeira e Serejo Proença, 2004). O concelho de Idanha-a-Nova é atravessado por afluentes do rio Tejo – o Erges, o Pônsul e a ribeira Aravil – cujas margens se encontram inseridas no Parte Natural do Tejo Internacional.

A vasta área aplanada não se encontra toda à mesma cota, considerando-se as seguintes unidades geomorfológicas (Ribeiro, 1949 *in* Catana, 2008a):

- *Superfície de Castelo Branco, que se estende para Norte da falha do Pônsul e corresponde ao seu bloco levantado onde afloram metassedimentos do Grupo das Beiras, bem como granitos e granodioritos, à cota média de 400 metros. Esta superfície encontra-se inclinada para a falha do Pônsul e levantada para NE;*
- *O relevo residual das cristas quartzíticas do Sinclinal de Penha Garcia, que se ergue no compartimento anterior, 300 a 350 m do aplanamento geral.*

- Os restos da Superfície da Meseta, tais como os afloramentos que se estendem entre as duas cristas quartzíticas e o retalho encostado à crista quartzítica NE, com aproximadamente 5 km<sup>2</sup> de área, a cotas superiores a 600 m.

- A Superfície do Alto Alentejo (também designada por Superfície de Nisa), que corresponde ao bloco rebaixado da falha do Pônsul, conserva espesso registo cenozóico e está inclinada para o lado da falha e levantada para NE. Apresenta altitude média de 200 m na Campina da Idanha. Prolonga-se a seguir pelos terrenos do Grupo das Beiras, por pequenas manchas de rochas intrusivas e por alguns retalhos de sedimentos cenozóicos que se estendem para SE.

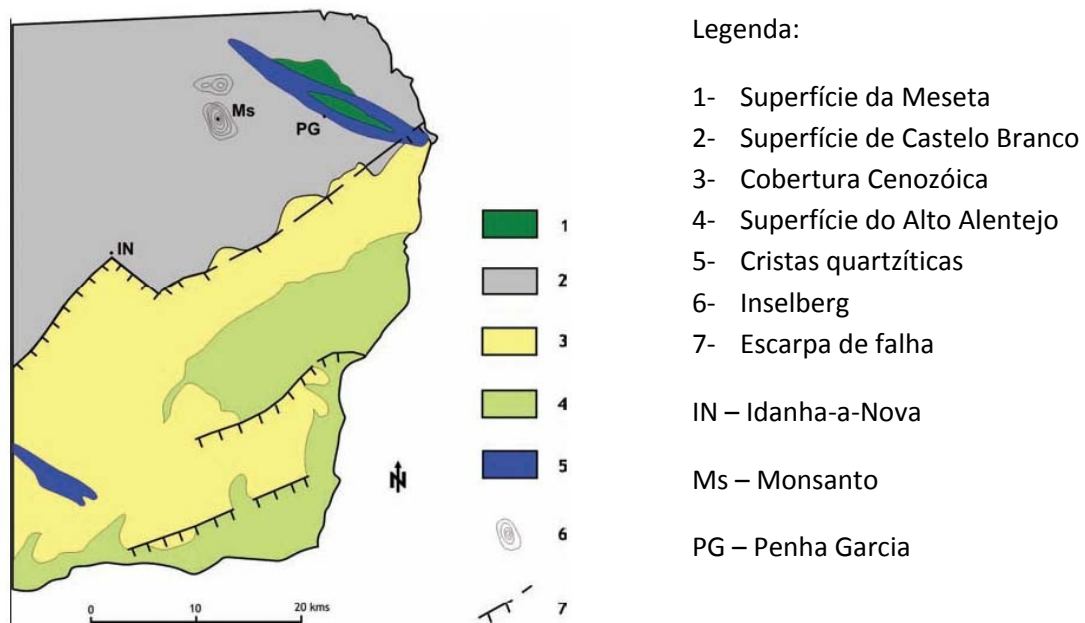


Figura 7. Esboço Geomorfológico da região de Idanha-a-Nova, retirado de Sequeira e Proença (2004)

A aldeia de Penha Garcia situa-se na margem direita do rio Pônsul e estende-se desde o topo até à base do flanco sudoeste do sinclinal de Penha Garcia, a Serra do Ramiro (Figuras 4 e 9). O sinclinal atinge 21,5 km de comprimento em território português, com uma largura média de 2 km, continuando para Espanha (Sequeira e Proença, 2004).

Os relevos principais do sinclinal são duas cristas paralelas, constituídas por quartzitos da Formação Quartzito Armoricano, que afloram em bancadas espessas. O seu flanco Sudoeste é constituído pela Serra do Ramiro, que se prolonga pela Serra da Gorda e o flanco Nordeste é constituído pela Serra do Carvalhal, que se prolonga pela Serra da Cacheira (Figura 8). O conjunto das duas cristas é designado genericamente por Serra de Penha Garcia (Catana, 2008a).



Figura 8. Sinclinal de Penha Garcia, com indicação das quatro Serras que o constituem (imagem de satélite modificada do *Google Earth*)

As serras do Ramiro e do Carvalho limitam o vale onde corre o troço inicial do rio Pônsul, até Sudeste da aldeia, onde o rio aproveita a falha de orientação aproximadamente N-S para alterar a direcção do seu curso e descrever um cotovelo de ângulo acentuado, atravessando e expondo os quartzitos, num vale profundo tipo canhão (Catana, 2008a).



Figura 9. Localização de Penha Garcia na margem direita do rio Pônsul. (imagem de satélite modificada do *Google Earth*)



#### 4.5 CLIMA

O relevo influencia grandemente o clima. Na região de Idanha-a-Nova, o clima é temperado mediterrânico mas com uma influência continental sensível.

Com base na Estação meteorológica de Castelo Branco, pode afirmar-se que se verificam grandes amplitudes térmicas anuais e fraca pluviosidade, sobretudo durante os meses de Verão, que é quente e seco. Atinge-se num elevado número de dias, temperatura máxima superior a 30 °C. O Inverno é suave mas frio, em que raramente são atingidas temperaturas abaixo dos 2 °C e ocorrendo precipitações entre Outubro e Março na ordem dos 1000 mm anuais (<http://snig.igeo.pt/>).

#### 4.6 FLORA E VEGETAÇÃO

Biogeograficamente, Penha Garcia pertence à Região Mediterrânica, Subregião Mediterrânica Ocidental, Superprovíncia Mediterrânica Ibero-atlântica, Província Luso-Extremadurensis, Sector Toledano-Tagano, Subsector Hurdano-Zezerense, e Superdistrito Cacerense. (Costa *et al.*, 1998)

Segundo aqueles autores a Região Mediterrânica é caracterizada por apresentar um período seco estival, relativamente prolongado, embora possa haver excesso de água nas outras estações. A vegetação desta região caracteriza-se por apresentar folhas pequenas e coriáceas. Dominam plantas de folha persistente, como *Quercus suber* L. (sobreiro), *Quercus rotundifolia* Lam. (azinheira), *Olea europaea* L. var. *sylvestris* Miller (zambujeiro), *Quercus coccifera* L. (carrasco), *Pistacia lentiscus* L. (aroeira), *Laurus nobilis* L. (loureiro) ou *Arbutus unedo* L. (medronheiro), entre outras.

Na Superprovíncia Mediterrânica Ibero-atlântica dominam os solos siliciosos (com excepção da Província Bética), aflorando os sedimentos calcários, dolomíticos e arenitos do Mesozóico apenas em pequenas áreas. Alguns dos táxones exclusivos desta Superprovíncia são *Cytisus grandiflorus* (Brot.) DC., *Lavandula luisieri* (Rozeira) Rivas Martínez, *Phlomis lychnitis* L., *Retama sphaerocarpa* (L.) Boiss. e *Thymus mastichina* L., entre outros. A sua vegetação alberga uma flora antiga e rica em endemismos.

A Província Luso-Extremadurensis é a que ocupa maior área do território português e em que a vegetação esclerófila mediterrânica apresenta maior expressão (Ferreira *et al.*, 2005). É limitada a norte pelas Serras do Açor, Lousã, Estrela e Malcata. A oeste por uma linha que passa pela Serra da Lousã, leste das serras calcárias de Condeixa a Tomar, Serra da Amêndoa, Amieira, Ribeira de Sor, Vale do Sorraia, Vale do Sado, Serras de Grândola, Cercal e Espinhaço de Cão. A sul pelos calcários do Barrocal algarvio (Costa *et al.*, 1998). Trata-se de um território com solos derivados de materiais siliciosos, paleozóicos, maioritariamente xistos e granitos. A vegetação é constituída por sobreirais, azinhais e pelas respectivas etapas de substituição que agora dominam toda a paisagem (Ferreira *et al.*, 2005).

O Sector Toledano-Tagano é dominado por solos graníticos, xistosos e quartzíticos e situa-se no andar mesomediterrânico seco a sub-húmido. A diferença deste Sector face aos vizinhos em território português está nas espécies dominantes na paisagem vegetal que aqui se encontram: *Cytisus multiflorus* (L'Hér.) Sweet, *Dianthus scaber* subsp. *toletanus* (Boiss. & Reut.) Tutin, *Loeflingia hispanica* Lag., *Retama sphaerocarpa* (L.) Boiss., *Quercus pyrenaica* Willd., *Halimium ocymoides* (Lam.) Willk., *Polygala microphylla* L. e *Ornithogalum concinnum* (Salisb.). É neste sector que o carvalhal de carvalho-negral lusoextremadurenses *Arbutum unedonis-Quercetum pyrenaicae*, tem maior extensão em Portugal. Há que considerar os abundantes giestais do *Cytisum multiflorum-Retametum sphaerocarphae* e o urzal-esteval *Halimium ocymoides-Ericetum umbellatae*, para além dos bosques e matos próprios da Província (Costa *et al.*, 1998).

O Subsector Hurdano Zezerense inclui serras que ultrapassam ligeiramente os 1000 metros, como as serras da Gardunha, Muradal, Alvelos, Vermelha e Malcata e o vale do Zêzere. Inclui ainda a campina de Castelo Branco – Idanha-a-Nova, Penha Garcia, as arribas do Tejo e a zona de Niza-Fronteira. As plantas diferenciais deste Subsector são *Asphodelus bento-rainhae* P. Silva (endémica da Serra da Gardunha), *Euphorbia welwitschii* Boiss. et Reut., *Juniperus oxycedrus* L., *Malcolmia patula* (Lag.) DC., *Celtis australis* L., *Halimium alyssoides* (Lam.) K. Koch e *Petrorhagia saxifraga* (L.) Link (Costa *et al.*, 1998).

Ainda segundo os mesmos autores, o Superdistrito Cacerense situa-se no andar mesomediterrânico seco a sub-húmido. As orlas nanofanerófitas retamóides do *Cytisum multiflorum-Retametum sphaerocarphae*, o carrascal *Rhamnus fontqueri-Quercetum cocciferae* e o esteval *Genista hirsutae-Cistetum ladaniferi* são diferenciais deste Superdistrito. Nas zonas graníticas mais rochosas encontra-se o rosmaninhal *Scilla-Lavanduletum sampaioanae*. Um traço característico deste território face aos vizinhos é a presença de *Juniperus oxycedrus* L. (*Rubio longifoliae-Juniperetum oxycedri*) que domina a comunidade permanente edafoxerófila nos alcantis quartzíticos do Tejo.

Segundo Neto de Carvalho (2005), Penha Garcia apresenta, ao nível da flora, alguns nichos ecológicos originais, por se terem particularizado em áreas dominadas por formações rochosas quartzíticas, em solos imaturos, essencialmente siliciosos e muito pobres noutros minerais. Pode encontrar-se por exemplo a espécie *Drosera rotundifolia* L. nas margens do Rio Pônsul (fotografia no Anexo II).

#### 4.7 CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM

Num estudo para a identificação e caracterização da paisagem (Abreu *et al.*, 2004), Penha Garcia insere-se num grupo (G – Beira Interior) constituído por nove unidades de paisagem (Figura 10) que evidencia uma acentuada ruralidade, determinada pela situação periférica e de

interioridade, condicionada pela posição geográfica e dificuldades de acesso. É referido o fraco dinamismo económico, fortemente relacionado com a baixa densidade populacional que caracteriza toda a zona, com destaque para uma larga faixa fronteiriça. O conjunto de paisagens tem características muito particulares onde, mais a Norte, sobressai um carácter rude, associado à escala e morfologia dominante, a um uso extensivo do solo e ainda, à presença de afloramentos rochosos e blocos fragmentados de pedra; e a Sul, paisagens com um carácter menos vincado devido à presença de áreas florestais e de uma agricultura mais intensiva.

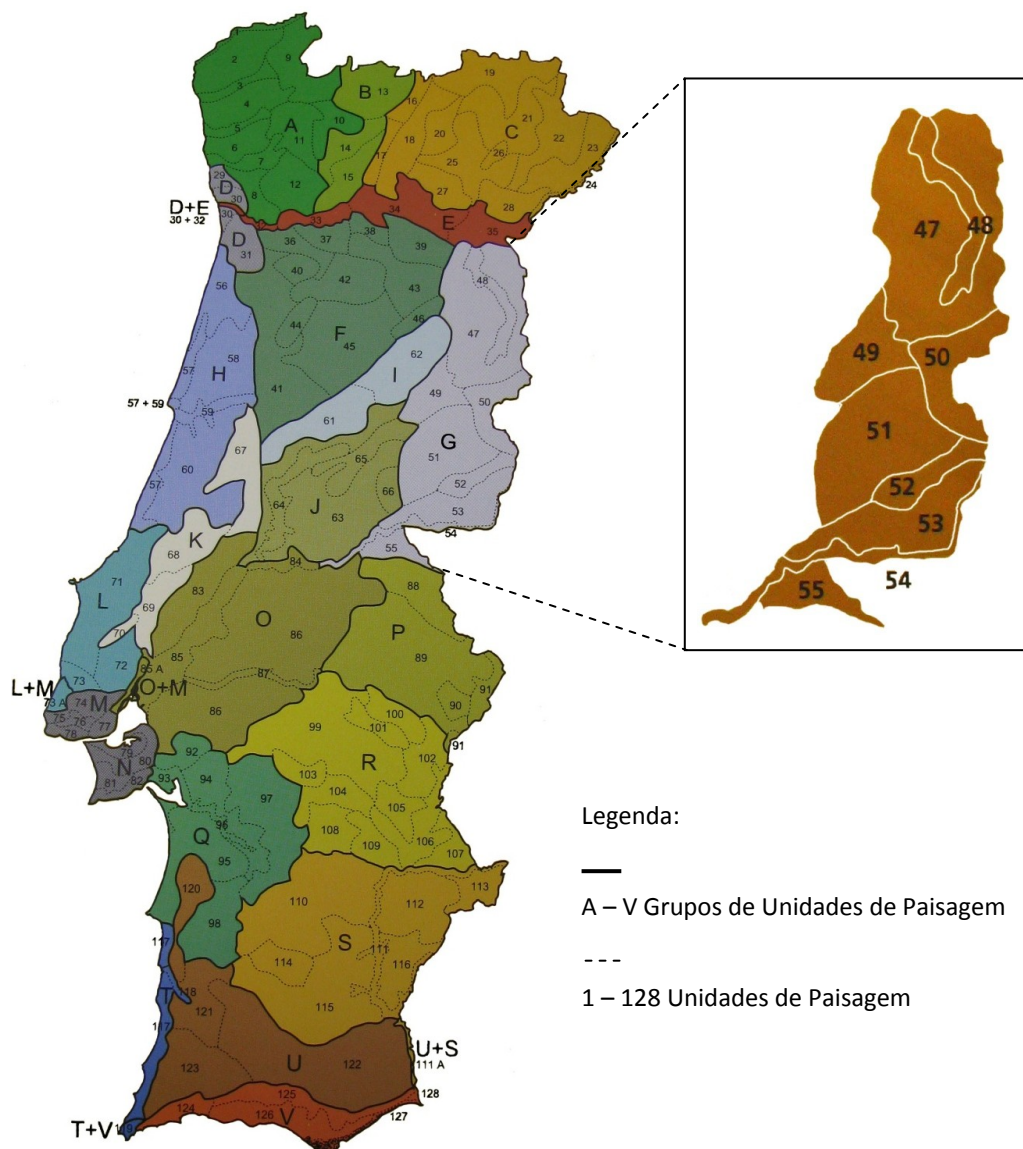


Figura 10. Unidades e Grupos de Paisagem em Portugal Continental (retirado de Abreu *et al.*, 2004). O Grupo de Unidades de Paisagem a que pertence Penha Garcia – Beira Interior – está indicado com a letra G.

A unidade de paisagem 50 – Penha Garcia e Serra da Malcata – engloba a aldeia em estudo, o sinclinal onde esta se localiza (sinclinal de Penha Garcia, ver capítulo 4.4) e compreende também a

Serra da Malcata (Figura 11). Estas paisagens são marcadas pelo relevo acidentado e predominância do coberto florestal, em grandes manchas uniformes e compactas, sobretudo de pinheiro bravo e eucalipto. Trata-se de paisagens despovoadas, com apenas alguns aglomerados de pequena dimensão, cujo uso dominante do solo reflecte uma profunda alteração da vegetação natural pela acção humana. Contudo, a sua localização na linha fronteiriça, numa área do país com fraco dinamismo económico reforça a sensação de isolamento e mesmo de abandono. Como elemento singular é apontada a crista quartzítica do relevo de Penha Garcia, que forma como que uma parede imponente sobre o ondulado mais baixo da Beira Interior (Abreu *et al.*, 2004).

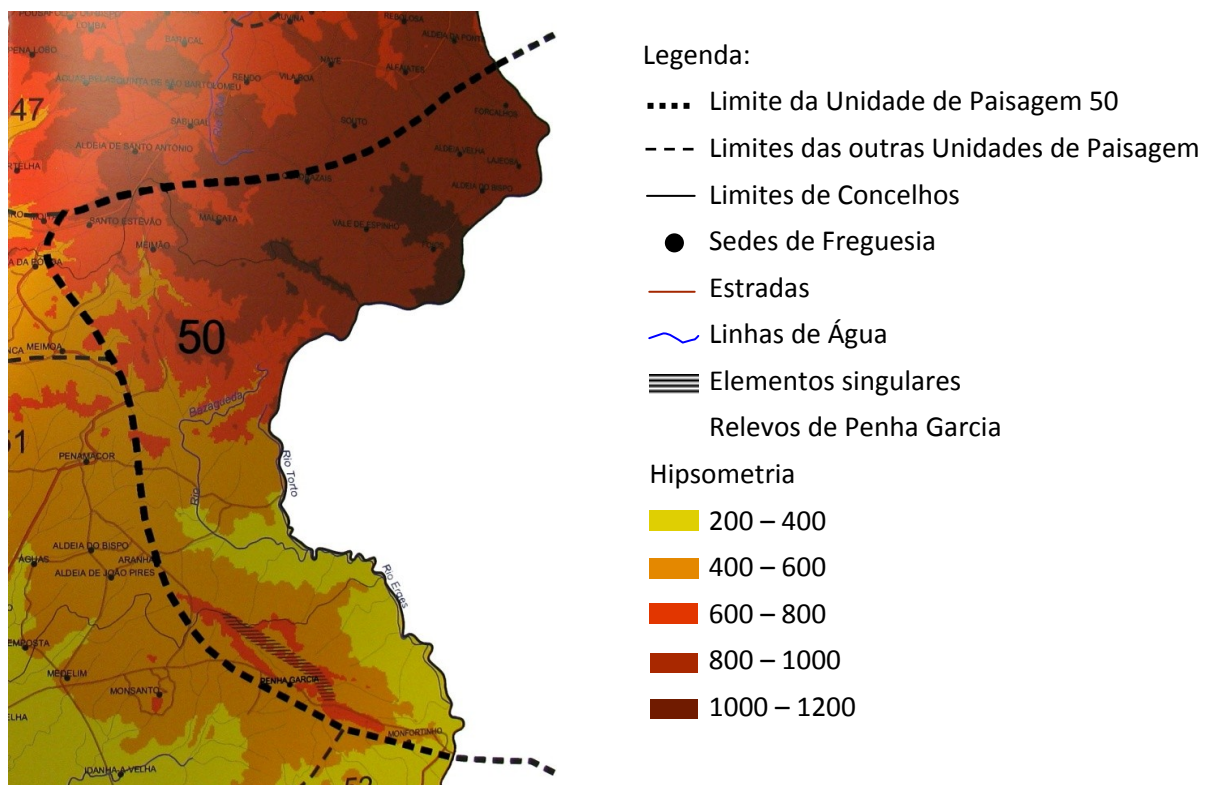


Figura 11. Unidade de Paisagem 50 – Penha Garcia e Serra da Malcata (retirado de Abreu *et al.*, 2004)

## 5. PATRIMÓNIO ETNOBOTÂNICO DE PENHA GARCIA

### 5.1 INTRODUÇÃO

Penha Garcia sofreu durante séculos um isolamento que remeteu esta e outras regiões de interior para uma situação de deficiência económica, demográfica e social, fruto da concentração de infra-estruturas e equipamentos nas zonas metropolitanas e desenvolvidas do país. Em contrapartida, esse isolamento marcou o quotidiano da sua população, desenvolvendo os seus conhecimentos ao longo de gerações, contribuindo para consolidar a sua identidade e enriquecer um legado cultural que é hoje considerado património imaterial. O presente trabalho debruça-se

exactamente sobre o conjunto de conhecimentos tradicionais desta população, no que diz respeito à utilização dos recursos vegetais de que dispõem.

Ainda pouco entendido como um importante valor imaterial, intrínseco da cultura de uma comunidade, o conhecimento etnobotânico deve ser documentado e utilizado como forma de valorização identitária. Devidamente integrado em estratégias de desenvolvimento sustentável – que se verificam já na região onde Penha Garcia se situa, como consequência da entrada do Geopark Naturtejo para a Rede Europeia e Global de Geoparques da UNESCO – este conhecimento pode igualmente tornar-se num produto turístico, contribuindo para o desenvolvimento económico local, através da criação de um nicho de negócio que alia o conhecimento de uma comunidade à utilização da sua própria paisagem, na área dos produtos tradicionais com proveniência certificada, tão em voga nos dias de hoje.

A etnobotânica de Penha Garcia seria assim, uma ferramenta utilizada para mitigar os processos de despovoamento do território que se têm verificado nas últimas décadas, potenciar o turismo e inculcar à própria população a importância dos seus conhecimentos e da sua preservação e conservação para gerações futuras.

Em muitos casos, as pesquisas etnobotânicas incluem uma análise dos dados recolhidos sobre os informantes: sexo, idade, profissão, nível de instrução, etc. (Camejo-Rodrigues, 2001, Carvalho, 2005) com a finalidade de entender a relação que existe entre cada grupo de pessoas na comunidade e a qualidade da informação que detêm. Geralmente, como já foi referido, a escolha de determinado tipo de metodologia usada na investigação e do posterior tratamento de dados, depende também do âmbito do estudo e da área de formação ou trabalho do investigador. Neste caso de estudo, algumas características relativas aos informantes são expostas apenas a título informativo, não sendo relevantes para atingir os objectivos propostos para esta dissertação.

Para além de se recolher a informação acerca da utilização das diversas espécies vegetais pelos habitantes de Penha Garcia, como produto para a valorização do seu património natural e cultural imaterial, foi feita uma descrição das principais características estruturais das plantas e seus habitats.

## 5.2 METODOLOGIA UTILIZADA

### 5.2.1 RECOLHA DO CONHECIMENTO POPULAR

Para a realização do presente trabalho, a informação foi obtida através de entrevistas etnobotânicas semi-estruturadas e não-estruturadas e de inquéritos, efectuados a pessoas que vivem na aldeia de Penha Garcia. Foram respondidos 17 inquéritos (15 informantes) e realizadas 13 entrevistas semi-estruturadas, no total de 30 informantes. Para a escolha dos informantes, foi feito antecipadamente um contacto com a direcção do Geopark Naturtejo, com sede no Centro Cultural

Raiano em Idanha-a-Nova, para que pudessem indicar as pessoas que mais provavelmente teriam conhecimento acerca das plantas locais e das suas utilizações. Assim, foi sugerido um primeiro contacto com o Lar da 3ª Idade de Penha Garcia, onde poderia contactar com alguns dos seus utentes, levando a cabo entrevistas semi-estruturadas. Paralelamente, contactou-se o professor da Escola Primária de Penha Garcia, João Moreira, com o intuito de expor o estudo que estava a ser desenvolvido e averiguar o interesse da cooperação dos seus alunos no mesmo. Uma vez que foi aceite com entusiasmo a proposta de participação, foram distribuídos cerca de 14 inquéritos (Anexo I – modelo do inquérito) pelos alunos, para que fossem respondidos em casa, com a ajuda das respectivas famílias.

Envolver os alunos do 1º ciclo do ensino básico neste tipo de pesquisa, embora não seja muito frequente, tem neste caso, o propósito de proporcionar uma primeira aproximação das gerações mais novas em relação a um conhecimento que reside maioritariamente nas gerações mais idosas. Deste modo, propicia-se o encontro de gerações em torno de um interesse comum, revelador dos conhecimentos tradicionais, ao mesmo tempo que se abrange um maior número de participantes. Para além destes, foram também distribuídos inquéritos a alunos de formação, que se propuseram a ajudar com os conhecimentos que tivessem.

A decisão pela utilização de métodos de recolha de informação diferentes deveu-se, aos também diferentes tipos de pessoas escolhidas para colaborar nesta pesquisa. Assim, os inquéritos destinavam-se a abranger um maior número de pessoas, num menor período de tempo; e as entrevistas etnobotânicas, a aprofundar mais este tipo de conhecimentos.

No que diz respeito às entrevistas, a selecção da maioria dos informantes não foi aleatória, uma vez que se procurou entrevistar pessoas que tinham bons conhecimentos a nível do uso das plantas. Partindo do facto de que numa zona de carácter essencialmente rural, vive actualmente um número relativamente pequeno de pessoas que se conhecem bem e contactam quase diariamente, jogou-se com o efeito “bola de neve” (Bernard, 1988). Assim, à medida que os informantes iam sendo entrevistados, pedia-se-lhes que indicassem outras pessoas que sabiam muito acerca da utilização das plantas. Deste modo, foi possível encontrar um maior número de informantes.

Relativamente aos inquéritos, não foi possível escolher rigorosamente os participantes, já que este método se estendia a um leque indiscriminado de pessoas, no que refere aos seus conhecimentos sobre usos das plantas.

Por entrevista etnobotânica entende-se uma visita, ou sempre que possível um conjunto de visitas, que são efectuadas ao mesmo informante, ou aos mesmos informantes, no caso da participação de mais que uma pessoa em simultâneo (Camejo-Rodrigues, 2001). No início de cada entrevista esclareceram-se os objectivos do estudo e, no decurso das mesmas, tentou manter-se uma conversa informal, de modo a que os informantes não se sentissem pressionados e as

informações fluíssem quase espontaneamente. No entanto, foi por vezes necessário reencaminhar a conversa para que não se fugisse ao tema de estudo. As entrevistas foram realizadas em vários locais: no lar da 3ª Idade, no forno comunitário da aldeia (Figura 12), em casa dos informantes, em hortas, numa rua e no campo.

Tentaram procurar-se os conhecimentos que tivessem sido obtidos por experiência própria ou por transmissão oral e do “ver fazer” as gerações anteriores, contudo sabe-se que alguns conhecimentos terão já sido adquiridos através da leitura de livros ou de informações vistas na televisão.



Figura 12. Entrevista realizada no forno comunitário de Penha Garcia

Durante as entrevistas, foram apontadas num caderno as informações sobre as plantas e as suas utilizações, averiguando qual a parte utilizada, o modo de preparação e aplicação e também o modo de conservação (se fosse o caso). Recolheu-se ainda informação sobre o sítio onde as pessoas obtinham as plantas – se não as tivessem na horta ou quintal – para tentar perceber se as pessoas ainda utilizam muito os recursos vegetais que têm disponíveis na paisagem que os rodeia ou se, por outro lado, só utilizam plantas cultivadas por si próprios. Tiraram-se também fotografias das plantas referidas e, casualmente, foi ainda possível recolher cantigas populares sobre algumas plantas e receitas tradicionais (Anexo IV).

No pequeno texto que acompanhava o inquérito utilizado, era explicado resumidamente o objectivo do trabalho. As questões que o constituíam destinavam-se a obter o mesmo tipo de informação que era procurado nas entrevistas. Pedia-se que fosse escrita uma característica física da planta citada, pela qual sabiam reconhecer a planta, ou que a distinguísse de outras parecidas. Era

ainda pedido, que o inquérito fosse acompanhado da planta descrita, ou de parte dela, para que fosse mais fácil identificá-la.

Para além dos inquéritos e das entrevistas etnobotânicas, foram feitas saídas de campo com o técnico da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, o Sr. Domingos Rodrigues, responsável pela manutenção e vigilância do Parque Icnológico de Penha Garcia, com a finalidade de recolher plantas não fornecidas pelos informantes e que se suspeitava serem as citadas pelos mesmos. Estas saídas de campo proporcionaram, para além da recolha de espécimes, o conhecimento de novas plantas e respectivos usos, assim como a indicação de pessoas que sabiam muito acerca da utilização das plantas.

#### 5.2.2 CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS NOMES POPULARES LOCAIS E OS NOMES CIENTÍFICOS E IDENTIFICAÇÃO DAS PLANTAS

A nomenclatura popular é um campo fundamental do trabalho etnobotânico, uma vez que reflecte um património cultural valioso sobre o ambiente vegetal e compreende informação complementar sobre usos, costumes ou mesmo sobre a distribuição geográfica das plantas (Carvalho, 2005). Apesar da sua importância, seriam necessárias outras metodologias específicas para o estudo da nomenclatura popular, análise que não se enquadra no âmbito desta dissertação.

Identificar as plantas que são referidas como úteis pelos informantes, torna-se por vezes numa função difícil, pelo facto de não existir unanimidade na designação popular das plantas, não só de região para região, como também dentro da mesma região (havendo mesmo disparidade de nomes entre aldeias próximas). Os critérios usados para nomear uma planta variam com o contexto cultural de cada zona e com a forma de interagir com as plantas (com a finalidade do uso, parte utilizada, época do ano em que floresce ou o tipo de utilização, por exemplo). Acontece encontrarem-se plantas diferentes com o mesmo nome popular ou existirem vários nomes vulgares diferentes para designar a mesma planta – por vezes surgem até, nomes populares para uma planta, que nunca antes foram registados. Por outro lado, há uma categoria de nomes que são considerados inequívocos, que se perpetuaram por tradição oral e porque servem para designar uma só espécie. Existem também outros casos, em que se empregam tanto designações semelhantes ao nome científico, como nomes colectivos para referir diversas plantas que se parecem na sua morfologia ou tipo de usos. Assim, é imprescindível identificar as plantas referidas pelos informantes e, para isso, foram feitos passeios ao campo e a hortas a fim de poder recolher algumas dessas plantas úteis. Alguns informantes forneceram a planta já seca e preparada para chá. Foram, por vezes, levados espécimes colhidos no campo, ou fotografias das plantas que se suspeitava terem sido referidas pelos informantes em entrevistas anteriores, uma vez que nem sempre foi possível realizar saídas de



campo com os informantes. Desta forma foi possível não só identificar novas espécies, como dissolver dúvidas sobre espécies já identificadas.

Para a identificação das plantas contou-se com a colaboração do professor José Carlos Costa e da Eng<sup>a</sup> Teresa Vasconcelos, ambos do ex-Departamento de Protecção das Plantas e Fitoecologia, do Instituto Superior de Agronomia. Recorreu-se igualmente a bibliografia para confirmar nomenclatura e características específicas das plantas: Nova Flora de Portugal (Franco, 1971 e 1984), Plantas Medicinales – El Dioscorides renovado (Font Quer, 1999), Guia INCAFO de las Plantas Útiles y Venenosas de la Península Ibérica y Baleares (Núñez e Castro, 1991), Nomes vulgares de plantas existentes em Portugal (Rocha, 1996) e foram ainda consultadas, as bases de dados sobre as plantas de Espanha (<http://www.anthos.es>) e das plantas vasculares da Península Ibérica e Baleares (<http://www.floraiberica.es/>), disponíveis na internet.

### 5.3 TRATAMENTO DE RESULTADOS

Primeiramente descreveram-se em termos gerais as entrevistas e inquéritos obtidos (Anexos V e VI). Os dados que foram contabilizados foram validados segundo critérios de consenso geral e de fiabilidade dos informantes. Apesar de vários autores (Camejo-Rodrigues 2002, Novais *et al.*, 2004, Pieroni, 2000) não considerarem válidos dados que não tenham sido relatados por mais do que três informantes, Carvalho (2005) refere Pardo de Santayana (2003) e Agelet e Vallés (2003), que sublinham a importância de não desviar informação proveniente de menos que três pessoas, pois pode tratar-se da última referência a um saber que se está a perder. Por conseguinte, consideraram-se válidos os dados recolhidos nas entrevistas e inquéritos, todos os que demonstraram confiança e fiabilidade, pela qualidade de informação transmitida, ainda que tenha sido apenas por um informante. Nos casos em que estavam incompletos, que eram imprecisos e aos quais faltou confirmação ou determinação botânica, os dados foram considerados duvidosos ou mesmo excluídos.

As idades dos informantes estão compreendidas entre os 7 e os 86 anos. Embora os alunos da Escola Primária de Penha Garcia tenham respondido em conjunto com os seus familiares mais velhos, uma vez que é normal que não sejam as crianças a deter conhecimentos deste tipo, correspondem às suas, as idades indicadas nos inquéritos que lhes foram entregues. A maioria dos informantes é do sexo feminino (apenas 3 são do sexo masculino, o que corresponde a 10% da amostragem).

Aos dados etnobotânicos recolhidos, efectuaram-se várias análises: em primeiro lugar verificou-se o número de espécies referidas como úteis, o número de famílias botânicas a que estas espécies correspondem e, dentro destas, o número de espécies citadas; posteriormente averiguou-se quais as espécies mais referidas e o número de usos citados para cada espécie, contabilizando-se

os usos que mais foram referidos neste estudo. Fez-se também um tratamento relativo aos usos referidos, agrupando-os de forma artificial em categorias e subcategorias (quando se justificava), que permitem ordenar e associar dados. Vários autores (Blanco e Morales, 1994; Cook, 1995; Carvalho, 2005; Núñez e Castro, 1991) propõem formas distintas de hierarquizar os usos. No presente trabalho, a definição das categorias de uso foi sendo adaptada ao longo das pesquisas e do tratamento de dados, consoante se ordenava a informação. Em seguida apresentam-se as categorias de uso, os tipos de utilização e as subcategorias, consideradas neste estudo:

Tabela 1. Categorias de uso

CATEGORIA – TIPOS DE USO	SUBCATEGORIAS DE USO
Alimentar – Alimentos, bebidas	Fruto
	Verdura para sopas
	Verdura para saladas
	Bebida
	Complemento
Aromática – Condimentos, para perfumar a casa ou gavetas	Condimento
	Ambientador
Medicinal – Propriedades medicinais para o homem	Sistema digestivo
	Sistema respiratório
	Sistema urinário
	Sistema cardiovascular
	Sistema nervoso
	Sistema genital
	Sistema músculo-esquelético
	Sistema endócrino
	Inflamações/Infecções
	Analgésicos
	Antipiréticos
	Antigripal
	Dermatológico
Panaceias (“faz bem a tudo”)	
Industrial e Artesanal – Cosmética, tintureiras, têxteis, madeiras, ferramentas, cestaria	Têxteis
	Cosmética
	Utensílios domésticos
	Mobiliário
	Utensílios Agrícolas
	Artesanato
Ornamental – Jardins, adorno de exteriores	
Folclore – Superstições, jogos infantis	Superstições
	Jogos infantis

## 6. RESULTADOS

Os resultados da pesquisa etnobotânica são expostos num catálogo que apresenta as espécies citadas pelos informantes deste estudo e a informação relativa à sua classificação botânica, nomenclatura popular, ecologia, usos e tradições. Tais informações baseiam-se na sabedoria transmitida, reflectindo o património vegetal e cultural da área de estudo. Incluiu-se ainda, dados relativos a plantas às quais se conhece apenas o seu nome vulgar e aplicação. Considerando que este estudo se destinou a fazer uma recolha geral da utilização das plantas em Penha Garcia, os dados obtidos são apresentados não por categoria de uso, mas sim apresentados por nome científico e listados por ordem alfabética. Serão expostos nos anexos VII e VIII os dados, organizados por tipos de uso e por nome popular local.

O significado dos campos utilizados para cada espécie e o modelo da ficha de catálogo são descritos em seguida:

### **Nome científico**

Nome comum e nome relacionado

Família

Fonte

Obtenção

Ecologia

Descrição

Usos

Observações

Nome comum: Nome (ou nomes) popular referidos pelos informantes. Estão ordenados por ordem decrescente de número de citações (e suas variantes).

Nome relacionado: Estão incluídos nomes relativos a partes de plantas, como por exemplo o nome da inflorescência ou do fruto.

Família a que pertence a planta citada.

Fonte: número de informantes e modo como a planta citada como útil foi reconhecida.

Obtenção: indicação sobre a obtenção da planta, se é silvestre ou cultivada, de acordo com o que foi referido pelo informante.

Ecologia: indica os dados sobre o habitat e/ou lugares de recolha da planta.

Descrição: breve descrição das características estruturais da espécie. (Font Quer, Pio, 1999; Núñez e Castro, 1991; Cunha *et al.*, 2007; Oliveira e Neiva, 2001; Flora Iberica, base de dados disponível na internet em [www.floraiberica.es](http://www.floraiberica.es))

Usos: descrição das várias aplicações referidas para a espécie, agrupadas por categorias de usos consideradas na metodologia.

Observações: Refere-se alguma informação complementar que seja relevante sobre a planta, como por exemplo a parte da planta utilizada e o modo de preparação e/ou aplicação.

## 6.1 CATÁLOGO ETNOBOTÂNICO

### **Arbutus unedo L.**

madronho, medronheiro

*Ericaceae*

3 informantes. Planta

Silvestre. Cultivada nas hortas e quintais

**Ecologia:** Bosques, matos xerofíticos e margens de matas

**Descrição:** Arbusto ou pequena árvore de folha persistente que pode atingir os sete metros de altura mas que geralmente não ultrapassa os três ou quatro. Ritidoma acastanhado, muito fendilhado que se desprende facilmente em tiras. Folhas simples pecioladas, alternas, com contorno lanceolado e margem serrada, de cor verde intensa, lustrosa na página superior e verde pálida na inferior. As flores têm cor branca, por vezes verde-amarelada, de forma urceolada reunidas em panículas terminais. Floresce no Outono e Inverno. O fruto é uma baga globosa, com tamanho semelhante ao de uma cereja, cuja coloração vai alterando, passando por verde, amarelo, laranja avermelhado e encarnado escuro, quando maduro. Possui uma textura rugosa. A floração coincide com a altura do amadurecimento dos frutos do ano anterior, podendo ver-se ao mesmo tempo as flores e os frutos.



**Usos:** Alimentar: fruto, bebida; ornamental.

**Observações:** O fruto come-se, é muito saboroso, mas deve ter-se cuidado devido ao seu alto teor de álcool. Com os frutos bem maduros, faz-se licor de “madronho”. Põem-se numa garrafa alguns frutos, açúcar e aguardente e deixa-se repousar até o líquido ficar escuro. Utiliza-se como ornamental nos jardins e quintais.

***Bryonia dioica* Jacq.**

norça

*Cucurbitaceae*

1 informante. Planta

Silvestre. Cultivada nas hortas

**Ecologia:** Orlas de bosque, caminhos, muros de pedra.

**Descrição:** Herbácea perene, coberta de pequenos pelos espessos na base; raiz muito grossa, carnosa e cilíndrica. Os talos são longos, finos e trepadores, providos de gavinhas em espiral, opostas às folhas. Floração branca na Primavera e Verão. Os frutos são bagas de cor encarnada.

**Usos:** Alimentar: Verduras para sopas.

**Observações:** Utilizam-se os talos tenros em omeletas e ovos mexidos, dando-se uma fervura antes de utilizar, para tirar o sabor amargo.



***Centaurium erythraea* Rafn.**

fel-da-terra

*Gentianaceae*

4 informantes. Amostra de planta seca

Silvestre. Apanha-se no mato e nos cabeços.

**Ecologia:** Campos cultivados, prados de sequeiro. Bosques, prados e matos.

**Descrição:** Arbusto bienal até 50cm de altura com caule geralmente solitário. As folhas dispõem-se em roseta basal. Floração em corimbo rosada, por vezes roxa e raramente branca, na Primavera, Verão e Outono

**Usos:** Medicinal: antipirético, aparelho digestivo, sistema endócrino.

**Observações:** Utilizam-se as flores, folhas e caules para fazer chá. Utilizam-se para baixar a febre, para aliviar as “crises de fígado” e melhorar as perdas de apetite. É bom para os diabetes. Uma colher de sopa de ervas (previamente secas à sombra e conservadas num local seco) para um litro de água. O chá é muito amargo e, para melhorar, por vezes junta-se um pouco de mel.

***Chamaemelum mixtum* (L.) All**

margaça

*Compositae*

5 informantes. Planta

Silvestre

**Ecologia:** Em todo o tipo de terrenos, mesmo os mais pobres

**Descrição:** Herbácea anual, de porte erecto. Folhas alternas, em roseta e de cor verde seco. Folhas caulinares com eixo foliar muito comprido, penatipartido com segmentos inteiros ou serrados e tomentosas. Capítulos brancos, com floração entre Abril e Setembro

**Usos:** Folclore: Jogos Infantis.

**Observações:** Servia como brincadeira, juntamente com os pimpilros: “iguais mas de flor amarela” (não foi vista nem identificada), para fazer colares e coroas com as flores. Enfiava-se um fio no centro de várias flores brancas e alternava-se com outro igual de flores amarelas. Cantaram ainda dois versos antigos sobre esta planta, que dizem que nem os animais comem:

*“Julgava que Margaça fosse mulher de algum homem,*

*Ela é de tão má raça, que nem os animais a comem”*

*“Margaça é a má erva, ela me pica na mão*

*Também a maldade pica, aos homens no coração”*

***Cistus ladanifer* L.**

xara, esteva

*Cistaceae*

5 informantes. Planta

Silvestre.

**Ecologia:** Bosques secos, matos geralmente baixos, vivendo em solos degradados ou pouco evoluídos. Terrenos áridos e ácidos com presença de xistos e outras rochas siliciosas.

**Descrição:** Arbusto perene que pode atingir três metros de altura. Ramos erecto-patentes pegajosos, formando copa frouxa. Folhas lanceoladas, verde-escuras e glabras na página



superior, igualmente muito pegajosas (a cutina está coberta por um láudano aromático que a planta usa como defesa). Flores muito vistosas, de 7 a 10cm, brancas (*var. ladanifer*) ou com uma mancha encarnada escura na base de cada uma das cinco pétalas (*var. maculatus*). O fruto é uma cápsula tomentosa.

**Usos:** Alimentar: complemento. Aromático: ambientador. Industrial: utensílios domésticos e agrícolas.

**Observações:** Os ramos das xaras, com folhas e flores, eram utilizados antigamente para fazer vassouras para limpar os fornos onde se faz o pão, porque deixavam um cheiro muito agradável: “Fazia-se um grande molho e atava-se em baixo”. Em tempos antigos, quando não havia nada que comer, ou mesmo por guloseima, comiam-se as flores que tinham “pintinha” encarnada, que se dizia ser sangue de Jesus. As flores com pétalas sem mancha encarnada também se comiam (porque havia muita fome), mas por não terem a mancha diziam que era do diabo e que não se devia comer. Os ramos, por serem muito duros, usam-se como pregos para unir a cortiça com que se faz os tropeços (ver *Quercus suber*). Basta afiar-se uma das pontas e martelar para furar a cortiça.

### ***Citrus sinensis* (L.) Osbeck**

laranjeira

*Rutaceae*

2 informante. Planta

Cultivada

**Ecologia:** Cultivada em pomares, em locais quentes e abrigados, com disponibilidade de água

**Descrição:** Árvore perene, de pequeno a médio porte. Tronco e ramos de cor castanho-acinzentado. Folhas alternas, unifolioladas, subcoriáceas, agudas no ápice e arredondadas na base e com pecíolos frequentemente alados. Flores brancas solitárias e axilares ou em pequenas cimeiras axilares. O fruto é um hesperídio de cor alaranjada ou amarelo-alaranjada.

**Usos:** Medicinal: sistema digestivo, analgésico.

**Observações:** O chá da flor seca é usado para os enjoos. O chá da casca do fruto é bom para a dor de cabeça.



### ***Cydonia oblonga* Miller**

marmeleiro, galula (flor do marmeleiro)

*Rosaceae*

2 informantes. Planta

Subespontânea. Cultivada

**Ecologia:** Hortas, bermas dos caminhos rurais e estradas.

**Descrição:** Arbusto de folha caduca até cinco metros de altura. Folhas de elípticas a ovadas, acinzentadas e pubescentes quando novas e posteriormente, verde-escuras na



página superior, mantendo-se cinzentas na inferior. Flores até 5cm, com cinco pétalas rosa pálidas ou brancas, na Primavera. Fruto com forma de pêra ou maçã, muito perfumado

**Usos:** Alimentar: complemento. Medicinal: sistema cardiovascular e sistema nervoso.

**Observações:** A flor usa-se para fazer chá, que é bom para o coração e para os nervos. Antigamente “até aos anos 50” a flor (a Galula) também se comia.

***Cynara cardunculus L.***

cardo

*Compositae*

4 informantes. Fotografia

Silvestre

**Ecologia:** Campos abandonados, escombreiras e veredas.

**Descrição:** Herbácea perene até 1,5m. Caules robustos e estriados e esbranquiçados. Folhas amareladas com contorno oval, penatipartidas, com segmentos lanceolados, dentados ou lobulados e espinhosos. As folhas inferiores apresentam pecíolo, ao contrário das superiores. Capítulos dispostos no extremo dos caules, solitários e sobre pedúnculos longos, com brácteas que acabam num longo apêndice espinhoso, com os espinhos externos recurvados. Florescem no Verão e têm cor lilás.

**Usos:** Industrial: artesanato.

**Observações:** Usa-se no fabrico do queijo para coalhar o leite.

***Eucalyptus globulus sp.***

eucalipto, eucalipto da folha larga

*Myrtaceae*



3 informantes. Fotografia

Cultivado.

**Ecologia:** eucaliptais plantados em todos tipos de solo.

**Descrição:** Árvores de folha persistente, até 45-50 metros de altura. Tronco de cor esbranquiçada quando jovem e posteriormente castanha-azulada, cuja casca lisa se desprende em flocos ou em placas. Folhas com formas juvenis distintas das adultas. As juvenis opostas, sésseis, arredondadas na base, glabras, glaucas; as adultas alternas e pecioladas, lanceoladas a falciformes, pêndulas, com nervo central conspícuo, peninérvias. Inflorescência umbeliforme com uma, três ou sete flores, sésseis ou com pedúnculo até quatro milímetros. Flor com quatro sépalas e quatro pétalas. Fruto em pseudo-cápsula, geralmente com hipanto lenhoso, loculicida – deiscência por valvas apicais.

**Usos:** Medicinal: sistema respiratório, dermatológico.

**Observações:** Fervem-se as folhas em água e põe-se a panela no quarto para libertar os vapores. Ajuda a aliviar as constipações e faz bem à respiração. A mesma água serve para lavar as queimaduras.

### ***Ficus carica* L.**

figos, figueira

*Moraceae*

2 informantes

Cultivada. Subespontânea

**Ecologia:** Subespontânea em solos rochosos, cultivada em hortas e quintais.

**Descrição:** Árvore de folha caduca, até dez metros de altura. Folhas com contorno redondo, longas e largas,



até 30cm, profundamente incisadas em 3 a 5 lobos. Verde-brilhantes na página superior e rugosas em ambas as páginas. Tronco acinzentado e liso. Flores muito pequenas esverdeadas, no fim da Primavera. Os frutos são aquênios que amadurecem dentro do próprio sícone, verdes quando jovens e castanhos ou arroxeados depois de amadurecer.

**Usos:** Alimentar: fruto. Medicinal: sistema respiratório, dermatológico.

**Observações:** Põe-se o leite dos figos frescos em cima das verrugas, para as queimar. Os figos já secos, para além de serem comidos, também se fervem, fazendo um chá para passar a tosse.

### ***Foeniculum vulgare* Mill.**

erva-doce

*Umbelliferae*

3 informantes. Planta

Silvestre.

**Ecologia:** Em locais secos, descampados e rochosos, terrenos baldios e bermas de caminhos.

**Descrição:** Herbácea perene até 2,5m de altura. O caule erecto é fistuloso, brilhante e finamente estriado. Folhas



inseridas de forma alterna, pluri-penatissectas, estando o limbo reduzido às nervuras. Flores diminutas de cor amarela, em umbelas compostas, desde o final da Primavera até ao princípio do Outono. Pseudo-frutos com forma ovóide, cremocarpos pouco compridos com saliências longitudinais. Tem um aroma forte, semelhante ao anis.

**Usos:** Aromático: condimento. Medicinal: panaceia.

**Observações:** Utilizam-se as folhas frescas ou secas para dar sabor aos “abrunhelos”, doce frito que se faz no Natal. As sementes quando secas e os caules, frescos ou secos, juntam-se como condimento, às castanhas cozidas.

### ***Fraxinus angustifolia* Vahl subsp. *angustifolia***

freixo

*Oleaceae*

2 informantes. Planta

Silvestre

**Ecologia:** Bordaduras dos leitos de cheia, planícies fluviais, bosques de caducifólias.

**Descrição:** Árvore de folha caduca até 25m de altura, tronco acinzentado. Folhas opostas, compostas, imparifolioladas, com margem serrada. As flores são nuas, surgindo na Inverno e Primavera. Os frutos são sâmaras com asa oblonga ou lanceolada.

**Usos:** Medicinal: sistema músculo-esquelético.



Industrial: mobiliário e utensílios domésticos.

**Observações:** Utilizam-se as “bagas ou sementes” para fazer chá que alivia as dores nos ossos. A madeira é utilizada para fazer mobílias para casa e alguns utensílios como cabos de vassoura.

### ***Geranium purpureum* Vill.**

chá-de-são-roberto, erva-de-são-roberto, erva-de-santa-maria

*Geraniaceae*

2 informantes. Amostra de planta seca

Silvestre

**Ecologia:** Escombros, fendas das rochas, em locais húmidos e sombrios.

**Descrição:** Planta herbácea anual entre 10 e 15cm de altura, densamente vilosa, ramificada e de cor avermelhada. Possui caules prostrados a ascendentes que apresentam os nós acastanhados. Folhas basais e



caulinares. Flores rosa vivo, agrupadas em cimeiras bifloras, suportadas por longos pedúnculos. Floresce durante a Primavera. Os frutos são monocarpós deiscentes.

**Usos:** Medicinal: Sistema digestivo, Analgésico, Inflamações.

**Observações:** Para fazer chá utilizam-se as flores caules e folhas, frescas na Primavera e secas, durante o resto do ano. Deve beber-se só chá durante um dia, para tirar as dores de estômago, barriga e para fazer passar as inflamações nos intestinos.

### ***Helianthus tuberosus* L.**

atarata

*Compositae*

3 informantes

Cultivada

**Ecologia:** Hortas e quintais

**Descrição:** Herbácea perene, que pode atingir os 3m de altura, com uma estrutura desordenada. Folhas ovadas, alternas e verde escuras. Na parte de baixo do caule são opostas, semelhantes às dos girassóis e ovadas ou lanceoladas. Flor composta e amarelo forte. Floração no fim do Verão e Outono. Os tubérculos encontram-se quase à superfície do solo.

**Usos:** Alimentar: complemento. Ornamental.

**Observações:** Tira-se a “batarata” depois da floração da planta. É de muito fácil propagação.

### ***Helichrysum stoechas* (L.) Moench**

marcela

*Compositae*

2 informantes. Planta

Silvestre. Cultivada em hortas.

**Ecologia:** Morros e encostas de toda a classe de terrenos.

**Descrição:** Herbácea perene, ramosa, com caules de um a dois palmos de altura, erectos ou prostrados. Folhas quase em forma de agulha, revestidas por fina penugem responsável pelos reflexos prateados. Nas pontas das hastes florescem de Abril a Setembro umas cabecinhas de cor amarela com 5-6mm que se aglomeram.

**Usos:** Medicinal: inflamações.

**Observações:** A água de ferver as flores é utilizada para lavar os olhos.



### ***Hypericum linariifolium* Vahl**

arlíquia, arnica, hipiricão

*Guttiferae*

3 informantes. Amostra de planta seca

Silvestre.

**Ecologia:** Fendas nas rochas, patamares rochosos, prados, solos relativamente secos e ácidos

**Descrição:** Herbácea perene, glabra, entre 30-80cm de altura. Caules por vezes com ramos estéreis, lisos ou com duas linhas ténues. Apresenta glândulas negras nas folhas, sépalas e pétalas. Folhas semiamplexicaules, de lineares a estreitamente elípticas. Floração até 2cm de diâmetro com cinco pétalas livres amarelas, no fim da Primavera e Verão. O fruto é uma cápsula.

**Usos:** Medicinal: sistema endócrino, dermatológico, inflamações.

**Observações:** Utilizam-se as folhas e flores, que se apanham na Primavera. Secam-se à sombra e conservam-se dentro de um saco de tecido. O chá feito com a planta já seca, é bom para o fígado e para todas as infecções. A água de ferver as flores é utilizada para ajudar a curar cicatrizes e

nódoas negras, desde que não haja ferida aberta. Põe-se um algodão embebido nessa água e lava-se a zona pretendida.

---

### ***Laurus nobilis* L.**

louro, loureiro

*Lauraceae*

2 informantes. Amostra de planta seca

Silvestre. Cultivado em hortas.

**Ecologia:** Terrenos soltos e húmidos das planícies, geralmente plantados.

**Descrição:** Arbusto ou árvore de folha persistente, até 15m de altura. Tronco liso de cor acinzentada. Ramos erectos que formam uma copa muito densa. Folhas lanceoladas, de cor verde escura na página superior e



amarelada na inferior. Flores pouco vistosas amareladas, na Primavera. O fruto parece uma azeitona pequena, de cor esverdeada que passa a negro depois de maduro.

**Usos:** Aromático: condimento.

**Observações:** As folhas e os caules finos são utilizados para temperar vários pratos como as batatas, o arroz, os ensopados e as migas de batata.

---

### ***Lavandula stoechas* L. subsp. *stoechas***

rosmano, rosmaninho

*Labiatae*

3 informantes. Planta

Silvestre. Cultivada

**Ecologia:** encostas pedregosas e pobres

**Descrição:** Arbusto até 1m de altura, densamente tomentoso. Folhas lineares ou linear-oblongas, sem pecíolo, acunheadas na base e cobertas por tomento esbranquiçado. Flores roxas ou violeta-escuras, agrupadas em verticilastros densos, de seis a dez flores, formando espigas terminais com pedúnculo mais ou menos longo e com um coma de brácteas estéreis na extremidade da espiga.

Floração na Primavera

**Usos:** Medicinal: antigripal, panaceias. Industrial: utensílio agrícola. Aromático: ambientador. Ornamental.

**Observações:** As “cabeças” (inflorescência) são utilizadas para fazer chá para a constipação. O chá das folhas secas “faz bem a tudo”. Apanha-se na Primavera e seca-se à sombra, conservando-se em frascos ou sacos. Usa-se a planta com as



folhas e flores para limpar o “cortiço” das colmeias, que ficando limpo e com cheiro a rosmaninho, chama as abelhas. Também é usado para ornamentar alguns canteiros e para perfumar as casas.

### ***Lithodora diffusa* (Lag.) I. M. Johnston**

sete-sangrias, erva-das-sete-sangrias, chupa-mel

*Boraginaceae*

9 informantes. Amostra de planta seca

Silvestre

**Ecologia:** Matos xerofílicos, pinhais e sebes

**Descrição:** Subarbusto de 30cm de altura, lenhoso, com caules ascendentes ou erectos, ramificados. Folhas sésseis, alternadas e com contorno linear ou estreitamente oblongo. Com indumento duplo, com predomínio na página inferior. Flores azuis ou purpúreas, reunidas em cimeiras folhosas terminais. Floração desde o fim do Inverno até meados da Primavera. Frutos são mericarpos castanhos ou cinzentos.

**Usos:** Medicinal: sistema cardiovascular, panaceias. Alimentar: complemento.

**Observações:** Deve beber-se em Março, durante sete manhãs (ou três, cinco, nove... desde que seja número ímpar), sete colheres de sopa de chá, para purificar ou “aclerar” o sangue. A flor é muito doce e chupa-se o mel da sua base.

### ***Melissa officinalis* L.**

cidreira, erva-cidreira

*Labiatae*

1 informante. Planta

Silvestre. Cultivada em hortas e quintais

**Ecologia:** Locais ensombrados e húmidos. Hortas.

**Descrição:** Planta herbácea vivaz de altura entre 50cm e 1,5m. Caules erectos quadrangulares, muito ramificados e pubescentes. Folhas opostas, verde-escuras na página superior e verde-claras e pubescentes na inferior. Apresentam forma ovada a romboidal ou oblonga, com margem crenada e ligeiramente aguda na extremidade. Flores inicialmente de cor amarelo-pálida e posteriormente branca ou rosada, reunidas em grupos de quatro a doze, dispostas em verticilastos. Floresce no Verão. Os frutos são mericarpos oblongos e lisos.

**Usos:** Medicinal: sistema digestivo.

**Observações:** As folhas usam-se frescas ou secas para fazer chá que alivia a má disposição. Foi referido que esta planta se pode apanhar em qualquer lado porque é muito abundante: nos terrenos por toda a aldeia e nas bermas dos caminhos.

### ***Mentha pulegium* L.**

poejo, poejos

*Labiatae*

6 informantes. Amostra seca e planta

Silvestre. Cultivada em hortas e quintais

**Ecologia:** Lugares húmidos, margens de linhas de água, prados inundados

**Descrição:** Herbácea vivaz de 10 a 15cm de altura, rizomatosa e algo vilosa, com caules geralmente ramificados de porte ascendente. Folhas pequenas com forma elíptica ou arredondada,



apresentam pêlos na página inferior e margem inteira ou dentada. Flores pequenas de cor lilás ou rosada, agrupadas em verticilastos globosos distanciados, que ocorrem durante o Verão e Outono. Os frutos são mericarpos acastanhados. Tem um aroma forte e refrescante.

**Usos:** Medicinal: sistema digestivo, antigripal, sistema circulatório. Alimentar: verdura para sopas. Aromático: condimento.

**Observações:** As folhas e flores são usadas frescas ou secas para fazer chá. Três colheres de sopa para um litro de água (quando se utiliza a planta já seca pode pôr-se mais porque não fica tão forte). Foi referido que é utilizado para fazer parar o sangue do nariz: deve-se beber o chá durante

dois ou três dias. É utilizado para o catarro e para a gripe. Como alimento é usado para fazer sopa e como condimento para temperar as migas de peixe, caldeirada e sopa de feijão-frade.

### ***Mentha suaveolens* Ehrh.**

mentrasto, mentraste, montrastes

*Labiatae*

3 informantes. Planta

Silvestre.

**Ecologia:** Sítios frescos e terrenos húmidos

**Descrição:** Herbácea perene de 40cm a 1m de altura, rizomatosa, com caules erectos esparsamente pilosos e densamente branco-tomentosos. Folhas sésseis ou curtamente pecioladas, com margem crenada ou serrada. Textura rugosa, pubescentes na página superior e geralmente cinzentas na inferior. Flores brancas ou rosadas dispostas em verticilastros densos que formam espigas terminais, no Verão. Os frutos são mericarpos castanho-avermelhados a negros.

**Usos:** Medicinal: dermatológico, sistema digestivo.

**Observações:** As folhas são utilizadas para fazer chá que ajuda à digestão. A água de ferver as folhas, usa-se para lavar feridas.



### ***Mentha x piperita* L.**

hortelã

*Labiatae*

3 informantes. Planta

Silvestre, cultivado em hortas

**Ecologia:** Perto de linhas de água, locais húmidos, solos encharcados

**Descrição:** Herbácea perene entre 30 a 90cm de altura, subglabra e com uma rede de rizomas subterrâneos. Tem folhas pecioladas e opostas, que apresentam um contorno ovado a lanceolado, agudo e com a margem serrada. A página superior das folhas apresenta um verde mais escuro que a inferior. Flores rosa ou lilás, em verticilastros na parte terminal dos caules, formando espigas densas, curtas e oblongas. Floração no Outono. O fruto é um mericarpo.

**Usos:** Aromática: condimento. Alimentar: bebida.

**Observações:** Utilizado tradicionalmente para condimentar a canja, sopa de grão e ensopado de borrego. Pode também beber-se um chá das folhas.



### ***Myrtus communis* L.**

murteira, murtanheira, mirtilho bravo

*Myrtaceae*

3 informantes. Fotografia

Cultivada. Silvestre

**Ecologia:** Bosques, matos em barrancos e entre as urzes. Cultivada em jardins e quintais.

**Descrição:** Arbusto de folha persistente, até cinco metros de altura. Caules jovens cobertos de pêlos glandulares. Folhas opostas, coriáceas, de contorno ovado-lanceolado, agudas e com margem inteira. Flores brancas que se dispõem solitárias na axila das folhas, sobre longos pedúnculos com um aroma muito intenso e agradável. Floresce na Primavera e Verão. Os frutos são pseudobagas carnudas elipsóides ou subglobosas, de cor azul-intenso ou negras quando maduras.

**Usos:** Alimentar: fruto, bebidas.

**Observações:** Antigamente o fruto comia-se como se fosse fruta da época, porque “não vinha nada de fora” como actualmente. Referiram que os frutos fazem bem mas não se lembram ao quê. As pseudobagas também se usam para fazer licor: põem-se dentro de aguardente, com açúcar e ficam assim durante dias, até o líquido ficar escuro. Registou-se ainda uma “cantiga da murtanheira”:

*“Meu amor vamos à murta, Que eu bem a sei apanhar.*

*Debaixo da murtanheira, Mil abraços te hei-de dar.”*

### ***Olea europaea* L. var. *europaea***

oliveira

*Oleaceae*

4 informantes

Cultivada.

**Ecologia:** Campos cultivados mesmo que em locais rochosos e secos

**Descrição:** Árvore persistente que pode alcançar os 15m de altura, embora não ultrapassando geralmente os cinco metros. Copa ampla, arredondada. Tronco grosso, retorcido, com ritidoma finamente fendilhado de cor acinzentada. Folhas opostas, coriáceas, com forma lanceolada a obovada, margem inteira e pecíolo muito curto. Verde-acinzentado escuras e glabras na página



superior, prateadas e pubescentes na inferior. Flores muito pequenas de cor branca, durante a Primavera, reunidas em panículas. O fruto é uma drupa, de forma elipsóide, inicialmente de cor verde, tornando-se negra ou verde-acastanhada com a maturação.

**Usos:** Alimentar: fruto. Medicinal: sistema cardiovascular.

**Observações:** A melhor altura para apanhar as folhas é quando está em flor, depois seca-se e, para o chá, põem-se cerca de 10 folhas para um litro de água a ferver (“não se deve pôr muitas, pode fazer mal”), deixa-se repousar cinco minutos e bebe-se. É bom para quem tem tensão alta. O fruto (azeitona) come-se a acompanhar alguns pratos ou sozinha.

---

### ***Opuntia maxima* Mill.**

figueira-chumba, piteira, figos-chumbos

*Cactaceae*

2 informantes

Subespontânea. Cultivada

**Ecologia:** Bordas de caminhos, cercas, zonas ruderalizadas. Indiferente à natureza do substrato.

**Descrição:** Arbusto até cinco ou seis metros de altura. Caules achatados – palmas – terminais de 30-50cm, oblongas ou elípticas. Flores com 7-8cm de diâmetro, amarelo-brilhantes ou com filamentos amarelo-esverdeados. Frutos baciformes, umbilicados no cimo, com numerosas, com o endocarpo alaranjado na maturidade.

**Usos:** Alimentar: fruto. Medicinal: panaceia. Ornamental.

**Observações:** O figo-chumbo come-se e dizem que é muito bom. Não se deve comer muito para não causar prisão de ventre e tem que se tirar primeiro os picos com cuidado. As palmas deitam um líquido que faz bem a tudo. Cortam-se ao meio e põe-se a escorrer o líquido para dentro de um copo, que se bebia depois, mas “não era muito bom porque é muito viscoso”. É usada como sebe para impedir os animais de saírem dos campos, nas bermas dos caminhos e, ultimamente, para embelezar o percurso e zonas de estadia da rota dos fósseis. É uma espécie invasora.

---

### ***Origanum virens* Hoffmanns. et Link**

orégãos, orégãos bravos

*Labiatae*

3 informantes. Planta

Silvestre. Cultivada em hortas

**Ecologia:** Bordas de prados, orla de bosques e limites de campos de cultivo.

**Descrição:** Herbácea perene que pode chegar aos 70cm de altura, rizomatosa, de caules erectos, redondos, de cor avermelhada e pubescentes, geralmente ramificados na sua parte superior. Folhas opostas, com contorno ovado a ovado-lanceolado com margem inteira ou crenulada, pontiaguda. Glabras ou subglabras, curtamente pecioladas e cobertas



de glândulas. Flores brancas com brácteas membranáceas verde-pálidas, agrupadas em espigas de verticilastros, reunidas em cimeiras densas e dispostas em panículas estreitas e terminais que surgem na axila das folhas. Floresce no Verão. Frutos mericarpos ovóides ou oblongos, lisos.

**Usos:** Aromática: condimento.

**Observações:** Normalmente apanham-se no início do Verão e, para secar, atam-se os caules em molhos e penduram-se com a flor virada para baixo num lugar seco. Depois de secas as flores servem para temperar alguns enchidos e diversos pratos.

### ***Parietaria judaica* L.**

alfavaca-da-cobra, chá-de-santa-maria

*Urticaceae*

3 informantes. Planta

Silvestre.

**Ecologia:** Fendas dos muros de pedra deteriorados

**Descrição:** Herbácea vivaz com altura entre 30cm a 1m, densamente pubescente, com caule erecto muito ramificado e lenhoso na base e avermelhado. Folhas com forma ovado-lanceolada ou oblongo-lanceolada, acuminadas e densamente pubescentes. Flores esverdeadas, numerosas e reunidas em fascículos nas axilas das



folhas. Floração desde a Primavera até meados do Outono. Os frutos são núculas, de cor negra lustrosa.

**Usos:** Medicinal: panaceias.

**Observações:** Os raminhos são usados para chá que faz bem ao organismo e desintoxica, mas que não deve ser muito forte.

---

### ***Paronychia argentea* Lam.**

erva-prata, erva-mijadeira, erva-mijateira, chá-prata

*Caryophyllaceae*

6 informantes. Planta

Silvestre.

**Ecologia:** Areais, terrenos pedregosos ou de terras soltas, caminhos e campos abandonados, fissuras nas rochas.

**Descrição:** Herbácea perene, um pouco lenhosa na base. Caules prostrados entre 3-50cm, muito ramificados, quase glabros. Folhas subsésseis de oblongas a



oblanceoladas, margem serrulada e finamente ciliada. Estípulas ovado-lanceoladas mais curtas que as folhas. As flores nascem aglomeradas, muito mais pequenas que as brácteas prateadas. Floresce na Primavera e Verão.

**Usos:** Medicinal: sistema urinário.

**Observações:** Utiliza-se toda a planta, excepto a raiz, para fazer chá. Apanha-se na Primavera que é quando tem flor e corta-se aos pedacinhos, conservando-se num frasco de vidro. Uma colher de sopa de ervas, para um litro de água. O chá usa-se para todos os males das vias urinárias: para ajudar a urinar, quando há problemas com a bexiga e infecções urinárias. Bebe-se o chá e faz logo efeito.

---

### ***Phlomis lychnitis* L.**

Salva-brava

*Lamiaceae*

5 informantes. Amostra de planta seca

Silvestre

**Ecologia:** Baldios e lugares nitrificados, em qualquer substrato, preferentemente pedregoso e calcário.

**Descrição:** Pequeno arbusto que pode chegar aos 50cm, tomentoso, o que lhe confere uma cor esbranquiçada. Folhas estreitas de contorno oblongo ou lanceolado, com margem inteira e fortemente rugosa na superfície. Flores amarelas e tomentosas. Dispõem-se em verticilo, formando espigas erectas e descontínuas. Floração na Primavera e Verão.

**Usos:** Medicinal: sistema digestivo, sistema endócrino, sistema cardiovascular.

**Observações:** Faz-se chá, usando a flor, folhas e caules, tudo seco numa proporção de 30g para 1litro de água. Usa-se principalmente para enjoos, afrontamentos e hemorragias. As flores apanham-se em Junho e Julho durante o dia e quando estão abertas. Para se conservar é preciso secar à sombra e depois guardar em recipientes secos.

### ***Phytolacca americana* L.**

cachos da Índia

*Phytolaccaceae*

3 informantes. Planta

Cultivada. Subespontânea

**Ecologia:** É invasora. Margens de caminhos, junto a muros e ruínas, em lugares frescos e sombrios, particularmente junto às povoações.

**Descrição:** Herbácea, de um a três metros de altura, erecta, por vezes lenhosa na base, glabra ou glabrescente, de odor desagradável. Caule quadrangular, estriado, verde ou encarniçado, grosso e succulento. Folhas ovado-elípticas ou ovado-lanceoladas, agudas, mucronadas, inteiras ou de margem ondulada, de limbo decorrente. Flores em cachos até 30cm, frouxos, opostos às folhas. Flores hermafroditas. O fruto é uma baga com um centímetro de diâmetro, com dez sulcos longitudinais profundos, negro-purpúrea quando madura.

**Usos:** Industrial: tintureira. Ornamental.

**Observações:** As bagas eram utilizadas pelos sapateiros para tingir o couro dos sapatos e também para marcar os tecidos, quando se costurava. Actualmente é muito utilizada como ornamental porque tem uma cor vistosa e “pega em todo o lado”. É uma espécie invasora.



### ***Pinus pinaster* Ait.**

pinho, pinheiro-bravo

*Pinaceae*

3 informantes. Planta

Silvestre. Cultivada

**Ecologia:** Montanhas baixas interiores, pobres em bases, onde tem servido para a reflorestação.

**Descrição:** Árvore de grande porte, com a casca profundamente fissurada e de cor castanho avermelhado escuro. Pode alcançar até 40m de altura. As folhas, de cor verde intensa, dispõem-se em pares, são aciculares e rígidas na extremidade. As pinhas são cónicas ou ovadas, avermelhado-brilhante, sésseis e pendentes. As escamas protectoras têm no seu extremo um escudo em forma de pirâmide. As sementes são de cor negra de um dos lados, tendo uma asa de 30mm.

**Usos:** Industrial: utensílios domésticos, agrícolas e mobiliário. Medicinal: antigripal.

**Observações:** Dos glóbulos faz-se chá para a constipação. A madeira utiliza-se para fazer mobiliário, utensílios domésticos e o arado de terra.

### ***Portulaca oleracea* L.**

beldroegas

*Portulacaceae*

4 informantes. Planta

Silvestre.

**Ecologia:** Caminhos, junto aos muros, valetas, campos abandonados, hortas de pomares.

**Descrição:** Herbácea anual com caules até 50cm ramificados dicotomicamente. Folhas alternas, carnudas. Flores solitárias de cor amarelada, em grupos de duas ou três, nas



bifurcações dos ramos e ocasionalmente nos extremos dos mesmos. O fruto é uma cápsula repleta de sementes negras e pequeninas.

**Usos:** Alimentar: verdura para sopas.

**Observações:** As folhas usam-se para fazer sopa. Normalmente não se consomem as que se apanham nas ruas porque os animais urinam para cima, mas sim as que têm nos quintais e hortas.

***Pterospartum tridentatum* (L.) Willk. in Willk. & Lange subsp. *tridentatum***

carqueija, carqueja

*Leguminosae*

7 informantes. Amostra de planta seca

Silvestre

**Ecologia:** Zonas descampadas, encostas, juntamente com pinhais, matos de urzes e estevas

**Descrição:** Arbusto perene com altura entre 15cm e 1m, porte erecto ou prostrado, inerme, com numerosos ramos alados e comprimidos. Folhas mais ou menos desenvolvidas, alternas, com estímulas, são coriáceas e persistentes, apresentando apenas um folíolo de contorno triangular. Flores amarelas reunidas de três a dez, formando glómérulos axilares e terminais. Floração desde final do Inverno até ao princípio do Verão. O fruto é uma vagem deiscente e pubescente acetinada.

**Usos:** Medicinal: sistema cardiovascular, sistema endócrino e analgésico. Aromático: condimento.

**Observações:** Secam-se as folhas e flores à sombra, conservando depois num frasco de vidro. Uma mão cheia de flores para um litro de água a ferver. O chá faz bem ao coração, ao fígado e às dores de cabeça. Também se utilizam os raminhos que são muito aromáticos, para temperar a carne, o coelho e o arroz.



***Pyrus bourgaeana* Decne.**

pereiro-do-menino-Jesus

*Rosaceae*

3 informantes. Planta

Silvestre.

**Ecologia:** Pastagens, bosques, margens de caminhos, montados de sobre e azinho

**Descrição:** Arbusto ou árvore de folha caduca, até dez metros de altura, espinhoso. Copa ampla e irregular. Tronco acinzentado, gretado longitudinalmente. Ramos erecto-patentes. As folhas são de contorno oval ou cordiforme, raramente lanceoladas, com margem



crenulada. As folhas jovens aparecem cobertas de pelos lanosos, que vão caindo com o tempo. Flores brancas na Primavera. O fruto é um pomo piriforme até 2,5cm de diâmetro. A superfície tem cor amarelo-apagado, com manchas castanhas ao amadurecer.

**Usos:** Alimentar: fruto. Industrial: utensílios domésticos.

**Observações:** A madeira desta planta é muito rija e portanto, boa para fazer as colheres de pau usadas em casa. O fruto come-se mas, segundo os informantes, demora algum tempo a amadurecer. Para tornar este processo mais rápido, punham-se as “peras” dentro do colchão (ainda feito de palha de centeio).

---

### ***Quercus rotundifolia* Lam.**

azinho, azinheira

*Fagaceae*

3 informantes

Silvestre.

**Ecologia:** Adapta-se a grande diversidade de condições edáficas e climáticas. É considerada a espécie mais antiga, rústica e estável do património florestal português. Montado de azinho e misto com sobreiro.

**Descrição:** Árvore de folha persistente entre oito e quinze metros de altura. Copa ampla, densa e arredondada. Folhagem acinzentada e baça e folhas ovadas a ovado-arredondadas. Quando juvenis, geralmente são espino-dentadas. As flores dispõem-se em amentos. O fruto é uma glande de maturação anual, castanho-escuro quando madura, disposta sobre um pedúnculo rígido e uma cúpula com escamas ovadas ou ovado-oblongas.

**Usos:** Alimentar: fruto. Industrial: utensílio agrícola, mobiliário.

**Observações:** O fruto é utilizado como alimento para os porcos. Por ser mais doce que o do sobreiro, é o preferida e por isso, “enquanto houver desta bolota, não comem a outra”. Antigamente a bolota de azinho também era um complemento à alimentação das pessoas. Cozinhavam-se de modo semelhante às castanhas. Ainda hoje há quem coma. A madeira, por ser muito rija, servia para fazer o arado de mão, quando ainda não havia máquinas agrícolas como nos dias de hoje. Muitas mobílias de casa, utensílios como vassouras ou outros utensílios agrícolas, eram feitos com madeira de azinho.



***Quercus suber* L.**

sobro, sobreiro

*Fagaceae*

3 informantes

Silvestre.

**Ecologia:** Sobreirais, montados de sobro ou montado misto com azinho, povoamentos dispersos. Prefere solos de carácter silicioso. É a árvore que atinge maior expansão no território português.

**Descrição:** Árvore de folha persistente que pode atingir até 25m de altura. Copa ampla um pouco irregular. Casca suberosa espessa (cortiça) acinzentada, com fissuras. Tronco encarniçado escuro quando a cortiça é retirada. Folhas ovado-oblongas, sinuado-dentadas, verde-escuras na página superior e acinzentado-tomentosas na página inferior. Flor em amentos esverdeada pequena, durante a Primavera. O pseudofruto é uma glande (bolota) com cerca de 3cm, de maturação anual, castanho-avermelhada quando maduro, metade coberta pela cúpula, com escamas.

**Usos:** Alimentar: fruto, Industrial: utensílios

**Observações:** A cortiça é utilizada para a manufactura de tropeços, uns bancos baixinhos, feitos inteiramente de cortiça. Para a sua elaboração, deve escolher-se a cortiça que esteja mais direita e mais “fechadinha”. Coze-se em água, para que fique macia e maleável. Estende-se no chão com tábuas e pedras em cima, para que seque e fique direita. Depois cortam-se vários quadrados, todos da mesma medida (a que se quiser) e outros quadrados mais pequenos para fazer altura. Unem-se as placas de cortiça umas às outras com pregos de madeira, preferencialmente de xara (*Cistus ladanifer*), porque é muito dura, embora também possa ser de giesta negra (não identificada).

A casca do sobreiro serve ainda para fazer os “cortiços” para onde as abelhas vão fazer a colmeia, para atrair as abelhas, passa-se com o rosmano (*Lavandula stoechas*) dentro do cortiço. A bolota é utilizada para dar comer aos porcos, embora não seja tão doce como a bolota do azinho.

***Raphanus raphanistrum* L. subsp. *raphanistrum***

saramagos, nabiças bravas

*Cruciferae*

3 informantes. Fotografia

Silvestre.

**Ecologia:** Campos, prados, searas.

**Descrição:** Herbácea anual, bienal ou perene, com raiz algo napiforme, delgada e dura. Os caules são muito ramificados e podem atingir até 60cm. As folhas inferiores são pinatifendidas, com um a três pares de segmentos laterais de contorno oval e margem sinuada ou dentada. As folhas superiores são de contorno oblongo e com margem dentada. As flores, com quatro pétalas, têm cor amarelo-clara, branca ou em tons de lilás, na Primavera e Verão. Os frutos são bilomentos indeiscentes, estriados e divididos em dois artículos.

**Usos:** Alimentar: verdura para sopas.

**Observações:** Um informante referiu que os saramagos “nascem espontaneamente entre as culturas cerealíferas”. As folhas comem-se em sopa ou em esparregado e são muito saborosas.

### ***Rosa canina* L.**

silva macha

*Rosaceae*

1 informante

Silvestre

**Ecologia:** Bosques, sebes, margens das zonas baixas cultivadas

**Descrição:** Arbusto de médio porte, com caules erectos e arqueados, numerosos, robustos, geralmente verdes e com acúleos. Folhas inodoras, geralmente com um a dois acúleos subestipulares. Entre cinco e sete folíolos, ovado-arredondados a ovado-lanceolados e dentados. Flores solitárias, nos extremos dos ramos laterais, de cor rosa-pálido ou brancas. Floresce no fim da Primavera e no Verão. Fruto cinorrodo elipsoidal, liso e vermelho-escuro.



**Usos:** Folclore: superstições. Ornamental.

**Observações:** Põe-se um raminho dentro de uma bolsinha de pano e leva-se na mala ou no bolso, para afugentar os maus-olhados e as bruxas. Utiliza-se como ornamental nos jardins e quintais.

### ***Rosmarinus officinalis* L.**

alecrim

*Labiatae*

6 informantes. Planta

Silvestre. Cultivada

**Ecologia:** Matos xerofílicos, locais secos e rochosos

**Descrição:** Planta arbustiva, verde todo o ano, com caule erecto muito ramificado e castanho e que pode chegar aos 2m de altura. Folhas simples, opostas e de cor verde brilhante na página superior e branco-tomentosa na



inferior. São coriáceas e sésseis, de forma linear-lanceolada e margem revoluta e inteira. Flores azul-pálido, por vezes brancas ou rosadas, dispostas em cachos curtos de verticilastos paucifloros, nas axilas das folhas. Fruto é um mericarpo acastanhado e liso, encerrado dentro do cálice. Floração desde o Outono até meados da Primavera.

**Usos:** Medicinal: sistema cardiovascular, sistema nervoso. Folclore: superstições. Industrial: cosmética. Aromático: condimento

**Observações:** Serve para condimentar a carne e peixe. Faz-se chá com as folhas e flores secas. Conservam-se em frascos de vidro ou sacos de papel. Para a memória pode-se beber uma infusão e também há o costume de se pendurar um ramo de alecrim no quarto. Lavando o cabelo com a água de ferver o alecrim, este fica mais escuro.

### ***Rumex induratus* Boiss & Reuter**

azedas

*Polygonaceae*

3 informantes. Planta

Silvestre

**Ecologia:** Prados, margens de caminhos, valetas

**Descrição:** Herbácea perene, bienal ou anual, sistema radicular muito desenvolvido. Caules nodosos, numerosos e ramificados. Planta polígama com flores hermafroditas que podem atingir até um metro de altura. Folhas sagitadas, de ovado-lanceoladas a suborbiculares. Inflorescência com ramos arqueado-divaricados, ramificados. Os frutos são aquênios avermelhados ou castanhos, lustrosos.



**Usos:** Alimentar: verdura para saladas.

**Observações:** Comem-se as folhinhas cruas em saladas, são saborosas, embora um pouco ácidas.

### ***Rumex pulcher* L. subsp. *woodsii* (De Not.) Arcang.**

labaça

*Polygonaceae*

4 informantes. Planta

Silvestre

**Ecologia:** Prados, margens dos caminhos e valetas

**Descrição:** Herbácea vivaz de 60cm a 1,2m de altura, rizomatosa, caules erectos, estriados e acastanhados. Folhas pecioladas basilares de



contorno oblongo-cordado, cordiformes na base e as caulinares ovado-lanceoladas a panduriformes. Flores esverdeadas, agrupadas em panículas de semiverticilastos, geralmente sem brácteas, dispostas ao longo de caules florais robustos, estriados e avermelhados. Floresce no Verão. Frutos são núculas castanho-avermelhadas.

**Usos:** Alimentar: verdura para sopas, verdura para saladas.

**Observações:** São muito boas e utilizadas para fazer sopa e para acompanhar o feijão. Dizem que como são melhores é em esparregado. Diz-se que as folhas das labaçãs têm cintura de mulher, ao contrário dos labações, que são semelhantes, mas que são a direito e estes não se podem comer.

### ***Salix alba* L.**

salgueiro branco

*Salicaceae*

1 informante. Planta

Silvestre.

**Ecologia:** Zonas húmidas, margens dos rios, solos de aluvião e em substratos arenosos ou areno-argilosos

**Descrição:** Arbusto ou árvore até aos 25 metros de altura. Tronco direito de cor acinzentada, fissurado longitudinalmente mas sem escamar. Os ramos novos têm pêlos, são acastanhados, amarelo-alaranjados ou verde azeitona e não se partem facilmente pela zona de inserção. As folhas são lanceoladas com margem serrada, cobertas por pêlos finos e sedosos em ambas as páginas.

**Usos:** Industrial: utensílios e mobiliário. Medicinal: sistema músculo-esquelético.

**Observações:** A casca é utilizada para fazer chá, que é bom para as artroses. Os ramos jovens, muito flexíveis, eram utilizados para fazer cestos.

### ***Sambucus nigra* L.**

sabugueiro

*Caprifoliaceae*

3 informantes. Planta

Silvestre

**Ecologia:** Matas húmidas e sebes

**Descrição:** Arbusto ou pequena árvore, que pode chegar aos 10m de altura, com ritidoma cinzento-acastanhado sulcado e caules lenhosos



com ramos arqueados. Folhas ligeiramente vilosas, de cor verde-escura na página superior e verde-pálido na inferior, opostas e com estípulas rudimentares ou nulas e margens finamente serradas. Flores brancas ou amareladas, reunidas em grande número, dispostas em corimbos terminais. Floração na Primavera. Os pseudofrutos são pseudodrupas globosas, negras e brilhantes quando maduras e raramente vermelhas.

**Usos:** Medicinal: sistema respiratório e sistema músculo-esquelético. Alimentar: bebida.

**Observações:** Usa-se a flor para fazer chá para o reumatismo e pneumonia. Os frutos devem ser apanhados só quando estão muito maduros e servem para fazer “vinho a martelo”.

### ***Satureja baetica* (Boiss . & Heldr.) Pau**

neveda, nevda, nêveda

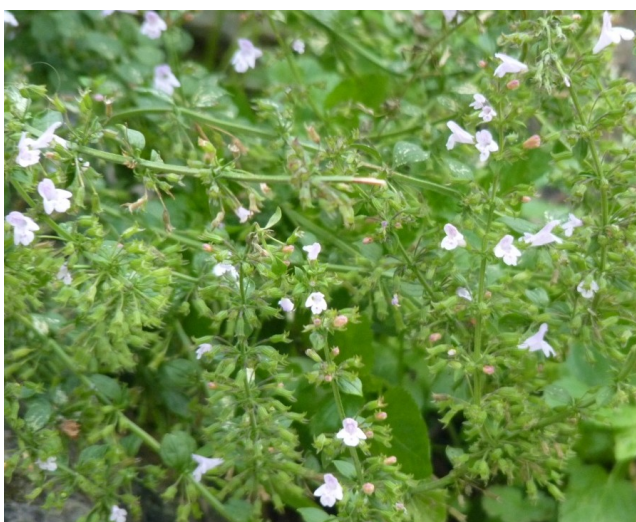
*Labiatae*

5 informantes. Amostra de planta seca

Silvestre. Cultivada

**Ecologia:** Bosques pouco fechados, em sebes e encostas, lugares incultos, muros.

**Descrição:** Arbusto vivaz sublenhoso, ramoso e muito aromático, de 15 a 50 metros de altura. Folhas pecioladas,



ovadas. Das axilas das folhas saem pequenos *bouquets* florais, geralmente com três a sete flores, lilases ou branco-rosadas. Floresce no Verão, prolongando até ao Outono.

**Usos:** Medicinal: sistema cardiovascular, sistema endócrino e analgésico. Aromático: condimento.

**Observações:** Usam-se os raminhos com as folhas e flores, para fazer chá. Apanha-se no Verão e seca-se à sombra, podendo usar-se fresca ou seca. Se for fresca tem que se usar menos para não ser muito forte; seca conserva-se em frasco de vidro ou saco de papel. O chá bebe-se para atenuar os problemas menstruais (“para quando as mulheres estavam mal do mês”, “para quando o período não vem” ou “quando dá muitas dores de barriga”). Uma informante mencionou o facto de que este chá se usa só para as mulheres. Utiliza-se para aromatizar algumas carnes.

### ***Satureja hortensis* L.**

segurelha, sobrelha

*Labiatae*

4 informantes. Planta

Cultivada. Silvestre

**Ecologia:** Zonas arenosas, hortas e cultivos

**Descrição:** Herbácea anual até 25cm de altura, de cor verde acinzentada ou encarniçada, curtamente pubescente. As folhas são tenras de



contorno linear-lanceolado, com o extremo ligeiramente arredondado. As flores são pequenas e dispõem-se em verticilastros com duas a cinco flores. As pétalas são finamente pilosas, de cor branca, rosada ou violácea. O lábio superior é ligeiramente entalhado e o inferior com três lóbulos arredondados. Floresce no Verão e Outono.

**Usos:** Aromático: condimento. Medicinal: sistema urinário.

**Observações:** O raminho com flores e folhas põe-se na sopa de feijão-verde e nas migas de batata. Dá um sabor muito bom: “sem ela não sabe à mesma coisa”. O chá desta planta também faz bem aos problemas das vias urinárias (“faz bem às urinas”).

### ***Taraxacum officinale* Weber**

leituga, dente-de-leão

*Compositae*

3 informantes. Planta

Silvestre.

**Ecologia:** Entulhos, terras amanhadas, prados e matas

**Descrição:** Herbácea perene de 20 a 50cm de altura. Segrega um látex branco, muito visível quando se parte uma folha ou caule. Folhas dispostas em roseta basal, glabras ou pilosas, possuindo três a seis pares de lóbulos de contorno triangular. Da roseta surgem vários escapos afilos que



terminam em capítulos solitários, onde estão reunidas as flores, de cor amarela-dourada. Florescem durante a Primavera, Verão e Outono. Os frutos são pequenas cipselas acastanhadas que possuem um mecanismo peculiar de disseminação pelo vento.

**Usos:** Alimentar: verdura para sopa, verdura para salada. Medicinal: panaceia.

**Observações:** As folhas, que dizem ser muito saborosas, são utilizadas cruas para saladas, mas também para fazer sopa. Os informantes que referiram esta planta dizem que existem muitas leitugas e que são todas parecidas (não foi possível determinar se eram plantas do mesmo género, porque não foram mostradas). Todas se podem comer mas as preferidas são as das folhas que têm picos. Das flores, frescas ou secas, faz-se um chá muito bom que “faz bem a tudo”.

### ***Thymus mastichina* L.**

bela-luz

*Labiatae*

1 informante. Amostra de planta seca

Silvestre. Cultivada

**Ecologia:** Encostas pedregosas, solos arenosos e cascalheiras.

**Descrição:** Pequeno arbusto até 50cm, com ramos jovens amarelados. Folhas dispostas em feixes axilares ou em caules longos e opostos, pecioladas, ovadas ou lanceoladas e margem lisa ou crenulada. Flores verde-esbranquiçadas, agrupadas em verticilastros densos, que formam capítulos terminais, com brácteas amplas e de forma semelhante à das folhas. Floração na Primavera.

**Usos:** Aromática: condimento. Medicinal: sistema urinário.

**Observações:** Conserva-se em frascos de vidro ou congeladas. Usam-se as folhas e os ramos, tanto para o chá, como para condimentar a comida. Põe-se como condimento nas sopas de feijão-verde e pratos de peixe e carne. O chá é tomado para infecções urinárias.

### ***Typha* spp.**

tabúa

*Thyphaceae*

1 informante. Planta

Silvestre

**Ecologia:** Lagoas de água doce, canais e zonas muito húmidas

**Descrição:** Herbáceas perenes, de folhas alternas, estreitas e aplanadas, com nervuras paralelas, simples, inteiras e dispostas em duas fileiras. Flores dispostas numa espiga cilíndrica, dividida em duas partes, a superior com as flores masculinas e a inferior com as femininas. Os frutos são aquénios cobertos por escamas, que ajudam à sua dispersão.

**Usos:** Industrial: mobiliário.

**Observações:** Usam-se as folhas para fazer os assentos das cadeiras.

### ***Umbilicus rupestris* (Salisb.) Dandy in Ridd.**

marrolhos

*Crassulaceae*

2 informantes. Planta

Silvestre

**Ecologia:** Telhados e muros velhos, fendas de rochas

**Descrição:** Herbácea vivaz com 15 a 30cm de altura, glabra, de rizoma robusto e caule erecto, geralmente simples. Folhas basilares carnudas, arredondadas com margem sinuado-crenada, côncavas na margem superior, com pecíolo no centro da página inferior. Folhas caulinares alternas, que diminuem progressivamente até à parte superior do caule, com contorno desde reniforme a linear com margem dentada. Flores esverdeadas a rosadas, dispostas em cachos terminais compridos. Inflorescência multiflora e que ocupa a maior parte do escapo. Floração de meados da Primavera até fim do Verão. Fruto é um folículo estreito com cinco valvas.





**Usos:** Medicinal: cardiovascular, dermatológico.

**Observações:** Das folhas faz-se um chá que é bom para o colesterol. A água de fervura das folhas, também foi referida como boa para lavar as queimaduras e feridas, ajudando na cicatrização.

---

***Vicia faba* L.**

fava, faveira

*Leguminosae*

1 informante

Cultivada

**Ecologia:** Hortas

**Descrição:** Herbácea anual, glauca e glabra, que pode chegar a 1m de altura. Caules carnudos, rígidos e erectos. Folhas pecioladas, com um a três pares de folíolos, que terminam em mucrão foliáceo. Estípulas lanceoladas, agudas, semi-hastadas e com a margem inciso-dentada. Inflorescências, com uma a cinco flores, com cálice amarelado ou por vezes com manchas ou estrias violáceas, zigomórfico, campanulado, de base assimétrica e boca ligeiramente oblíqua. Floração no início da Primavera. Fruto linear-oblongo, comprimido, com vagens mais ou menos carnudas, com duas a sete sementes, com parênquima esponjoso entre as sementes.

**Usos:** Medicinal: dermatológico.

**Observações:** Usa-se a folha para tratar as queimaduras.

---

***Zea mays* L.**

milho

*Gramineae*

1 informante

Cultivada

**Ecologia:** Diversos tipos de solo. Regadio

**Descrição:** Gramínea anual, entre 2 a 6m de altura. Caule simples e maciço. Folhas largas e muito compridas, até 1m. Lígula truncada e ciliada. Tem flores masculinas e femininas separadas. As masculinas formam uma panícula terminal de espigas. As femininas desenvolvem-se em seguida, dando origem às maçarocas. Os filamentos estilares das flores femininas, são o que se chama comumente de “barbas do milho”. Floresce no Verão e Outono.

**Usos:** Medicinal: antipirético.

**Observações:** Usam-se as barbas do milho para fazer chá que ajuda a baixar a febre.

## 6.2 PLANTAS DUVIDOSAS

### 6.2.1 COM IDENTIFICAÇÃO PROVÁVEL

No decorrer das entrevistas foram citadas algumas plantas como úteis que não foi possível identificar. Para algumas delas, pela descrição feita pelos informantes – não só das características físicas da planta, mas também pelas utilizações referidas e pelo nome popular – foi possível chegar a um género suposto, existindo mesmo a suspeita de algumas espécies. Importa referir que são apenas hipóteses para uma identificação, mas que não são consideradas como certas. Assim, crê-se importante transcrever os conhecimentos citados pelos informantes, a título informativo e como divulgação e valorização da sabedoria popular.

Apresenta-se em seguida, uma lista das plantas acima mencionadas, ordenada por nome vulgar, acompanhado do género ou espécie suspeito de ser o referido e dos usos atribuídos a essa planta.

#### **Bredos**

*Amaranthus* spp.

Silvestre. Alimentar: verdura para sopas. São utilizadas as folhas. Foi referido que estas plantas crescem em zonas onde há muita rega. Em Rocha (2006) e na base de dados informatizada Anthos [4] são referidos os nomes vulgares “bredo”, “bredos” entre outras variantes do nome, para designar várias espécies deste género.

#### **Carrondos**

*Cytinus hypocistis* L. subsp. *macranthus* Wettsh.

Silvestre. Alimentar: complemento. Esta planta foi referida como “uma espécie de cogumelo” que nasce aos pés das xaras (*Cistus ladanifer*), na Primavera. Tem umas “tetinhas” brancas amareladas que se puxam, de onde sai um líquido muito doce que se chupa. É uma planta haloparasita sobre as *Cistus* spp. e *Halimium* spp.

#### **Charguaço**

*Halimium lasianthum* (Lam.) Spach. Subsp. *lasianthum*

Silvestre. Alimentar: Complemento. Arbusto de flores amarelas que havia no campo, perto das xaras (*Cistus ladanifer*). As flores comiam-se antigamente, quando havia muito pouco. A espécie foi identificada como existente na zona Penha Garcia (Vasconcelos, 1974), coincidindo o nome vulgar com o referido por Carvalho (2005) no levantamento etnobotânico feito no Parque Natural de Montesinho.

### Giesta-negra

*Cytisus* spp.

Silvestre. Industrial: Utensílios. Os ramos são utilizados como pregos para a cortiça.

### Malvas

*Malva* spp. ou *Lavatera* spp.

Silvestre. Medicinal: Panaceia. As malvas fazem bem a todas as inflamações, a queimaduras e aos problemas intestinais. É muito comum fazer-se lavagens ou vapores com a água da cozedura das folhas. Não foi possível identificar o género da planta, embora os informantes tenham afirmado que era “mesmo uma malva”, um arbusto com flor lilás.

### Linho

*Linum* spp.

Cultivado. Industrial: Têxtil. Medicinal: Antigripal.

Antigamente, nos campos que rodeiam Penha Garcia, o linho era uma das principais plantas cultivadas. Plantava-se em sítios frescos, nos vales. Uma das informantes trabalhou no linho e conta que se passavam semanas fora de casa na altura da ceifa: “dava muito trabalho”. As sementes do linho, a que chamam de linhaça, servem para fazer uma pasta (papas de linhaça) para ajudar a combater a constipação. Pisavam-se as sementes num almofariz de bronze (ou com uma garrafa, para quem não tinha almofariz) e levava-se ao lume com água. As sementes deitam um óleo que transforma a mistura numa papa. Ainda quente, punham-se as papas num pano de flanela e punha-se sobre o peito.

### Queiró

*Erica* spp.

Silvestre. Industrial: melífera. Arbusto rasteiro com flores cor-de-rosa, com cheiro intenso onde as abelhas vão muito. Foram identificadas duas espécies do género *Erica* na zona de Penha Garcia (Vasconcelos, 1974), coincidindo o nome vulgar com o referido em Carvalho (2005) para a espécie *Erica cinerea* e em Rocha (1996) para as espécies *E. cinerea* e *E. umbellata*.

### Rabaça

*Apium nodiflorum* (L.) Lag.

Silvestre. Alimentar: É uma planta muito parecida com o aipo, mas também com o embude que é fatal e por isso tem que se ter muito cuidado. A folha come-se crua em salada. O mesmo nome

vulgar é atribuído em Rocha (1996) e na base de dados Anthos, à espécie *Apium nodiflorum*. Em Carvalho (2005) esta espécie é designada vulgarmente por rabaça ou rabação.

#### 6.2.2 PLANTAS SEM IDENTIFICAÇÃO

A seguinte lista de plantas citadas como úteis, indica as plantas sobre as quais não se conseguiu obter qualquer informação, para além do nome popular e da sua utilização. Expõem-se os nomes vulgares e uso citado, juntamente com algumas observações.

##### **Abróita, Abrótea**

Alimentar: A planta, com flor branca, servia para dar de comer aos porcos. Poderá ser possivelmente um *Asphodellus*.

##### **Gradilhas**

Silvestre. Alimentar: Espécie de trufas amarelas, redondas. Crescem debaixo da terra e levantam-na. Encontram-se facilmente as gradilhas perto dos pinheiros, porque quando estão boas para apanhar levantam a “caruma”. Não são muito abundantes. Aparecem em terrenos de areia, na altura das chuvas. Cozinham-se como as batatas, guisadas, assadas ou fritas.

##### **Margueira**

Silvestre. Industrial: Serve para fazer vassouras. Ata-se um molho grande à volta de um tronco (da madeira que houver disponível).

##### **Meruje, Merujem**

Silvestre. Alimentar: As folhas comem-se cruas na salada. A planta apanha-se ao pé do rio ou nas fontes. Cria-se na água limpa e fica a boiar. “A folha é pequenina como a do manjerico de folha larga”. Provavelmente trata-se da espécie *Callitriche stagnalis* Scop.

##### **Patinhas de égua**

Silvestre. Alimentar: A planta encontra-se nos sítios frescos e húmidos. Têm um caule fininho com cerca de 10cm de altura e dão uma florzinha roxa. Por baixo da terra, bem fundo (tem que se escavar) há uma bolinha com uma casca castanha, branca por dentro. Tira-se a casca e come-se a bolinha branca, crua.

##### **Tortulhos**

Alimentar: Cogumelos

## Urtigas, Urtigas brancas

Silvestre. Alimentar: As folhas utilizam-se para fazer sopa, fica muito saborosa.

Medicinal: Faz-se chá das folhas. É bom para toda a parte pulmonar e para a circulação do sangue. “Faz bem a tudo”. Como a planta pica muito e pode pôr a pele toda em ferida, mesmo por cima da roupa, deve ter-se muito cuidado ao apanhar e usar luvas grossas.

### 7. DISCUSSÃO DE RESULTADOS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Contabilizaram-se em termos de nomes populares, famílias, tipos de uso e número de citações, os conhecimentos registados. Nos anexos VII, VIII, IX e X são apresentadas as listas completas que se referem aos dados expostos em seguida.

Foram referidas 67 plantas úteis, das quais se identificaram 52 espécies, pertencentes a 32 famílias. 13 das 67 plantas citadas são consideradas pelos informantes como cultivadas, o que corresponde a 19,4% do total, sendo as restantes 54 (80,6%) silvestres.

A família com maior número de plantas úteis referidas é a *Labiatae*, com 10 espécies, o que no total das 52 espécies identificadas, corresponde a 21,2%. Seguem-se a *Compositae*, com 5 espécies (7,7%) e a *Rosaceae* com 3 espécies (5,8%). Para cada uma das famílias *Myrtaceae*, *Oleaceae*, *Polygonaceae*, *Leguminosae* e *Fagaceae*, foram referidas duas espécies. Verifica-se que as restantes 24 famílias são representadas por uma espécie cada.

As plantas indicadas o maior número de vezes como úteis, foram a erva-das-sete-sangrias (*Lithodora diffusa*), com nove citações, a carqueja (*Pterospartum tridentatum* subsp. *tridentatum*) com sete citações; com seis citações, as espécies *Mentha pulegium* (poejos), *Paronychia argentea* (erva-prata) e *Rosmarinus officinalis* (alecrim) e com 5 citações as espécies *Chamaemelum mixtum* (margaça), *Cistus ladanifer* (xara), *Phlomis lychnitis* (salva brava) e *Satureja baetica* (nêveda).

O uso mais citado foi o medicinal, com 35 plantas das 67 citadas (3 das quais pertencem a plantas que não foram identificadas), o que representa 47,8% do total. Em seguida o uso alimentar, com 30 plantas citadas (9 das quais não foram identificadas) o que representa 44,8% do total. 13 plantas citadas com uso industrial/artesanal (19,4%) (4 não foram identificadas), 11 espécies citadas com uso aromático (16,4%), 5 com uso ornamental (7,5%) e apenas 3 com uso folclórico.

As espécies com mais usos são referidos são a *Lavandula stoechas* subsp. *stoechas* (rosmaninho) com quatro tipos de uso: medicinal, industrial, aromático e ornamental; e o *Rosmarinus officinalis* (alecrim) também com quatro tipos de uso: medicinal, aromático, industrial e folclore. Seguem-se com três tipos de uso as espécies *Cistus ladanifer* (xara) e *Mentha pulegium* (poejo).

Registaram-se 106 nomes populares e relacionados referentes às 67 plantas citadas como úteis, 18 dos quais pertencem às plantas que não foram identificadas. A espécie com maior número de nomes vulgares registados é a *Paronychia argentea* com quatro nomes: erva-prata, erva-mijateira, erva-mijadeira e chá-prata. As espécies seguintes com maior número de nomes vulgares registados são: *Geranium purpureum*, *Hypericum linariifolium*, *Lithodora diffusa*, *Mentha suaveolens*, *Myrtus communis* e *Opuntia maxima* todas com três nomes vulgares.

Os informantes do sexo masculino referiram conhecimentos sobretudo relativos à vida no campo, construção de alfaias agrícolas, utensílios, mobiliário e alimentação dos animais. Já as informantes do sexo feminino, citaram maioritariamente as utilizações medicinais, alimentares e aromáticas, uma vez que eram as mulheres quem ficava em casa a cuidar da família e que eram principalmente os homens a ir trabalhar para o campo.

Considerando os dados obtidos e a experiência adquirida durante o trabalho de campo (não só em termos académicos, mas principalmente pessoais), pode dizer-se que a população que vive na aldeia de Penha Garcia detém um importante conhecimento sobre os modos de vida ancestrais. Muitos dos informantes e outras pessoas com quem se conversou durante o tempo de pesquisa, trabalhavam no campo e conheciam por experiência de vida, “aspectos” da paisagem que muitas outras aprendem por livros ou na televisão. Juntamente com a experiência de trabalho nos campos, as necessidades que passaram em tempo de pobreza, aproximaram as pessoas dos recursos que a natureza oferecia. Ainda hoje, muitos dos habitantes de Penha Garcia, não cultivam grande parte das plantas que utilizam para alimentação, como medicinal ou aromática, porque sabem onde as encontrar na paisagem que as rodeia e em que tanto se orgulham de viver. Assim, o conhecimento etnobotânico que se registou contém em si, também um grande conhecimento sobre os processos naturais e o desenvolvimento das plantas.

Os informantes demonstraram vontade em transmitir os conhecimentos, apesar de inicialmente não se sentirem muito à vontade e dizerem que não sabiam “muita coisa que pudesse interessar”, mas dizem que hoje em dia os mais novos não se interessam pela sabedoria das pessoas mais velhas. O tempo de pesquisa da presente dissertação de mestrado, não foi suficiente para poder registar toda a informação que esta comunidade tem para transmitir. É por isso importante que se levem a cabo mais pesquisas que valorizem o saber tradicional e que se aprofundem os conhecimentos etnobotânicos, não só de Penha Garcia, mas de todo o concelho de Idanha-a-Nova, numa perspectiva de troca, valorização e conservação de saberes, principalmente por ser uma zona com população muito envelhecida.

Propõem-se, em seguida, ideias para promover a divulgação dos conhecimentos obtidos, como modo de valorização de um património cultural de um povo que se tem preocupado intensa e activamente com o desenvolvimento sustentável do seu território.

Elaboração de uma brochura onde constem as espécies citadas como úteis, com a sua descrição, utilização e local onde são possíveis encontrar na natureza. Essa brochura poderia servir como elemento de divulgação turística, associando um saber tradicional ao conhecimento da paisagem.

Plantação de plantas úteis em espaços comuns da aldeia, como por exemplo a preparação de um canteiro comunitário, com a ajuda dos alunos da escola primária, com respectiva explicação e informação etnobotânica das espécies. Canteiro esse que seria mantido e utilizado pelos habitantes locais. Sugere-se que as plantas cachos da Índia (*Phytolacca americana*) e figueira-chumba (*Opuntia maxima*) que são invasoras e têm sido extremamente utilizadas como ornamentais em diversos locais, não continuem a fazer parte das escolhas dos responsáveis pela manutenção de tais espaços.

Para a divulgação destes conhecimentos etnobotânicos aos mais novos, propõem-se acções englobadas no universo das actuais estratégias de valorização e divulgação para o Parque Icnológico de Penha Garcia (Catana, 2008a) que incluem saídas de campo e vários programas educativos, entre outras.

Aconselham-se ainda, workshops e saídas de campo sobre etnobotânica, no seguimento de actividades semelhantes já efectuadas no concelho de Idanha-a-Nova. Simultaneamente, devem ser feitas acções de sensibilização das pessoas, sobre a utilização de espécies silvestres, pois existem muitas vezes plantas venenosas muito parecidas com outras de utilização frequente, que podem ser erradamente consumidas e ainda sobre a colheita excessiva de plantas do meio natural, uma vez que, sendo em excesso, isso pode conduzir a uma destabilização dos habitats e afectar espécies vegetais e animais.

Importa ainda referir as potencialidades comerciais que têm estes conhecimentos, se for estudada a hipótese de produção, tratamento e comercialização de algumas das plantas úteis referidas, como um nicho de negócio de produtos regionais de agricultura biológica e proveniência certificada, tão divulgados actualmente.

## 8. CONCLUSÕES

O levantamento etnobotânico em Penha Garcia, permitiu registar informação sobre a utilização e manejo de 52 espécies, que perfazem 44 géneros, organizados em 32 famílias. Concluiu-se com o presente estudo, tal como era previsto, que as pessoas mais velhas são as maiores detentoras deste conhecimento sobre as utilizações e aplicações das plantas. O conhecimento etnobotânico desta população foi adquirido por experiência de vida, por transmissão do saber pelas gerações anteriores às suas ou pelo “ver fazer” a outras pessoas.

O método de recolha de informação utilizado com o qual se obteve melhores resultados e que, por isso, foi considerado o mais adequado, foi a entrevista etnobotânica, em detrimento do método

de inquérito, que se revelou limitante no que diz respeito à quantidade e à qualidade de informação conseguida.

A aldeia estudada é rica do ponto de vista etnobotânico, facto a que não será alheia a ruralidade da região e a presença significativa de idosos. Sendo a presente dissertação um primeiro contributo para a recolha etnobotânica na região, não ficou descrito exhaustivamente o uso das plantas no sítio em estudo. Mais estudos serão necessários para fazer o levantamento exhaustivo dos conhecimentos etnobotânicos da população locais.

Num momento em que se pretende promover o desenvolvimento sustentável através da concepção de estratégias de desenvolvimento local correspondentes às especificidades do território, é imprescindível investir na conservação do património nele existente que é, no caso da etnobotânica, biológico e cultural. Para além disso, é necessária a recolha de conhecimento acerca de espécies vegetais, aplicações ou nomes populares, não só para preservar a memória para o futuro, mas também para o desenvolvimento e aproveitamento sustentável dos recursos.



BIBLIOGRAFIA

- Abreu, A. C., Correia, T.P., Oliveira, R., 2004. Contributos para a identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental, Volume III, Europress, Lisboa,
- Agelet, A. e Vallès, J., 2003. Studies on pharmaceutical ethnobotany in the Region of Pallars (Pyrenees, Catalonia, Iberian Peninsula), Part II, Medicinal uses of non-vascular plants. *Journal of Ethnopharmacology* 84: 211-227.
- Alexiades M. N., 1996. Collecting Ethnobotanical Data: an Introduction to Basic Concepts and Techniques, in M. N. Alexiades, *Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual*: 53-94. The New York Botanical Garden, 306pp
- Almeida, D. A. e Belo, D., 2007. Portugal Património – Guia Inventário, volume I. Círculo de Leitores, Rio de Mouro. 437 pp.
- Alves A., 1986. Os portugueses e a investigação das plantas medicinais e aromáticas de origem tropical. *Farmácia Portuguesa*, 39, “medicamento, história e sociedade”, nº. 3.
- Alves A. F., 1994. Os comeres dos ganhões. Memórias de outros sabores. Campo das Letras, Porto, 136pp.
- Anderson, M. J., 1997. Carl Linnaeus: Father of Classification, *Great Minds of Science*, Enslow Publishers, Springfield, NJ, 128 pp.
- Balick, M. J. e Cox, P.A., 1996. *Plants, People, and Culture: the Science of Ethnobotany*. Scientific American Library, New York, 228 pp.
- Barão, M. J., 2003. Foram cardos foram prosas... *In* A. Soveral Dias, *Etnobotânica – perspectivas, história e utilizações*. Série Ciências da Natureza e do Ambiente nº4: 19-29, Publicações Universidade de Évora, Évora.
- Bernard, H. R., 1988. *Research Methods in Cultural Anthropology*, Newbury Park, CA: Sage Publications
- Blanco, E. e Morales, R., 1994. Etnobotánica. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* 49: (2) 205-222.
- Borges, A.E. e Telhada, M. S., 1996. O lugar das plantas medicinais no contexto etnográfico alentejano. *Património Cultural, Sua Importância*, Revista do Arquivo de Beja, II, série III: 195-188
- Caldeira Cabral, F., 2003. *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*, Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa, 220pp.
- Camejo-Rodrigues, J. S., 2001. Contributo para o Estudo Etnobotânico das Plantas Medicinais e Aromáticas no Parque Natural da Serra de S. Mamede. Relatório de Estágio para a Licenciatura em Biologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 249pp.
- Camejo-Rodrigues, J. S., 2002. Contributo para o Estudo Etnobotânico das Plantas Medicinais e Aromáticas na Área Protegida da Serra do Açor. Relatório de Estágio elaborado no âmbito do Projecto “Plantas Aromáticas e Medicinais da Rede Nacional de Áreas Protegidas”, APPSA, ICN.
- Camejo-Rodrigues, J. S., 2006. Recolha dos ‘Saber-Fazer’ Tradicionais das Plantas Aromáticas e Medicinais, Concelhos de Aljezur, Lagos e Vila do Bispo, Associação Aflosul, Bordeira, 253pp.

- Carapeto, A., 2006. Levantamento Etnobotânico na Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António. Projecto AGRO nº800 “Rede Nacional para a Conservação e Utilização das Plantas Aromáticas e Medicinais”, Castro Marim, 72pp.
- Carvalho, A. M. P., 2005. Etnobotánica del Parque Natural de Montesinho, Plantas, Tradición y Saber Popular en un território del Nordeste de Portugal, Tesis Doctoral, Universidad Autónoma de Madrid, Facultad de Ciencias – Departamento de Biología, Madrid, 465 pp.
- Carvalho, A. e Gomes, M. L., 1973. Alimentação e condições de vida de famílias de trabalhadores rurais alentejanos. Oeiras: Fundação Calouste Gulbenkian, 139pp.
- Castro Caldas, E., 1991. A Agricultura Portuguesa Através dos Tempos. Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 653pp.
- Catana, A., 2003. Artistas da Nossa Terra. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova, 143pp.
- Catana, M. M., 2008a. Valorizar e Divulgar o Património Geológico do Geopark Naturtejo. Estratégias para o Parque Icnológico de Penha Garcia. Tese de Mestrado, Universidade do Minho. 279 pp.
- Catana, M. M., 2008b. Perguntas e respostas sobre a Rota dos fósseis de Penha Garcia. 159 pp.
- Chambers R., Pacey A., Thrupp L. A., 1989. Farmer First: Farmer Innovation and Agricultural Research. Intermediate Technology Publications, London, 218 pp.
- Choay, F., 2006. A alegoria do património. Edições 70, Lisboa. 245 pp.
- Cook, F. E. M., 1995. Economic Botany data collection standard. Prepared for the International Working Group on Taxonomic Databases for Plant Sciences (TDWG), Royal Botanic Gardens, Kew, London, 146pp.
- Costa, J. C., Aguiar, C., Capelo, J. H., Lousã, M., Neto, C., 1998. Biogeografia de Portugal Continental. Quercetea 0: 5-56
- Cotton, C. M., 1996. Ethnobotany: Principles and Applications, John Wiley and Sonns, Ltd, Chichester, England, 436pp.
- Cunha, A. P., Ribeiro, J.A., Roque, O.R., 2007. Plantas Aromáticas em Portugal, caracterização e utilizações, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 328pp.
- de Boef W., Amanor K., Wellard K., 1993. Cultivating Knowledge: Genetic Diversity, Farmer Experimentation and Crop Research. Intermediate Technology Publications, London, 206pp.
- Dialla, B. E., 1994. The adoption of soil conservations practices in Burkina Faso. Indigenous Knowledge e Development Monitor 1(3): 17-18.
- Dias, C., 2003. Inventariação e utilizações locais das plantas aromáticas e medicinais do Parque Natural do Douro Internacional. PNDI, Figueira de Castelo Rodrigo.
- Dias, J. L., 1966. Etnografia da Beira. Volumes V, VII, IX e X, Livraria Ferin, Lisboa
- Fernandes, J., 2001. Plantas Aromáticas e Medicinais no Parque Natural do Douro Internacional. Relatório de Estágio. Parque Natural do Douro Internacional, ICN.

- Ferreira, A. B., Ferreira, D. B., Medeiros, C. A., Moreira, M<sup>a</sup> E., Neto, C. S., Ramos, C., 2005. Geografia de Portugal – 1 O Ambiente Físico, Círculo de Leitores e Autores, Rio de Mouro, 495pp.
- Font Quer, P., 1999. Plantas Medicinales. El Dioscórides renovado, Ediciones Península, Barcelona, 1033pp.
- Ford, R. I., 1994. The Nature and Status of Ethnobotany. Anthropological Papers of the University of Michigan, Museum of Anthropology, N<sup>o</sup> 67, Michigan, 428pp.
- Franco, J. A., 1971 e 1984. Nova flora de Portugal (Continente e Açores), Volumes I e II. Edição de Autor, Lisboa, 1308pp.
- Goodchild, P (2002). Paisagem e Património, Revista da Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas n<sup>o</sup> 3: 6-8
- Guadalupe, V. F., 1965. Recolhas etnográficas em Penha Garcia – Crenças devocionais. Separata da Revista de Portugal – Língua Portuguesa, volume XXX, Lisboa. 132 pp.
- Hernández Bermejo, J. E., García Sanchez, E., 2000. Botánica económica y etnobotánica en al-Andalus (Península Ibérica: siglos X-XV): un patrimonio desconocido de la humanidad. Arbor CLXVI, 654, 311-31pp.
- Jain S., 1987. A Manual of Ethnobotany, Scientific Publishers, India, 228 pp.
- Jacques, L. M., 2005. As Bases Científicas Da Medicina Tradicional Chinesa. Annablume, São Paulo, 170 pp.
- Keddy, P. A., 2005. Milestones in ecological thought – A Canon for plant ecology, Journal of Vegetation Science 16: 145-150, Departament of Biological Sciences, Southeastern Louisiana University, Opulus Press, Hammond.
- Lameira, S., 2006. A Preservação, Conservação e Valorização do Património Cultural em Portugal – Estudos Sectoriais 31. Instituto para a Qualidade na Formação, Lisboa. 215 pp.
- Lobo, E. P. e Lucas, F. A. O. C., 1972. Subsídios para a História e Conhecimento de Penha Garcia. Edição de autor, Castelo Branco. 44 pp.
- Magalhães, M. R., 2001. A Arquitectura Paisagista – Morfologia e Complexidade, Editorial Estampa, Lisboa, 525pp.
- Marcelo, M. L., 1993. Beira Baixa – a memória e o olhar. Editorial Presença, Lisboa. 307 pp.
- Margarido, A., 1994. As Surpresas da Flora no Tempo dos Descobrimentos. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Edições Elo, Mafra, 136pp.
- Marques, A. H., 1978. Introdução à História da Agricultura Portuguesa. Edições Cosmos, Lisboa, 350pp.
- Martin, G. J., 1995. Ethnobotany: A Methods Manual, Chapman and Hall, London, 268pp.
- Mesa-Jiménez, S., 1996. Algunos Elementos para el Análisis Numérico de los Datos en Etnobotánica, Monografías del Jardín Botánico de Córdoba 3.
- Minnis, P. E., 2000. Ethnobotany: A Reader, University of Oklahoma Press, 327 pp.
- Neto Carvalho, C., 2005. Inventário dos Georrecurso – Medidas de geoconservação e estratégias de Promoção Geoturística na Região Naturtejo. In Cruziana'05. Património Paleontológico: da Descoberta ao Reconhecimento, Carvalho, C. N. (org.), pp 46-69. Centro Cultural Raiano, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

- Novais, M. H., 2002. Plantas aromáticas e/ou Medicinais no Parque Natural da Arrábida. Trabalho de Fim de Curso, Universidade de Évora, 233pp.
- Novais, M. H., Santos, I., Mendes, S., Pinto-Gomes, C., 2004. Studies on pharmaceutical ethnobotany in Arrábida Natural Park (Portugal), *Journal of Ethnopharmacology* 93: 183-195.
- Núñez, D. R., Castro, C. O., 1991. La Guía INCAFO de las Plantas Útiles y Venenosas de la Península Ibérica y Baleares (Excluidas Medicinales). INCAFO S. A., Madrid, 1257pp.
- Oliveira, A., Neiva, R., 2001. Plantas Aromáticas e Medicinais do Parque Natural da Serra da Estrela, Seus usos tradicionais. Instituto de Conservação da Natureza. 128pp.
- Pieroni, A., 2000. Medicinal plants and food medicines in the folk traditions of upper Luca province, Italy. *Journal of Ethnopharmacology* 70 (3): 327-341.
- Póvoa, O., 2008. Produção e utilização dos taxa de *Mentha pulegium* e *Mentha cervina* L. Tese de doutoramento, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa.
- Ribeiro, O., 1998. Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. 7ª Edição. Sá da Costa, Lisboa, 188pp.
- Ribeiro, M. e Martins, C., 1995. A tradição já não é o que era dantes. *Economia e sociologia*, 60:29-45
- Rocha, F., 1996. Nomes vulgares de plantas existentes em Portugal, Direcção-Geral de Protecção das Culturas, Lisboa, 591pp.
- Rodrigues, F., Botelho, M., Mendonça, C., Vilela, A., Mendiola, M<sup>a</sup>. A., 2009. Etnobotânica e Desenvolvimento Sustentável: Recordar o Passado para Sustentar o Futuro, 2º Congresso Lusófono de Ciência Regional in Cabo Verde – Redes de Desenvolvimento Regional: 2335-2348.
- Santayana, M. P., 2003. Las plantas en la cultura tradicional de la antigua Merindad de Campoo, [Tesis doctoral], Facultad de Ciencias, Universidade Autónoma de Madrid.
- Santiago, R., 2009. Salvaguarda e Valorização do Património em Espaço Rural – Caso de Estudo: Penha Garcia, Trabalho Final de Curso da licenciatura em Arquitectura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, 50pp.
- Santos, S., 2004. Plantas Medicinais da Península de Setúbal, Contributo para o Conhecimento da sua Relevância Etnobotânica. Relatório de Estágio final de Licenciatura em Biologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Saramago, A., 1997. Para uma história da alimentação no Alentejo. Assírio e Alvim, Lisboa, 317pp
- Schultes, R. E., e von Reis, S., 1995. *Ethnobotany. Evolutions of a Discipline*, Chapman e Hall, London, 416pp.
- Scoones I., Thompson J., 1994. Knowledge, Power and Agriculture – towards a theoretical understanding, in Scoones I., Thompson J., *Beyond Farmer First: Rural People’s Knowledge, Agricultural Research and Extension Practice*, Intermediate Technology Publications, London, pp 16-31.
- Seilacher, A., 2005. *Arte Fóssil*. Printmor-Impressores, Lda. 143 pp.
- Sequeira A. J. D., Proença Cunha P., Ribeiro M. L., 1999. Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000, Folha 25-B. Notícia Explicativa da Folha 25-B (Salvaterra do Extremo), Departamento de Geologia, Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa, 47 p.

Sequeira A. J. D. e Serejo Proença J. M., 2004. O Património Geológico e Geomorfológico do Concelho de Idanha-a-Nova – contributo para a sua classificação como Geoparque. *Geonovas*, N.º 18, pp. 77-92

Sommer, M. R., 2003. Um Estudo sobre a Flora Aromática e Medicinal Utilizada pela População Residente na Área do Parque Natural de Sintra-Cascais e Zonas Envolventes. Relatório de trabalho de fim de curso de Engenharia Agronómica. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia.

Svanberg, I., e Tunón, H., 2000. Ecological Knowledge in the North. *Studies in Ethnobiology, Studia Ethnobiologica* 9, Upsala: Swedish Biodiversity Center, 70pp.

Tavares, C., 1963. A botânica nos colóquios de Garcia de Orta. *Cadernos Garcia de Orta*, nº11: 677-695.

Turner, N. J., 1995. Ethnobotany Today in Northwestern North America, in Richard Evans Schultes and Siri von Reis, *Ethnobotany: Evolution of a Discipline*. Dioscorides Press, San Francisco, pp 264-283.

Vasconcellos, J. Leite de, 1982. *Etnografia Portuguesa*. Volume V, Imprensa Nacional, Lisboa

Vasconcelos, M. T., 1974. Contribuição para um Estudo de Cartografia Vegetal, Relatório de actividades do aluno estagiário do curso de Engenheiro Agrónomo, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa.

Wechtunyagul, P., 2007. The Bridge between Heritage Conversation Planning and Management and the Visitor to Heritage Place. *Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* 5: 125:128. Universidad de La Laguna, Espanha.

#### SÍTIOS DA INTERNET CONSULTADOS

Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural. Disponível em: [http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul\\_doc.php?idd=5](http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=5). Acesso em Maio de 2010.

Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Disponível em: [http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul\\_doc.php?idd=16](http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=16). Acesso em Maio de 2010.

Recomendação para a Salvaguarda da Beleza e Carácter das Paisagens e Lugares. Disponível em: [http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL\\_ID=13067&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=13067&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html). Acesso em Maio de 2010.

Diagnóstico social do Município de Idanha-a-Nova. Acedido em Junho de 2010, em [http://www.cm-idanhanova.pt/gass/pdf/diagnostico\\_social.pdf](http://www.cm-idanhanova.pt/gass/pdf/diagnostico_social.pdf)

Rede Europeia de Geoparques – <http://www.europeangeparks.org>. Acedido em Abril de 2010.

<http://portugal.veraki.pt>. Acedido em Maio de 2010.


<http://www.naturtejo.com>. Acedido em Abril de 2010.

<http://www.globalgeopark.org/publish/portal1/tab59/>. Acedido em Abril de 2010.

## MODELO DO INQUÉRITO

## ESTUDO DO PATRIMÓNIO ETNOBOTÂNICO DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA

**Inquérito efectuado junto aos alunos da Escola do 1º Ciclo de Penha Garcia**

	<p>Olá,</p> <p>Chamo-me Carolina Ribeiro e estou a estudar as plantas selvagens e cultivadas que eram tradicionalmente utilizadas na região de Idanha-a-Nova. Queres ajudar-me?</p> <p>Pede ajuda aos teus pais, avós ou vizinhos e preenche o seguinte questionário. Por favor preenche um questionário por planta. É preferível fazer poucos questionários mas completá-los com a melhor informação possível. É também muito importante trazer a planta inteira (ou, quando esta for uma árvore ou arbusto, um ramo com flores e/ou frutos). Eu posso ensinar-te a secar e prensar a planta, para que ela possa acompanhar o questionário respectivo.</p> <p>Obrigada!</p>
---	--

1. Que nome se dava nesta região a esta planta?

(exemplos: erva-azeitoeira, erva-das-sete-sangrias, verdizela, etc)

2. Como se reconhece a planta?

(exemplo: pela forma das suas folhas e pela cor esbranquiçada dos raminhos novos)

3. Para que é que se usa?

(assinala com uma, ou mais cruces)

alimentação

aromática

ornamental

medicinal

outros. Quais? \_\_\_\_\_

4. Que parte da planta usa?

(exemplo: apenas as flores)

5. Qual o modo de preparação?

(exemplo: as folhas, depois de secas, são utilizadas para fazer chá. Para cerca de um litro de chá utiliza-se uma colher de sopa de folhas)

6. Tem a planta em casa (no quintal ou na horta), ou costuma apanhar a planta na Natureza? Se não tem em casa, onde costuma encontrá-la?

(exemplo: campo agrícola, mato, margens do rio, etc)

7. Em que altura do ano se pode apanhar? Que outros cuidados é necessário ter na sua colheita?

(exemplo: apanhar a planta durante o dia, com as flores abertas)

8. Como se conserva?

Nome da pessoa que respondeu ao inquérito: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

## ANEXO II



FOTOGRAFIA DE UMA *Drosera rotundifolia*, NAS MARGENS DO RIO PÔNSUL. PENHA GARCIA, MAIO DE 2010.

## ANEXO III



ICNOFÓSSIL DE *CRUZIANA* NA ROTA DOS FÓSSEIS. PENHA GARCIA, MAIO DE 2010



### RECEITAS DE PENHA GARCIA

Nota: “A sopa dos dois tombinhos” é uma expressão para dizer que uma só receita dava para comer o primeiro e segundo “pratos”, como se fosse a sopa e o prato principal. Todas as receitas foram dadas pela Dona Josefina Pissarra.

#### **Migas de batata**

Ferve-se a cebola com azeite, põe-se as batatas às rodelas com alho e louro, faz-se um refogado, depois põe-se uns baguinhos de arroz, para não ser só batata. Deita-se água e **segurelha** e fica a ferver mais um bocadinho. As batatas ficam aos bocadinhos e fica um caldo muito bom.

Primeiro punham-se fatias de pão no prato e regava-se com o caldo e com uns bocadinhos de batata (o primeiro tombinho). Depois com o que ficava no tacho, já sem caldo, fazia-se o segundo tombinho: por cima de uma fatia de pão, outra vez, punham-se as batatas às quais se juntou um bocadinho de sal e azeite cru.

#### **Sopa de feijão-frade**

Coze-se o feijão e a batata migadinha (não se tira o caldo), depois junta-se azeite e cebola picada, uns baguinhos de arroz e um raminho de **poejos**. Fica a ferver mais um bocadinho. Depois para se comer faz-se o mesmo que com a miga de batata, come-se duas vezes com pão. A primeira com o caldo e uns bocaditos de feijão e batata e a segunda regada com azeite cru.

#### **Sopa de gravaços (a sopa dos casamentos)**

É típica mesmo de Penha Garcia, era a sopa que se servia sempre nos casamentos. Coze-se o grão (em Penha Garcia chamam-lhes gravaços) com um bocadinho de cabrito, para dar gosto (um bocado da cabeça ou da pata). Quando está cozido pica-se a cebola para dentro da panela, um dente de alho e azeite. Coze-se para o azeite, depois junta-se “cotovelinhos” e um grande ramo de **hortelã** e ferve mais um bocadinho.

## ANEXO V

TABELA 3. INDICAÇÃO DO NÚMERO DAS ENTREVISTAS, SEXO E IDADE DOS INFORMANTES.

ENTREVISTA	SEXO	IDADE
1	Masculino	83
2	Masculino	87
3	Feminino (3 informantes)	86, 76 e 69
4	Feminino	47
5	Masculino	50
6	Feminino	79
7	Feminino	75
8	Feminino	85
9	Feminino	37
10	Feminino	63
11	Feminino	52
12	Feminino	67
13	Feminino	55

## ANEXO VI

TABELA 4. INDICAÇÃO DO NÚMERO DOS INQUÉRITOS, SEXO E IDADE DOS INFORMANTES

INQUÉRITO	SEXO	IDADE
1	Feminino	7
2	Feminino	37
3	Feminino	44
4	Feminino	52
5	Feminino	61
6	Feminino	42
7	Feminino	65
8	Feminino	40
9	Feminino	39
10	Feminino	52
11	Feminino	34
12	Feminino	8
13	Feminino	9
14	Feminino	28
15	Feminino	8
16	Feminino	8
17	Feminino	8

## ANEXO VII

## LISTA DE ESPÉCIES ORDENADA POR TIPO DE USO MAIS CITADO

TIPO DE USO	ESPÉCIE	FAMÍLIA
Medicinal	<i>Centaurium erythraea</i> Rafn.	<i>Gentianaceae</i>
	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	<i>Rutaceae</i>
	<i>Cydonia oblonga</i> Miller	<i>Rosaceae</i>
	<i>Eucalyptus globulus</i>	<i>Myrtaceae</i>
	<i>Ficus carica</i> L.	<i>Moraceae</i>
	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	<i>Umbelliferae</i>
	<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl subsp. <i>angustifolia</i>	<i>Oleaceae</i>
	<i>Geranium purpureum</i> Vill.	<i>Geraniaceae</i>
	<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moench	<i>Compositae</i>
	<i>Hypericum linariifolium</i> Vahl	<i>Guttiferae</i>
	<i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>stoechas</i>	<i>Labiatae</i>
	<i>Lithodora diffusa</i> (Lag.) I. M. Johnston	<i>Boraginaceae</i>
	<i>Melissa officinalis</i> L.	<i>Labiatae</i>
	<i>Mentha pulegium</i> L.	<i>Labiatae</i>
	<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.	<i>Labiatae</i>
	<i>Olea europaea</i> L. var. <i>europaea</i>	<i>Oleaceae</i>
	<i>Opuntia maxima</i> Mill.	<i>Cactaceae</i>
	<i>Parietaria judaica</i> L.	<i>Urticaceae</i>
	<i>Paronychia argentea</i> Lam.	<i>Caryophyllaceae</i>
	<i>Phlomis lychnitis</i> L.	<i>Lamiaceae</i>
	<i>Pinus pinaster</i> Ait.	<i>Pinaceae</i>
	<i>Pterospartum tridentatum</i> (L.) Willk. in Willk & Lange subsp. <i>tridentatum</i>	<i>Leguminosae</i>
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	<i>Labiatae</i>
	<i>Salix alba</i> L.	<i>Salicaceae</i>
	<i>Sambucus nigra</i> L.	<i>Caprifoliaceae</i>
	<i>Satureja baetica</i> (Boiss. & Heldr.) Pau	<i>Labiatae</i>
	<i>Satureja hortensis</i> L.	<i>Labiatae</i>
	<i>Taraxacum officinale</i> Weber	<i>Compositae</i>
	<i>Thymus mastichina</i> L.	<i>Labiatae</i>
	<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy in Ridd.	<i>Crassulaceae</i>
<i>Vicia faba</i> L.	<i>Leguminosae</i>	
<i>Zea mays</i> L.	<i>Graminaceae</i>	

Alimentar	<p><i>Arbutus unedo</i> L.  <i>Bryonia dioica</i> Jacq.  <i>Cistus ladanifer</i> L.  <i>Cydonia oblonga</i> Miller  <i>Ficus carica</i> L.  <i>Helianthus tuberosus</i> L.  <i>Lithodora diffusa</i> (Lag.) I. M. Johnston  <i>Mentha pulegium</i> L.  <i>Mentha x piperita</i> L.  <i>Myrtus communis</i> L.  <i>Olea europaea</i> L. var. <i>europaea</i>  <i>Opuntia maxima</i> Mill.  <i>Portulaca oleracea</i> L.  <i>Pyrus bourgaeana</i> Decne.  <i>Quercus rotundifolia</i> Lam.  <i>Quercus suber</i> L.  <i>Raphanus raphanistrum</i> L. sbsp. <i>raphanistrum</i>  <i>Rumex induratus</i> Boiss. &amp; Reuter  <i>Rumex pulcher</i> L. subsp. <i>woodsii</i> (De Not.) Arcang.  <i>Sambucus nigra</i> L.  <i>Taraxacum officinale</i> Weber</p>	<p><i>Ericaceae</i>  <i>Cucurbitaceae</i>  <i>Cistaceae</i>  <i>Rosaceae</i>  <i>Moraceae</i>  <i>Compositae</i>  <i>Boraginaceae</i>  <i>Labiatae</i>  <i>Labiatae</i>  <i>Myrtaceae</i>  <i>Oleaceae</i>  <i>Cactaceae</i>  <i>Portulacaceae</i>  <i>Rosaceae</i>  <i>Fagaceae</i>  <i>Fagaceae</i>  <i>Cruciferae</i>  <i>Polygonaceae</i>  <i>Polygonaceae</i>  <i>Caprifoliaceae</i>  <i>Compositae</i></p>
Aromático	<p><i>Cistus ladanifer</i> L.  <i>Foeniculum vulgare</i> Mill.  <i>Laurus nobilis</i> L.  <i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>stoechas</i>  <i>Mentha pulegium</i> L.  <i>Mentha x piperita</i> L.  <i>Origanum virens</i> Hoffmanns. et Link  <i>Pterospartum tridentatum</i> (L.) Willk. in Willk &amp; Lange  subsp. <i>tridentatum</i>  <i>Rosmarinus officinalis</i> L.  <i>Satureja baetica</i> (Boiss. &amp; Heldr.) Pau  <i>Satureja hortensis</i> L.  <i>Thymus mastichina</i> L.</p>	<p><i>Cistaceae</i>  <i>Umbeliferae</i>  <i>Lauraceae</i>  <i>Labiatae</i>  <i>Labiatae</i>  <i>Labiatae</i>  <i>Labiatae</i>  <i>Leguminosae</i>  <i>Labiatae</i>  <i>Labiatae</i>  <i>Labiatae</i></p>
Industrial/Artesanal	<p><i>Cistus ladanifer</i> L.  <i>Cynara cardunculus</i> L.  <i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>stoechas</i>  <i>Phytolacca americana</i> L.</p>	<p><i>Cistaceae</i>  <i>Compositae</i>  <i>Labiatae</i>  <i>Phytolaccaceae</i></p>

	<i>Pinus pinaster</i> Ait. <i>Pyrus bourgaeana</i> Decne. <i>Quercus rotundifolia</i> Lam. <i>Quercus suber</i> L. <i>Rosmarinus officinalis</i> L. <i>Salix alba</i> L. <i>Typha</i> sp.	<i>Pinaceae</i> <i>Rosaceae</i> <i>Fagaceae</i> <i>Fagaceae</i> <i>Labiatae</i> <i>Salicaceae</i> <i>Thyphaceae</i>
Ornamental	<i>Arbutus unedo</i> L. <i>Helianthus tuberosus</i> L. <i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>stoechas</i> <i>Phytolacca americana</i> L. <i>Rosa canina</i> L.	<i>Ericaceae</i> <i>Compositae</i> <i>Labiatae</i> <i>Phytolaccaceae</i> <i>Rosaceae</i>
Folclore	<i>Chamaemelum mixtum</i> (L.) All. <i>Rosa canina</i> L. <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	<i>Compositae</i> <i>Rosaceae</i> <i>Labiatae</i>

## ANEXO VIII

## LISTA DE NOMES POPULARES LOCAIS, ORDENADA ALFABETICAMENTE

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO
alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.
alfavaca da cobra	<i>Parietaria judaica</i> L.
arlíquia	<i>Hypericum linariifolium</i> Vahl
arnica	
azedas	<i>Rumex induratus</i> Boiss. & Reuter
azinheira	<i>Quercus rotundifolia</i> Lam.
azinho	
atarata	<i>Helianthus tuberosus</i> L.
bela luz	<i>Thymus mastichina</i> L.
beldroegas	<i>Portulaca oleracea</i> L.
cardo	<i>Cynara cardunculus</i> L.
carqueija	<i>Pterospartum tridentatum</i> (L.) Willk. in Willk & Lange subsp. <i>tridentatum</i>
carqueja	
chá-prata	<i>Paronychia argentea</i> Lam.
chá-de-santa-maria	<i>Parietaria judaica</i> L.
chá-de-são-roberto	<i>Geranium purpureum</i> Vill.
chupa-mel	<i>Lithodora diffusa</i> (Lag.) I. M. Johnston
cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.
dente de leão	<i>Taraxacum officinale</i> Weber
erva-das-sete-sangrias	<i>Lithodora diffusa</i> (Lag.) I. M. Johnston
erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.
erva-de-santa-maria	<i>Geranium purpureum</i> Vill.
erva-de-são-roberto	
erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.
erva-mijadeira	<i>Paronychia argentea</i> Lam.

erva-mijateira	
erva-prata	
estevas	<i>Cistus ladanifer</i> L.
eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>
eucalipto da folha larga	
fava	<i>Vicia faba</i> L.
faveira	
fel-da-Terra	<i>Centaurium erythraea</i> Rafn.
figos	<i>Ficus carica</i> L.
figos-chumbos	<i>Opuntia maxima</i> Mill.
figueira	<i>Ficus carica</i> L.
figueira-chumba	<i>Opuntia maxima</i> Mill.
freixo	<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl subsp. <i>angustifolia</i>
galula	<i>Cydonia oblonga</i> Miller
cachos da Índia	<i>Phytolacca americana</i> L.
hipiricão	<i>Hypericum linariifolium</i> Vahl
hortelã	<i>Mentha x piperita</i> L.
labaça	<i>Rumex pulcher</i> L. subsp. <i>woodsii</i> (De Not.) Arcang.
laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck
letuga	<i>Taraxacum officinale</i> Weber
loureiro	<i>Laurus nobilis</i> L.
louro	
madronho	<i>Arbutus unedo</i> L.
marcela	<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moench
margaça	<i>Chamaemelum mixtum</i> (L.) All.
marmeleiro	<i>Cydonia oblonga</i> Miller
marrolhos	<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy in Ridd.
medronheiro	<i>Arbutus unedo</i> L.

mentraste	<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.
mentrasto	
milho	<i>Zea mays</i> L.
mirtilho bravo	<i>Myrtus communis</i> L.
montrastes	<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.
murtanheira	<i>Myrtus communis</i> L.
murteira	
nabiças bravas	<i>Raphanus raphanistrum</i> L. subsp. <i>raphanistrum</i>
nevda	<i>Satureja baetica</i> (Boiss. & Heldr.) Pau
neveda	
nêveda	
norça	<i>Bryonia dioica</i> Jacq.
oliveira	<i>Olea europaea</i> L. var. <i>europaea</i>
orégãos	<i>Origanum virens</i> Hoffmanns. et Link
orégãos bravos	
pereiro do menino Jesus	<i>Pyrus bourgaeana</i> Decne.
pinheiro-bravo	<i>Pinus pinaster</i> Ait.
pinho	
piteira	<i>Opuntia maxima</i> Mill.
poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.
poejos	
rosmaninho	<i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>stoechas</i>
rosmano	
sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.
salgueiro-branco	<i>Salix alba</i> L.
salva-brava	<i>Phlomis lychnitis</i> L.
saramagos	<i>Raphanus raphanistrum</i> L. subsp. <i>raphanistrum</i>
segurelha	<i>Satureja hortensis</i> L.



sete-sangrias	<i>Lithodora diffusa</i> (Lag.) I. M. Johnston
silva macha	<i>Rosa canina</i> L.
sobreiro	<i>Quercus suber</i> L.
sobrelha	<i>Satureja hortensis</i> L.
sobro	<i>Quercus suber</i> L.
tabúa	<i>Typha</i> sp.
xaras	<i>Cistus ladanifer</i> L.

LISTA DE NOMES POPULARES DE PLANTAS QUE NÃO FORAM IDENTIFICADAS

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO POSSÍVEL
abróita abrótea	
bredos	<i>Amaranthus</i> spp.
carrondos	<i>Cytinus hypocistis</i>
charguaço	<i>Halimium lasianthum</i>
giesta-negra	<i>Cytisus</i> spp.
gradilhas	
linho	<i>Linum</i> spp.
malvas	<i>Malva</i> spp. ou <i>Lavatera</i> spp.
margueira	
meruje merujem	
patinhas de égua	
queiró	<i>Erica</i> spp.
rabaça	<i>Apium nodiflorum</i>
tortulhos	
urtigas urtigas brancas	

## LISTA DE ESPÉCIES ORDENADA POR FAMÍLIAS

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO
<i>Boraginaceae</i>	<i>Lithodora diffusa</i> (Lag.) I. M. Johnston
<i>Cactaceae</i>	<i>Opuntia maxima</i> Mill.
<i>Caprifoliaceae</i>	<i>Sambucus nigra</i> L.
<i>Caryophyllaceae</i>	<i>Paronychia argentea</i> Lam.
<i>Cistaceae</i>	<i>Cistus ladanifer</i> L.
<i>Compositae</i>	<i>Chamaemelum mixtum</i> (L.) All.
	<i>Cynara cardunculus</i> L.
	<i>Helianthus tuberosus</i> L.
	<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moench
	<i>Taraxacum officinale</i> Weber
<i>Crassulaceae</i>	<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy in Ridd.
<i>Cruciferae</i>	<i>Raphanus raphanistrum</i> L. subsp. <i>raphanistrum</i>
<i>Cucurbitaceae</i>	<i>Bryonia dioica</i> Jacq.
<i>Ericaceae</i>	<i>Arbutus unedo</i> L.
<i>Fagaceae</i>	<i>Quercus rotundifolia</i> Lam.
	<i>Quercus suber</i> L.
<i>Gentianaceae</i>	<i>Centaurium erythraea</i> Rafn.
<i>Geraniaceae</i>	<i>Geranium purpureum</i> Vill.
<i>Gramineae</i>	<i>Zea mays</i> L.
<i>Guttiferae</i>	<i>Hypericum linariifolium</i> Vahl
<i>Labiatae</i>	<i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>stoechas</i>
	<i>Melissa officinalis</i> L.
	<i>Mentha pulegium</i> L.
	<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.
	<i>Mentha x piperita</i> L.

	<i>Origanum virens</i> Hoffmanns. et Link
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.
	<i>Satureja baetica</i> (Boiss. & Heldr.) Pau
	<i>Satureja hortensis</i> L.
	<i>Thymus mastichina</i> L.
<i>Lamiaceae</i>	<i>Phlomis lychnitis</i> L.
<i>Lauraceae</i>	<i>Laurus nobilis</i> L.
<i>Leguminosae</i>	<i>Pterospartum tridentatum</i> subsp. <i>tridentatum</i> (L.) Willk. in Willk & Lange
	<i>Vicia faba</i> L.
<i>Moraceae</i>	<i>Ficus carica</i> L.
<i>Myrtaceae</i>	<i>Eucalyptus</i> sp.
	<i>Myrtus communis</i> L.
<i>Oleaceae</i>	<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl subsp. <i>angustifolia</i>
	<i>Olea europaea</i> L. var. <i>europaea</i>
<i>Phytolaccaceae</i>	<i>Phytolacca americana</i> L.
<i>Pinaceae</i>	<i>Pinus pinaster</i> Ait.
<i>Polygonaceae</i>	<i>Rumex induratus</i> Boiss. & Reuter
	<i>Rumex pulcher</i> L. subsp. <i>woodsii</i> (De Not.) Arcang.
<i>Portulacaceae</i>	<i>Portulaca oleracea</i> L.
<i>Rosaceae</i>	<i>Cydonia oblonga</i> Miller
	<i>Pyrus bourgeana</i> Decne
	<i>Rosa canina</i> L.
<i>Rutaceae</i>	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck
<i>Salicaceae</i>	<i>Salix alba</i> L.
<i>Thyphaceae</i>	<i>Typha</i> sp.
<i>Umbelliferae</i>	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.
<i>Urticaceae</i>	<i>Parietaria judaica</i> L.

## ANEXO X

LISTA DE PLANTAS ÚTEIS, ORDENADA POR NOME CIENTÍFICO, RESPECTIVOS NOMES POPULARES E UTILIZAÇÕES

NOME CIENTÍFICO	NOME(S) POPULAR(ES)	Uso: UTILIZAÇÃO
<i>Arbutus unedo</i> L.	Madronho Medronheiro	Alimentar: O fruto come-se e serve para fazer aguardente. Ornamental: Para embelezar jardins e quintais
<i>Bryonia dioica</i> Jacq.	Norça	Alimentar: Comem-se os talos tenros
<i>Centaurium erythraea</i> Rafn.	Fel-da-Terra	Medicinal: Chá para baixar a febre, crises de fígado, perdas de apetite e diabetes
<i>Chamaemelum mixtum</i> (L.) All.	Margaça	Folclore: para fazer colares e jogos infantis
<i>Cistus ladanifer</i> L.	Xaras, Estevas	Alimentar: Comiam-se as flores Aromático: Limpar os fornos onde se fazia o pão Industrial: Pregos de madeira
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira	Medicinal: Chá para enjoos e dor de cabeça
<i>Cydonia oblonga</i> Miller	Marmeleiro Galula	Alimentar: Comia-se a flor Medicinal: Chá para o coração e nervos
<i>Cynara cardunculus</i> L.	Cardo	Industrial: Coalhar o leite
<i>Eucalyptus globulus</i>	Eucalipto Eucalipto da folha larga	Medicinal: Vapores para as constipações e respiração Água de ferver as folhas para queimaduras
<i>Ficus carica</i> L.	Figos Figueira	Alimentar: Fruto fresco e seco Medicinal: Leite dos figos para queimar verrugas. Chá de figos secos para a tosse
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	Aromático: “abrunhelos” (doce de Natal) e castanhas cozidas

<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl subsp. <i>angustifolia</i>	Freixo	Medicinal: Chá para as dores nos ossos Industrial: Móveis e utensílios domésticos
<i>Geranium purpureum</i> Vill.	Chá-de-São-Roberto Erva-de-Santa-Maria Erva-de-São-Roberto	Medicinal: Chá para dores de estômago, barriga e inflamações nos intestinos
<i>Helianthus tuberosus</i> L.	Batarata	Alimentar: Come-se a raiz Ornamental: Jardins e quintais
<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moench	Marcela	Medicinal: Lavar os olhos
<i>Hypericum linariifolium</i> Vahl	Arlíquia Arnica Hipiricão	Medicinal: Chá para o fígado e todas as infecções. Água de ferver as flores para curar cicatrizes e nódoas negras
<i>Laurus nobilis</i> L.	Loureiro Louro	Aromático: Batatas, arroz, ensopados e migas de batata
<i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>stoechas</i>	Rosmano Rosmaninho	Medicinal: Chá para constipação e “para tudo” (panaceia) Industrial: Limpar o cortiço das colmeias Aromático: perfumar as casas Ornamental: Canteiros
<i>Lithodora diffusa</i> (Lag.) I. M. Johnston	Sete-sangrias Erva-das-sete-sangrias Chupa-mel	Medicinal: Chá para purificar ou aclarar o sangue Alimentar: Chupam-se as flores
<i>Melissa officinalis</i> L.	Cidreira Erva-cidreira	Medicinal: Chá para a má disposição
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo Poejos	Medicinal: Chá para fazer parar o sangue do nariz, catarro e gripe Alimentar: Sopa

		Aromático: Migas de peixe, caldeirada e sopa de feijão-frade
<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.	Mentrasto Mentraste Montrastes	Medicinal: Chá para a digestão. Água de ferver as folhas para lavar feridas
<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã	Aromático: Canja, sopa de grão e ensopado de borrego Alimentar: Chá
<i>Myrtus communis</i> L.	Murteira Murtanheira Mirtilho bravo	Alimentar: Fruto para comer e para fazer licor
<i>Olea europaea</i> L. var. <i>europaea</i>	Oliveira	Alimentar: Fruto Medicinal: Chá para baixar a tensão
<i>Opuntia maxima</i> Mill.	Figueira-chumba Piteira Figos-chumbos	Alimentar: Fruto Medicinal: Líquido das “palmas” faz bem “a tudo” (panaceia) Ornamental: Sebes, bermas de caminhos
<i>Origanum virens</i> Hoffmanns. et Link	Orégãos Orégãos bravos	Aromático: Enchidos, diversos pratos
<i>Parietaria judaica</i> L.	Alfavaca da cobra Chá-de-Santa-Maria	Medicinal: Chá para o organismo e desintoxicar (panaceia)
<i>Paronychia argentea</i> Lam.	Erva-prata Erva-mijadeira Erva-mijateira Chá-prata	Medicinal: Chá para todos os males das vias urinárias
<i>Phlomis lychnitis</i> L.	Salva brava	Medicinal: Chá para os enjoos, afrontamentos e hemorragias

<i>Phytolacca americana</i> L.	Gachos da Índia	Industrial: Tingir o couro dos sapatos e marcar tecidos Ornamental
<i>Pinus pinaster</i> Ait.	Pinho Pinheiro bravo	Industrial: Móveis, utensílios domésticos e arado de terra Medicinal: Chá para a constipação
<i>Portulaca oleracea</i> L.	Beldroegas	Alimentar: Sopa
<i>Pterospartum tridentatum</i> (L.) Willk. in Willk & Lange subsp. <i>tridentatum</i>	Carqueija Carqueja	Medicinal: Chá para o coração, fígado e dores de cabeça Aromático: Carne, coelho e arroz
<i>Pyrus bourgaeana</i> Decne.	Pereiro do menino Jesus	Alimentar: Fruto Industrial: Colheres de pau
<i>Quercus rotundifolia</i> Lam.	Azinhão Azinheira	Alimentar: Bolota para alimentar os porcos. Também se cozinhava a bolota Industrial: Arado de mão, móveis, vassouras
<i>Quercus suber</i> L.	Sobro Sobreiro	Alimentar: Bolota para alimentar os porcos Industrial: Tropeços, cortiços
<i>Raphanus raphanistrum</i> L. subsp. <i>raphanistrum</i>	Saramagos Nabiças bravas	Alimentar: Sopa e esparregado
<i>Rosa canina</i> L.	Silva macha	Folclore: Para afugentar os maus-olhados e as bruxas Ornamental: Jardins e quintais
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Medicinal: Chá para a memória Folclore: Pendura-se no quarto um ramo, para ajudar a estudar (memória) Aromático: Carne e peixe Industrial: Lavar o cabelo
<i>Rumex induratus</i> Boiss. & Reuter	Azedas	Alimentar: Saladas

<i>Rumex pulcher</i> L. subsp. <i>woodsii</i> (De Not.) Arcang.	Labaça	Alimentar: Sopas, acompanhar o feijão, esparregado e saladas
<i>Salix alba</i> L.	Salgueiro branco	Industrial: Cestos e mobílias Medicinal: Chá para as artroses
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	Medicinal: Chá para o reumatismo e pneumonia Alimentar: “Vinho a martelo”
<i>Satureja baetica</i> (Boiss. & Heldr.) Pau	Neveda Nevda Nêveda	Medicinal: Chá para atenuar os problemas menstruais Aromático: Carne
<i>Satureja hortensis</i> L.	Segurelha Sobrelha	Aromático: Sopa de feijão verde e migas de batata Medicinal: Chá para as vias urinárias
<i>Taraxacum officinale</i> Weber	Leituga Dente-de-leão	Alimentar: Sopas e saladas Medicinal: Chá para tudo (Panaceia)
<i>Thymus mastichina</i> L.	Bela luz	Aromático: Sopa de feijão verde, pratos de peixe e carne Medicinal: Chá para as vias urinárias
<i>Typha</i> sp.	Tabúa	Industrial: Para fazer os assentos das cadeiras
<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy in Ridd.	Marrolhos	Medicinal: Chá para o colesterol, água de ferver as folhas para lavar queimaduras e feridas
<i>Vicia faba</i> L.	Fava Faveira	Medicinal: Queimaduras
<i>Zea mays</i> L.	Milho	Medicinal: Chá para baixar a febre